

FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS  
BACHARELADO EM TEOLOGIA

**IR. MARCELA CRISTINA GONZALEZ**

**REVELAÇÃO DA PATERNIDADE DIVINA COM A COMPLEMENTARIEDADE  
DOS SEXOS: UMA VISÃO FRANCISCANA**

ANÁPOLIS – GO  
2015

**IR. MARCELA CRISTINA GONZALEZ**

**REVELAÇÃO DA PATERNIDADE DIVINA COM A COMPLEMENTARIEDADE  
DOS SEXOS: UMA VISÃO FRANCISCANA**

Trabalho de conclusão apresentado à  
Faculdade Católica de Anápolis no curso  
de bacharelado em Teologia na disciplina  
TCC sob a orientação do Professor Dr. Fr.  
Flávio Pereira Nolêto, O.F.M.

ANÁPOLIS - GO

2015

## FOLHA DE APROVAÇÃO

### REVELAÇÃO DA PATERNIDADE DIVINA COM A COMPLEMENTARIEDADE DOS SEXOS: UMA VISÃO FRANCISCANA

Trabalho de Conclusão para obtenção de diploma de graduação em Teologia, apresentado à Faculdade Católica de Anápolis.

Anápolis, 19 de fevereiro de 2016.

#### BANCA EXAMINADORA

---

Prof.Dr. Fr. Flávio Pereira Nolêto, O.F.M.  
Orientador

---

Prof. Pe. Dr. Françoá Costa  
Coordenador do curso

---

Prof. Pe. Fábio Aparecido Barbosa

## AGRADECIMENTOS

A Deus por me ter dado a oportunidade de estudar e pelas pessoas que foram canal da sua providência.  
Aos meus professores, entre os quais àqueles que se dispuseram a corrigir meus trabalhos extra acadêmicos.  
Ao meu orientador pela disponibilidade e paciência.  
À um casal especial: meus pais, com os quais aprendi as distintas funções da paternidade e maternidade.  
Às minhas irmãs e irmão que me iniciaram na vida de fraternidade. E toda a família: meus avós, tios e primos.  
À minha família religiosa com a presença de irmãs, irmãos, leigos casados e solteiros.  
Aos meus amigos, que tornam o sonho da fraternidade entre homem e mulher uma realidade do mundo presente.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>08</b>
<b>1. FUNDAMENTOS DA FRATERNIDADE PARA SÃO FRANCISCO DE ASSIS</b> .....	<b>10</b>
1.1. A ENCARNAÇÃO E A REDENÇÃO: CRISTO É O IRMÃO .....	11
1.2. O RESPEITO PELA PATERNIDADE DIVINA .....	15
1.3. FRANCISCO COMO MÃE.....	18
<b>2. RELAÇÃO ENTRE PATERNIDADE DIVINA E FRATERNIDADE HUMANA</b> .....	<b>25</b>
2.1. DEUS É PAI.....	26
2.2. DEUS PAI COM AMOR DE MÃE NO LIVRO DO PROFETA ISAÍAS .....	29
2.3. REVELAÇÃO PROGRESSIVA DA PATERNIDADE E DA FRATERNIDADE COM SUAS EXIGÊNCIAS .....	32
<b>3. DEUS É PAI DA CRIAÇÃO</b> .....	<b>38</b>
3.1. O CÂNTICO DAS CRIATURAS .....	38
3.2. HOMEM E MULHER OS CRIOU .....	45
3.3. HOMEM E MULHER CRIADOS À IMAGEM DA PATERNIDADE DIVINA .....	50
<b>4. DEUS É PAI NA REDENÇÃO</b> .....	<b>60</b>
4.1. O NOVO ADÃO: FRATERNIDADE REVELADA EM CRISTO .....	60
4.2. A NOVA EVA: PARTICIPAÇÃO DE MARIA NA PATERNIDADE DIVINA .....	63
4.3. FRANCISCO E CLARA SE COMPLETAM .....	75
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>83</b>

## **SIGLAS E ABREVIATURAS**

a.: artigo

CDF: Congregação para a doutrina da fé.

CTH : Comissão Teológico- Histórica do grande jubileu do ano 2000.

CV: *Caritas in Veritati*

DCE: *Deus Caritas est*

DEV: *Dominum et vivificantem.*

DM: *Dives in Misericordia*

DV: *Dei Verbum*

FC: Fontes Clarianas

FF: Fontes Franciscanas.

GS: *Gaudium et Spes*

LG: *Lumen Gentium*

LS: *Laudato Si*

MD: *Mulieris Dignitatem*

MV: *Misericordiae Vultus*

p.ex.: por exemplo

q.: questão

rep.: resposta

RH: *Redemptor Hominis*

RM: *Redemptoris Mater*

s.d.: *sine die* = “sem data”

S.TH.: Suma Teológica

Sol.: solução

SS: *Sollicitudo Rei Socialis*

## **SIGLAS DAS FONTES FRANCISCANAS**

1C: Tomás de Celano, Vida I

1Rg: Regra não bulada da Ordem dos Frades Menores (Primeira Regra)

2C: Tomás de Celano, Vida II

2Rg: Regra Bulada da Ordem dos Frades Menores (segunda Regra)

4Ct-a: Carta aos fiéis (primeira recensão)

4Ct-b: Carta aos fiéis (segunda recensão)

7Ct: Carta a toda a Ordem dos Frades Menores

Erm: Regra para os eremitérios

LM: São Baventura, Legenda Maior

LP: Legenda Perusina

Test.: Testamento

### **SIGLAS DAS FONTES CLARIANAS**

3CtIn: Terceira Carta de Santa Clara a Inês de Praga

ProcC: Processo de Canonização

TestC: Testamento de Santa Clara

## INTRODUÇÃO

Quando chamamos Deus de Pai associamos a figura terrena do pai biológico. Porém, Deus que é infinito, transcende tudo aquilo que dEle podemos exprimir. Evidentemente, há motivos para ter assim se revelado com o nome de Pai. Revelação essa que passa por etapas na história salvífica desde a criação até a encarnação e redenção. Junto da compreensão de paternidade divina se expande de forma proporcional temas relacionados como: fraternidade, filiação, expiação (solidariedade). Deus que se revelou como Pai, toma da nossa linguagem expressões maternas para exprimir sua paternidade transcendente. São Francisco, que respeita profundamente a paternidade de Deus, usa expressões maternas e exige de seus frades atitudes marcadamente femininas para a vivência da fraternidade. Para o Santo de Assis, a paternidade e a maternidade são importantes para formar a fraternidade.

Por essas razões pretendo estudar como São Francisco compreende a fraternidade e a paternidade divina. Procuraremos uma resposta teológica que justifique São Francisco servir-se de expressões femininas para ensinar os seus frades a vida de fraternidade. Desejo aprofundar no aspecto complementar do homem e da mulher como foram revelados na criação (Adão e Eva) e redenção (Novo Adão e Nova Eva).

O que despertou minha curiosidade de pesquisa foram as indagações seguintes: se a paternidade transcendente é o fundamento da fraternidade humana e cristã, o que teria levado São Francisco a falar em elementos maternos? Como pôde São Francisco apresentar o modelo feminino da maternidade para ser seguido por seus irmãos que são homens?

São questões que proponho responder no presente trabalho e que considero importante diante do contexto atual da ideologia de gênero, que tem confundido os papéis de homem e mulher. Assim, desejo defender a dignidade de ambos: homem e mulher, com as suas diferenças e complementaridades à imagem de Deus.

É preocupante como tal ideologia tem se alastrado de forma semelhante a uma epidemia social. Por causa dessa ditadura ideológica não são mais valorizadas as diferenças entre homem e mulher, muitos jovens estão em uma crise criada pela

imposição desse pensamento hodierno sobre a sua identidade sexual. Ora, essa crise não deveria existir, pois a identidade sexual se trata de algo irrenunciável e inegável. A palavra 'gênero' aplicada ao sexo é uma manipulação linguística da ideologia. Pois na gramática o termo 'gênero' se define como uma propriedade dos substantivos que produz efeitos na concordância com os determinados adjetivos, artigos e pronomes e não está relacionado com o sexo biológico. Portanto, nós não temos gênero como as palavras e sim sexo.

Neste trabalho irei me basear nas fontes franciscanas e nas catequeses sobre a teologia do corpo de São João Paulo II, a pesquisa será de fonte bibliográfica com exceção de uma entrevista gravada com Frei Dorvalino, OFM. No capítulo I tomaremos textos das fontes franciscanas que mostrarão melhor a problemática inicialmente levantada. Seguirá uma breve reflexão de um possível motivo teológico para a questão do porquê chamamos Deus de Pai. No segundo Capítulo estudaremos como a paternidade divina se relaciona com a fraternidade humana e como ambas são progressivamente reveladas. Veremos como Deus revela seu amor numa linguagem feminina, sobretudo no livro do profeta Isaías. No terceiro capítulo vamos refletir a revelação da paternidade de Deus na criação, relacionando a aliança entre o homem e a mulher no 'sacramento da criação'. No quarto e último capítulo vamos pensar em Cristo e Maria, ou seja, o novo Adão e a nova Eva na revelação da paternidade de Deus e a participação de ambos no 'sacramento da redenção'. Terminaremos com Francisco e Clara e sua complementaridade na virgindade e celibato a favor do Reino dos Céus.

## 1. FUNDAMENTOS DA FRATERNIDADE PARA SÃO FRANCISCO

De forma geral a fraternidade é um conceito de relação entre irmãos consanguíneos ou de adoção. Podendo ter ainda como fundamento a comum identidade de origem e destino; a habitação comum; a pátria, ou em sentido mais universal pode ser até mesmo a natureza idêntica de todos os homens. Todo o capítulo primeiro tratará dos mistérios cristãos que formam a fraternidade na compreensão de São Francisco.

São pontos fortes da espiritualidade franciscana os mistérios das três descidas de Cristo: encarnação, cruz e eucaristia, dentre as quais me deterei nas duas primeiras, ou seja, nos mistérios que revelam a humanidade de Cristo. Além desses dois pontos acrescentarei ainda o evento da criação, pois Cristo é a coroa de toda criação, “nele foram feitas todas as coisas, nos céus e na terra, as visíveis e as invisíveis” (Col 1,16).

É perceptível o marco da fraternidade na vida de São Francisco, como se dividisse sua história em antes e depois. Isso parece querer dizer quando escreve no seu testamento: “e depois que o Senhor me deu irmãos [...]” (FF, 2000 in: Test. 14). De fato, com a fraternidade sua vida mudara completamente, os irmãos eram os amigos que Deus lhe dera: “quando começou o bem aventurado Francisco a receber os primeiros frades era muita a alegria que tinha da conversação deles e da boa companhia que o Senhor lhe dera” (FF, 2000 in: LP, 3, p. 730). A fraternidade era ocasião de alegria:

Quão forte era o laço que os unia no amor! Quando se reuniam em algum lugar, ou quando se encontravam em viagem, reacendia-se o fogo do amor espiritual, espargindo suas sementes de amizade verdadeira sobre todo o amor. E como? Com abraços fraternos, com afeto sincero, com ósculos santos, uma conversa amigável, sorrisos agradáveis, semblante alegre, olhar simples, ânimo suplicante, língua moderada, respostas afáveis, o mesmo desejo, pronto obséquio e disponibilidade (FF, 2000 in: 1C n.38).

Segundo Frei Dorvalino, a fraternidade para São Francisco se fundamenta em dois eventos salvíficos que são os dois pontos do tríplice aniquilamento de Cristo destacados acima: a encarnação e a cruz (redenção). Assim percebemos que a fraternidade para Francisco tem uma fundamentação fortemente cristológica. Sobre esse ponto tratarei no primeiro subtítulo. Mas, como Cristo revela o Pai, no segundo subtítulo farei a relação dos argumentos cristológicos com a primeira pessoa divina.

Levantarei por isso, textos que mostram a reverência de Francisco para com o Pai celeste, lembrando *a priori* que afirmou o Papa Francisco: “a raiz da fraternidade está contida na paternidade de Deus” (PAPA FRANCISCO, 2014, n.3).

Em terceiro lugar, porém não com menor importância, farei emergir alguns textos intrigantes em que o santo ora se apresenta como mãe, ora é assim comparado pelos companheiros, ou ainda exige dos frades as qualidades maternas. Situando com esse último tópico os fundamentos para a pergunta inicialmente levantada: ‘como pôde São Francisco apresentar o modelo feminino na maternidade para ser seguido por seus irmãos que são homens?’ E já abrindo o caminho para a nossa reflexão sobre a exigência maior da fraternidade cristã: a expiação.

### 1.1 A ENCARNAÇÃO E A REDENÇÃO: CRISTO É O IRMÃO

Para São Francisco somos todos irmãos no Irmão Cristo Jesus. Razão pela qual “seu amor à Mãe do Senhor Jesus era realmente indizível, pois nascia em seu coração ao considerar que ela havia convertido em irmão nosso ao próprio Rei e Senhor da glória [...]” (FF, 2000 in: LM IX, 3).

O Santo de Assis compreendeu melhor o mistério da encarnação e da cruz com duas experiências, respectivamente: no encontro com o leproso e com Jesus crucificado e glorioso de São Damião. No encontro com o leproso Francisco percebe nele Cristo, pois “na figura do Pobre, somos levados a reconhecer a imagem e como que a presença misteriosa do Filho de Deus que se fez pobre por nosso amor” (CDF, 1984, cap. IV, n. 9).

No pobre, São Francisco contemplou o mistério da Encarnação. Pois, de certa forma, todo homem está unido ao Verbo Encarnado e nele recebe dignidade infinita. Não que a criatura possa ser infinita, mas Deus que é infinito, amou cada homem com amor infinito dando-nos seu Filho por nós. Por essa razão, é por Cristo que cada homem recebe uma dignidade infinita.

O Concílio Vaticano II trata sobre a dignidade humana mostrando que o mistério do homem só se esclarece verdadeiramente no mistério do Verbo Encarnado. “Cristo Senhor, novo Adão, na mesma revelação do mistério do Pai e do seu amor, manifesta plenamente o homem ao próprio homem e descobre-lhe a sua

altíssima vocação” (GS 22). Somos filhos do Pai, graças aos mistérios salvíficos da vida de Cristo.

Com a encarnação e redenção, o homem, como nova criatura, traz em si a imagem do Novo Adão. São João Paulo II mostra que a humanidade está colocada em tensão entre o primeiro e o último Adão. Porque "assim como trouxemos a imagem do homem terrestre, assim traremos também a imagem do homem celeste" (1Cor 15, 49). "O apóstolo [Paulo], de fato, ao contrapor Adão e Cristo (ressuscitado) - ou seja, o primeiro Adão ao último Adão - mostra, em certo sentido, os dois pólos, entre os quais, no mistério da criação e da redenção, foi situado o homem no cosmos [...]" (JOÃO PAULO II, 2005, p. 305). Sobre essa imagem do Novo Adão no homem trata a admoestação número cinco de São Francisco: "considera, ó homem, a que excelência te levou o Senhor, criando-te e formando-te segundo o corpo à imagem do seu dileto Filho e, segundo o espírito, à sua própria semelhança" (FF, 2000 in: Adm. 5). "Afiliação pela adoção divina nasce nos homens sobre a base do mistério da Encarnação; e, portanto, graças a Cristo, que é o Filho eterno"(JOÃO PAULO II, 2006 in: DV 52).

Desde a Criação, passando pela Encarnação e Redenção temos a revelação da paternidade de Deus e da filiação do homem de forma progressiva. Deus é Pai de toda criação, pois: "[...] existe um só Pai, de quem tudo procede e para quem nós somos [...]" (1Cor 8,6). Por causa da consciência tão nítida em São Francisco da comum proveniência de todas as criaturas de Deus, e o respeito que ele teve a toda criação por causa do Criador, Francisco é, infelizmente, por vezes conhecido somente como o santo da ecologia e protetor dos animais. Porém, a paternidade de Deus não se reduz a criação e São Francisco é disso muito consciente.

Com a Encarnação temos nova revelação da paternidade de Deus, Ele não só é Pai porque é criador, mas é Pai eternamente em relação ao seu Filho, isso expressa que Deus não passou a ser na criação o que antes não era, porque sempre o Pai foi Pai. A Escritura afirma: "ninguém jamais viu a Deus: o Filho único, que está voltado para o seio do Pai, este o deu a conhecer" (Jo 1,18). As palavras do Catecismo atestam: "Jesus revelou que Deus é 'Pai' num sentido inédito: não o é somente enquanto Criador: é Pai eternamente em relação ao seu Filho único [...]" (CIC, 240).

Na obra redentora do Verbo encarnado sob a cruz, Cristo manifesta o seu amor que é o mesmo do Pai, pois um está no outro (cf. Jo 14, 10), eles possuem

tudo em comum. Nesse amor extremo Ele nos ensina como devemos ser irmãos doando-nos uns aos outros como Ele se doou (cf. Jo 13,34). Afirmou a respeito o Papa Francisco: “A cruz é o ‘lugar’ definitivo de *fundação* da fraternidade que os homens, por si sós, não são capazes de gerar” (PAPA FRANCISCO, 2014, n. 3).

Existe uma unidade da paternidade de Deus na Criação, na Encarnação e na Redenção. Afinal, Deus é imutável, é sempre o mesmo Pai! Nossa compreensão dessa paternidade, e conseqüentemente da fraternidade, que é progressiva. A revelação da paternidade de Deus na história da salvação é progressiva e o conhecimento dos homens de Deus Pai influencia o conceito de fraternidade.

Com essas preliminares colocações já é possível perceber a escala progressiva de valores dessa fraternidade em Francisco passando pela Criação, Encarnação e Redenção. São Francisco se fraternizava com todas as criaturas, mas é evidente que com os homens sua fraternidade era eminente. São João Paulo II mostra a relação desse tríplice mistério pela Criação, Encarnação e Redenção:

Aquele que, no mistério da criação, dá ao homem e ao cosmos a vida sob as suas múltiplas formas, visíveis e invisíveis, renova-a ainda pelo ministério da Encarnação. A criação é, assim completada pela Encarnação e, desde esse momento, penetrada pelas forças da Redenção, que investem a humanidade e a criação inteira (JOÃO PAULO II, 2006 in: DV 52, p. 347).

Estamos avançando no nosso raciocínio a partir do Filho unigênito para compreendermos a fraternidade para São Francisco. Começamos a perceber nos textos já citados de São João Paulo II a intrínseca relação entre as verdades da fé (criação-encarnação-redenção). Se existe o Filho, é porque existe o Pai, e desde a criação esse Pai começa a se manifestar, mas a revelação fica explícita na encarnação do Filho único e na sua obra redentora:

Ele precisamente e só ele satisfaz ao eterno amor do Pai, àquela paternidade que desde o princípio se expressou na criação do mundo [...]. A cruz no Calvário, mediante a qual Jesus Cristo [...] ‘deixa’ este mundo, é ao mesmo tempo uma nova manifestação da eterna paternidade de Deus, o qual por ele (Cristo) de novo se aproxima da humanidade, de cada um dos homens [...]. O Deus da criação revela-se como Deus da redenção, como Deus ‘fiel a si próprio’, fiel ao seu amor para com o homem e para com o mundo, que já se revelara no dia da criação (JOÃO PAULO II, 2006 in: RH 9, p. 28s).

É verdade que Francisco tem grande consciência de que tudo provém do Pai Celeste e por essa razão chama mesmo as criaturas brutas de suas irmãs, como

percebemos, por exemplo, no cântico do irmão Sol. Entretanto, sendo Cristo o irmão dado pelo Pai que nos torna mais irmãos que os próprios consanguíneos e mais filhos do único Pai, é lógico que a fraternidade entre os homens tem um peso que não pode ser comparada às criaturas não espirituais. Francisco é consciente disso e por essa razão tomou algumas exigências para a fraternidade cristã, entre os freis, a fim de que o amor entre eles assemelhe-se ao amor do Irmão maior (Jesus). Esse amor do Irmão Maior é o mesmo do Pai que por tanto ter amado o mundo nos entregou seu Filho único (cf. Jo 3, 16).

São Francisco, o estigmatizado do Alverne, imitou seu Senhor crucificado e se tornou um santo tão humano que, apesar de ter sido um grande místico, é mais admirado pela humanidade que pela mística. No aspecto da cruz (redenção) se associa particularmente e daí seguem as exigências na vivência de fraternidade dada a seus irmãos. A fim de que ela se torne verdadeiramente uma fraternidade transcendente que não se limita a partilha de bens temporários. Mas muito mais que isso, seja ela ajuda de salvação eterna. Na carta aos fiéis, da segunda recensão, o santo escreve sobre o exemplo do redentor:

Ora, a vontade do Pai era que seu bendito Filho glorioso que nos havia dado e o qual por nós nascera, se oferecesse a si mesmo por seu próprio sangue como oferenda de sacrifício sobre o altar da cruz, não para si mesmo, 'por quem foram feitas todas as coisas' (Jo 1,3), mas em expiação de nossos pecados, legando-nos um exemplo para que seguíssemos as suas pegadas (cf. 1 Pd 2,21) (FF, 2000, in: 4Ct-b).

No texto acima está uma grande exigência de fraternidade, é a participação na salvação dos irmãos, trata de não apenas doar coisas, mas doar-se, isso implica estar associado ao mistério da cruz. Tanto criação como redenção tem sua fonte e continuidade na paternidade de Deus, a criação e a redenção tem prolongamento pelo Pai: "se em virtude da criação, Deus é aquele em que todos nós 'vivemos, nos movemos e existimos', o poder da Redenção, por sua vez, perdura e desenvolve-se na história do homem e do mundo [...] cuja fonte se encontra no Pai eterno" (JOÃO PAULO II, 2006 in: DV 63).

Jesus se fez solidário com todo homem assumindo ao máximo o sofrimento sobre si. Ele sofreu mais que qualquer homem poderia sofrer, pois além de ter natureza humana tem também natureza divina. Dessa forma, seu sofrimento tem uma profundidade e intensidade maior, pois embora ele seja humano sofre também em intensidade de sofrimento incomparável porque o Homem que sofre é o próprio

Filho unigênito em pessoa (cf. JOÃO PAULO II, 2006 in: SD 17). Bem expressou São Francisco a respeito: “como é santo, e como é querido, agradável, apazível, humilde, tranquilizador, doce, amável e sobre todas as coisas desejável ter um tal irmão que entregou sua vida por suas ovelhas (Jo 10,15) e por nós orou ao Pai [...]” (FF, 2000 in: 4Ct-b 54-56).

## 1.2 O RESPEITO PELA PATERNIDADE DIVINA

Segundo Frei Dorvalino Fassini, OFM, os fundamentos da fraternidade para Francisco são primariamente cristológicos (cf. FASSINI 2015). Tomei esse ponto de partida para chegar à causa última que é a paternidade de Deus. O Pai é a origem de tudo, mesmo na Santíssima Trindade. O Filho nos faz irmãos por participação adotiva na filiação única que Ele tem do Pai eterno. Portanto, os argumentos cristológicos nos servem de base para chegarmos a ‘causa sem causa’ que funda toda a fraternidade humana e cristã: a paternidade transcendente de Deus.

Para darmos a devida atenção ao tema da paternidade volto mais uma vez a citar o Papa Francisco na sua mensagem que tratou sobre fraternidade. Primeiro o Pontífice mostrou a família como fonte de toda a fraternidade, como lugar onde se começa a aprender a vida fraterna, graças as diversas funções dos seus membros que se completam, principalmente as funções do pai e da mãe. Assim continuou o Papa:

[...] Uma fraternidade privada da referência a um Pai comum como seu fundamento último não consegue subsistir. Uma verdadeira fraternidade entre os homens supõe e exige uma paternidade transcendente. A partir do reconhecimento desta paternidade, consolida-se a fraternidade entre os homens, ou seja, aquele fazer-se ‘próximo’ para cuidar do outro (PAPA FRANCISCO, 2014, n. 1).

Na regra não bulada, Francisco repete as palavras do evangelho: todos vós sois irmãos; nem vos façais chamar de ‘pai’ sobre a terra porque um só é vosso Pai, aquele que está nos céus!” (FF, 2000 in: 1Rg 22, 31). Era tão grande o seu respeito pela paternidade de Deus que a ninguém chamava de pai com exceção do bispo de Óstia, o qual sabia por revelação divina que seria o futuro Papa, e por esse motivo o chamava de “pai do mundo inteiro” (cf. FF, 2000 in: LP 65).

Esse respeito é perceptível desde o início de sua conversão, quando em meio a praça pública entregou os bens ao pai terreno dizendo: “agora poderei dizer livremente: Pai nosso, que estais nos céus, e não meu pai Pedro Bernardone, a quem devolvo não só o dinheiro mas também toda a roupa. Irei nu para o Senhor” (FF, 2000 in: 2C, n.12). Como no início da sua vocação havia restituído tudo ao pai terreno para ser todo do Pai celeste, no fim da sua vida, repete sua atitude inicial quando “prostrou-se nu em terra nua” (FF, 2000 in: LM 14, 3). São Francisco, semelhante ao Filho unigênito, restitui tudo ao Pai celeste. Isso é a pobreza franciscana, a restituição de todas as coisas a Deus. Com o primeiro ato Francisco deixa a paternidade terrestre e abraça a divina começando “sua consagração total ao Senhor por um ato heroico, despojando-se de suas vestes em presença do bispo de Assis, e ao fim da vida, completamente nu quis sair deste mundo [...]” (FF, 2000 in: LM 14, 4) para retornar ao Pai do Céu.

Seguindo as palavras do mestre (cf. Mt 12, 50) escreveu aos fiéis que somos irmãos de Jesus Cristo quando fazemos a vontade do Pai do Céu (cf. FF, 2000 in: 4Ct-a 5), ou seja, em primeiro lugar está a paternidade de Deus, porque fazer a vontade do Pai é que nos torna irmãos de Jesus. E quando São Francisco e seus irmãos voltavam felizes de Roma por terem obtido a aprovação do Papa, vinham pelo caminho falando de como deveriam observar a Regra e viver diante de Deus (cf. FF, 2000 in: LM 4, 1). Mais tarde, provavelmente nos últimos anos de sua vida, escreveu na carta a toda Ordem que os irmãos não observantes da Regra não eram por ele considerados nem católicos nem como seus irmãos (cf. FF, 2000 in: 7Ct, 44). Portanto, para ser irmão de São Francisco é preciso ser filho do Pai celeste mostrando obediência e reverência à sua paternidade transcendente, como exigiu Jesus: “porque aquele que fizer a vontade de meu Pai que está nos Céus, esse é meu irmão, irmã e mãe” (Mt 12, 50).

São Francisco que tem grande reverência à paternidade divina, não deixa de mencionar o feminino como fundamento da fraternidade: “Eu quero que meus irmãos se mostrem todos filhos duma mesma mãe” (FF, 2000 in: 2 C, n.180). Tanto na regra não bulada como na regra bulada da Ordem dos Frades Menores está a exortação para a vivência da maternidade na fraternidade: “se uma mãe nutre e cuida de seu filho carnal (cf. 1 Ts 2,7) com quanto maior diligência não deve cada um amar e nutrir a seu irmão espiritual? (FF, 2000 in: 2 Rg, 6, 7-8). E seu fiel biógrafo, Celano, apresenta o santo como uma mãe para seus irmãos e filhos:

Estava convencido de não ser admitido à glória a não ser que lá, ao mesmo tempo, introduzisse todos os que lhe estavam confiados; neste sofrimento de parto, seu espírito sofria mais por eles que outrora as entranhas das mães deles (FONTES FRANCISCANAS, 2000 IN: 2C,n. 174).

Alguns afirmam que por ter São Francisco recebido maus tratos de seu genitor, Pedro Bernardone, sua compreensão de pai não era positiva, motivo pelo qual o teria influenciado a usar expressões maternais ao falar do amor paternal de Deus. Porém, tal afirmação contradiz os fatos quando, por exemplo, Celano reproduz seu ensinamento: “dizia que era próprio do superior, que é um pai e não um tirano, evitar as ocasiões de erros e não permitir que viesse a cair aquele que, uma vez no chão, teria dificuldade para se levantar” (FF, 2000 in: 2C, n. 177).

Outro exemplo, foi a escolha de um pobre para abençoá-lo quando seu pai o amaldiçoava por causa da vocação, aqui aparece como Francisco não despreza a paternidade do seu genitor. Se para ele era importante ter a bênção do pai terreno com quanto maior reverência tinha então ao Pai celeste que é a origem de toda paternidade (cf. Ef, 3 14s)?

O homem de Deus, preocupado com a maldição paterna, tomou a si como pai certo homem pobrezinho e desprezível, e disse-lhe: ‘Vem comigo e eu te darei algumas das esmolas que receber, e quando vires que meu pai me amaldiçoa, eu te direi: ‘Abençoa-me pai’, e tu farás sobre mim o sinal da cruz e abençoar-me-ás em seu lugar’. De modo que quando este pobre o abençoava, o homem de Deus dizia ao pai: ‘Não acreditas que Deus me pode dar um pai que me abençoa contra as tuas maldições?’ (FF, 2000 in: 3S, 7,233).

A partir desses levantamentos quero esclarecer que não considerarei o estudo que seguirei - sobre a maternidade como imagem da paternidade transcendente - como oposição ou competição da mulher com a paternidade de Deus que se manifesta no homem. Meu objetivo é refletir no aspecto complementar da maternidade e paternidade humanas para expressar a paternidade divina. Procuo entender melhor, por exemplo, a exclamação de Francisco: “como é honroso e santo ter no céu um Pai!” (FF, 2000 in: 4Ct-b 54). Perguntando: o que o Santo de Assis entendeu por Pai celeste? Os próximos Capítulos abrirão mais um pouco da nossa percepção das intuições de São Francisco.

### 1.3. FRANCISCO COMO MÃE

Entro com esse ponto na questão nevrálgica desse trabalho de pesquisa, pois foram afirmações que apresentarei a seguir que me fizeram refletir o motivo que levou o santo Francisco a se exprimir em termos femininos. Com esse tópico emergirá a questão inicial que proponho refletir melhor nos capítulos seguintes.

Antes de apresentar os textos de São Francisco quero recordar que a ideologia de gênero quer eliminar as diferenças sexuais afirmando que homem e mulher são idênticos. Não importa o sexo, é como se ele não existisse, é como se fosse apenas o aspecto biológico do ser humano. O mais importante para esses ideólogos é o gênero, “que seria a ‘construção social ou cultural’ da própria sexualidade” (SCALA, 2011, p. 54).

Se as afirmações de Francisco caírem ‘nas mãos’ destes ideólogos de gênero, poderiam certamente afirmar que estava bastante adiantado para o seu tempo, livre dos ‘conceitos socialmente construídos’ do que seja masculino e feminino e capaz de construir sua identidade de gênero. Nesse caso as afirmações do santo seriam negação da sua masculinidade.

Jorge Scala explica que a ‘identidade de gênero’ refere-se ao sentimento de pertença ao gênero feminino ou masculino, podendo coincidir ou não com o sexo biológico, porque o sexo para eles é ‘socialmente construído’ (cf. SCALA, 2011, p. 57). Mas, explica positivamente que não há qualidades exclusivamente masculinas e femininas, um homem pode adquirir pelo esforço e repetição, qualidades que são mais comuns entre as mulheres, como também o inverso.

Em geral, os homens são mais racionais e possuem uma visão mais geral enquanto as mulheres são mais detalhistas e por isso sua visão é compartimentada. Entretanto, há mulheres que são mais racionais que muitos homens e, homens mais sensíveis a detalhes que muitas mulheres, essas questões são acidentais e não essenciais. Ou ainda, há atividades que são feitas tanto por homens como por mulheres, mas a atuação de cada um é distinta, devido a suas qualidades inatas.

Existem, no entanto, atividades exclusivamente femininas, como por exemplo a gestação, e atividades dos homens que são impossíveis de ser realizadas por qualquer mulher. O que carecemos não se trata de defeitos, mas antes “são virtudes de outras pessoas, das quais temos muito o que aprender” (SCALA, 2011, p. 124). Para Scala, a maternidade e a paternidade é o que mais

caracteriza cada um dos sexos, dizer maternidade equivaleria dizer mulher, e dizer paternidade logo se compreende o homem.

“A paternidade é a missão masculina que consiste em encarnar a autoridade” (SCALA, 2011, p. 127). Já a maternidade “é a qualidade inata pela qual as mulheres sempre acolhem outros seres humanos” (SCALA, 2011, p. 126). Assim, a maneira de ser feminina é a maternidade e o modo de ser masculino é a paternidade, e os dois são imprescindíveis para geração dos filhos e necessários para a boa formação dos mesmos.

[...] Nenhum homem (ou nenhuma mulher) pode esgotar em si mesmo todo o Homem: tem sempre diante de si outro modo, inacessível para ele, de ser homem. A dualidade dos sexos, ao manifestar seu caráter contingente, assinala para o homem, ao mesmo tempo, um limite e uma oportunidade. Expressa sua necessidade\capacidade de transcender-se a si mesmo no encontro com o outro diferente de si, em vista de sua própria realização. E isto abre ao descobrimento do ‘eu’ como um ser em relação com outro ‘eu’ (SCALA, 2011, p. 124).

São João Paulo II ensina em *Mulieris Dignitatem* que o homem, embora tenha sua participação com a paternidade, fica de ‘fora’ no processo gestacional e parto da criança e mesmo posteriormente a contribuição materna é decisiva na base de uma nova personalidade humana, por esses e tantos outros aspectos o homem deve “aprender da mãe a sua própria ‘paternidade’” (MD 18).

Segundo o sacerdote psicólogo humanista, Bruno Giordani, a sexualidade se exprime em três modalidades: a genital com finalidade procriativa; a psicosexualidade que é uma atração espiritual e sensível ao outro sexo, e a sexualidade pessoal e afetiva, que é uma força difusa na pessoa toda que a caracteriza como homem e mulher, essa última engloba as duas primeiras modalidades. Bruno Giordani ainda explica como tudo em nós se refere a sexualidade: “cada um de nós, quando se relaciona com a natureza, com o trabalho, com as pessoas, com um ideal e com o próprio Deus estabelece espontaneamente um tipo de relação caracterizado pela feminilidade ou pela masculinidade” (GIORDANI, 1995, p. 278).

Depois de tantas explicações vou finalmente apresentar vários textos em que Francisco se apresenta como mãe ou propõe o modelo materno. Começo por algumas citações em que o próprio Senhor Ihe revelou como tal.

Na ocasião que Francisco se apresentou ao vigário de Cristo pedindo aprovação da Regra, o Papa Inocêncio ficou inseguro de a dar, pois achou exigente

demais. Mas, para não responder um ‘não’ precipitado, mandou Francisco rezar pedindo que Deus lhe desse uma confirmação. O santo obedeceu a ordem do Papa e pediu que seus irmãos, junto com ele, rezassem na mesma intenção. Ora, Inocêncio também rezou e nessa ocasião foi lhe revelado em sonho que Francisco, franzino, sustentava a Igreja de Latrão com os ombros.

A Francisco Deus se revelou em oração por meio da parábola: Havia uma linda e pobre mulher no deserto que encantou o Rei, ele se uniu a ela e tiveram muitos filhos. Quando seus lindos filhos cresceram a mãe lhes disse para não se envergonharem de serem pobres, pois eram filhos do grande Rei. Então, a mãe os enviou ao pai para pedirem tudo quanto precisassem certificando-os que ele lhes daria por ser o pai deles.

Ao vê-los em sua presença o Rei reconheceu que a beleza deles era semelhante a sua e perguntou-lhes de quem eram filhos, confirmando que eram seus filhos porque nasceram da mulher do deserto, o Rei se apressou a oferecer seus bens e sua casa e os chamou para viverem consigo herdando o reino (cf. FF, 2000 in: 2C n.16s). Depois de ter contado essa parábola ao Papa, Francisco apresentou a seguinte explicação:

Eu sou, Senhor, aquela mulher pobrezinha que Deus por sua misericórdia tornou formosa em seu amor e houve por bem gerar dela filhos legítimos. Disse-me, pois, o Rei dos reis que alimentará a todos os filhos gerados por meu intermédio porque se ele nutre a forasteiros, muito mais há de nutrir os filhos legítimos (FF, 2000 in: 3S, 51).

Em outra parábola Deus revela a Francisco que ele é como uma mãe ‘galinha’. De fato, andava o santo preocupado de proteger seus numerosos filhos contra os ataques do mundo e das contendidas que poderiam surgir entre eles. Por essa ocasião o Senhor lhe mostrou em sonho uma galinha preta muito pequena, semelhante a uma pomba, que em vão tentava abrigar debaixo de suas asas numerosos pintinhos que a cercavam de todos os lados. Acordado, pôs-se a refletir e entendeu ser ele a pequena galinha preta, por ser negro e de baixa estatura por natureza. Assim concluiu: “o Senhor, por sua misericórdia deu-me e dar-me-á muitos filhos, que não poderei proteger só com minhas forças. Portanto, é necessário que os coloque debaixo da proteção da Santa Igreja” [...] (FF, 2000 in: 3S, 63).

Acima escrevi que Scala definiu a maternidade como capacidade de acolhida. Nos seguintes textos das fontes franciscanas poderemos perceber que a maternidade que fala Francisco está também ligada ao acolhimento e geração.

Certa vez um frade, tentando pelo inimigo da alma, deixou a Ordem pensando que sozinho seria mais santo. Era isso mesmo que o diabo queria para tentá-lo sozinho de maneira que não houvesse quem o socorresse. Entretanto, pouco antes de cair, o irmão percebeu que sua salvação estava na Ordem, retornou por isso à São Francisco como um filho corre para “o regaço materno” (FF, 2000 in 2C 32).

Francisco também é comparado a uma mãe pela capacidade de gerar os filhos de Deus para a graça. São Boaventura escreveu que embora todas as criaturas atraíssem o santo, de forma especial era atraído pelas que Cristo derramou o seu sangue “e quando nelas percebia qualquer mancha de pecado, chorava sua desgraça com uma sensibilidade tão patética que as gerava todo dia, como uma mãe, em Cristo” (FF, 2000 in: LM 8, 1). O seu biógrafo Tomás de Celano mostra o empenho do santo que:

Esquecendo de si mesmo, pensava primeiro na salvação dos irmãos, Lançava-se aos pés da majestade de Deus, oferecia um sacrifício espiritual pelos seus filhos, forçava a Deus a beneficiá-los. Tinha todo amor pelo pequeno rebanho que arrastara após si, temendo que, depois de perder o mundo, viessem a perder o céu também. Achava que não teria glória se não fizesse gloriosos em sua companhia aqueles que lhe tinham sido confiados, pois os estava dando à luz do espírito muito mais trabalhosamente que as suas mães os tinham posto no mundo (FF, 2000 in: 2C n.174).

Fato curioso nos conta Celano: Frei Pacífico, querendo pegar na mão do santo para mostrar suas chagas a outro frade, faz uma pequena chantagem ao chamar São Francisco de “mãe caríssima”. Parece que o santo não era capaz de recusar nada com essa suave saudação. Por isso, embora contrariado, Francisco entregou sua mão para ser beijada e Frei Pacífico se aproveitou para mostrá-la ao frade que trazia consigo. Como o santo havia percebido a astúcia de Frei Pacífico, mandou chamá-lo para lhe dizer que o havia aborrecido, e Frei Pacífico o ‘dobrou’ pela segunda vez perguntando: “Que aborrecimento te causei, mãe caríssima?” (FF, 200 in: 2C 137), Francisco calou e deixou o episódio desagradável por isso mesmo. Frei Pacífico saiu vitorioso pela fraqueza da ‘mãe’.

Uma vez escreveu Francisco a Frei Leão: “Assim te falo, meu filho, como mãe [...]” (FF, 2000 in: 5Ct, 1-2). Na pequena carta, o santo diz resumir o que

conversavam pelo caminho, concede autorização e sua bênção para que Frei Leão faça tudo que parecer conveniente para agradar ao Senhor e segui-Lo no caminho da pobreza, acrescentando que quando precisar e quiser, pode recorrer a ele. Se no início da carta o santo se dirigia como mãe parece ao final da carta deixar Frei Leão ter a liberdade de recorrer a ele como um filho que recorre a sua mãe.

Essa atitude materna, no entanto, não era exclusiva de Francisco. Na legenda dos três companheiros lemos a respeito dos freis: “amavam-se com entranhado amor e cada qual servia o outro como a mãe nutre seu filho único e dileto” (FF, 2000 in: 3S, 41). De fato a todos os frades prescreveu Francisco na Regra não bulada: “E cada qual ame e alimente a seu irmão como a mãe ama e nutre a seu filho (cf. 1Ts 2,7) [...]” (FF, 2000 in: 1Rg 9,14). Na Regra bulada continua a exigência maternal:

E onde quer que estiverem e encontrarem os irmãos, mostrem-se afáveis entre si, E, com confiança, manifesta um ao outro as suas necessidades, porque, se uma mãe ama e nutre seu filho carnal (cf. 1Ts 2,7), com quanto maior diligência não deve cada um amar e nutrir a seu irmão espiritual? (FF. 2000 in: 2 Rg 6, 7-9).

Celano conta o agravamento da doença dos olhos em Francisco, e embora todos insistissem para que Francisco aceitasse tratamento, ele recusava. Por isso, Frei Elias “[...] a quem escolhera como sua mãe e colocara como pai dos outros frades, acabou obrigando-o a aceitar remédio [...]” (cf. FF, 2000 in: 2C 98). Diante do que já estudamos podemos intuir que: de Francisco, Frei Elias era mãe, porque sendo, o santo, fundador da Ordem, reservava para si uma autoridade paternal. Por essa razão era diferencial o trato de Frei Elias com Francisco e com os outros frades, Francisco mesmo o chamava de sua mãe e pai dos outros frades.

Francisco ainda mostra a maternidade como capacidade dos irmãos em gerarem no interior pela vida de oração. Embora tivesse veneração pelos pregadores que com suas palavras suscitavam para Jesus crucificado, o irmão morto, os exortava a que não se glóriassem e, além de palavras, dessem também bons exemplos lembrando-os da palavra da Escritura: “A estéril deu à luz muitos filhos” (1Rs 2, 5), e assim a interpretava para seus irmãos:

A estéril é o irmão humilde e simples que não tem na Igreja de Deus o cargo de gerar filhos espirituais. Este dará à luz no dia do juízo muitos filhos, pois naquele dia o Juiz atribuirá à sua glória aqueles que ele agora converte com suas preces ocultas (FF, 2000 in: LM 8, 2).

A solicitude maternal, Francisco exige na regra para os eremitérios onde prescreve que sejam no máximo quatro irmãos no eremitério, sendo que dois deles devem assumir o papel de mãe, levando vida de Marta para servir os seus ‘filhos’ (irmãos). Os irmãos devem revezar-se na função maternal. Prescreveu Francisco:

Dois deles sejam as mães e tenham dois ou ao menos um por filho. Aqueles levem vida de Marta e estes a de Maria Madalena. [...] Após a terça podem romper o silêncio e falar com suas mães, aproximar-se delas e, se quiserem, pedir-lhes, como gente bem pobre, uma esmola pelo amor de Deus [...]. Os irmãos que são as mães fiquem afastados de toda pessoa estranha e em obediência ao seu ministro conservem também os seus filhos afastados de todos para que ninguém fale com eles. Os filhos por sua vez não podem falar com ninguém senão com suas mães e seu ministro e custódio [...] (FF, 2000 in: Erm, 1.2.4.6).

Francisco queria que seus irmãos levassem vida de família e descreve a Ordem como um grande capítulo geral em que convivem irmãos sábios e simples que se correspondem e contribuem mutuamente com a simplicidade e a sabedoria. Concluí sua parábola dessa forma: “é isto que faz brilhar a beleza desta bem aventurada família, cuja variedade tanto agrada ao pai de família” (FF, 2000 in: 2C, n.192). Celano que nos conta essa parábola do santo assim o ilustra:

Sempre manteve um desejo constante e um esforço vigilante para preservar entre seus filhos o vínculo da união, para que fossem formados pacificamente no seio da mesma mãe aqueles que tinham sido atraídos pelo mesmo espírito e gerados pelo mesmo pai (FF, 2000 in: 2C, n.191).

Celano mostrou que para Francisco era importante a formação da fraternidade pela pertença comum ao mesmo pai e mesma mãe. O masculino e o feminino, não só o masculino como fundamento da fraternidade. A Ordem é uma família, foi assim chamada pelo irmão que perguntou a Francisco quando estava próxima a sua morte: “Pai, tu vais passar, e a família que te seguiu vai ser deixada no vale de lágrimas” (FF, 200 in: 2C 184). E ainda nos *Fioretti* de São Francisco conta-nos que o santo conhecia seus primeiros frades por “revelações que tivera daquela sua primitiva família” (FF, 2000 in: Fior 31).

Francisco desejava ardentemente a pobreza como imitação de Cristo, essa virtude era ainda uma forma de estreitá-los nos laços fraternos, por isso pede que dividam os bens como os irmãos consanguíneos (filhos da mesma mãe) para que a fraternidade seja de veras uma família:

Aconselhando todos a serem caridosos, São Francisco também mandava que demonstrassem afabilidade e um tratamento familiar: ‘Quero que meus

frades mostrem que são filhos da mesma mãe. Que cada um dê com liberalidade ao outro o hábito, o cordão, qualquer coisa que ele pedir. Ponham em comum os livros e outras coisas agradáveis, sem forçar ninguém a ter que tirá-los' (FF, 2000 in: 2C, n.180).

Um fundamento da família dos frades menores é a mesma fé, porque Francisco “[...] amava de maneira especial, profunda, e de todo o coração os próprios irmãos, por conviverem da mesma fé e participarem da herança eterna” (FF, 2000 in: 2C n.172). Para o santo, a família dos frades menores era a família do Senhor. Ele diz aos primeiros irmãos que temiam os desafios a serem enfrentados por serem ainda um grupo muito pequeno: “não temais, porque não passará muito tempo e virá a nós um grande número de sábios e nobres [...]. Muitos converter-se-ão ao Senhor, e pelo mundo inteiro multiplicar-se-á e aumentará a sua família” (FF, 2000 in: 3S n.37). Portanto, a expressão ‘sua família’ designa aqui a família do Senhor, pois os que se converterem ao Senhor pertencem a ‘sua’ família.

Em outra situação é o próprio Senhor que revela a Francisco que a Ordem é Sua família. Como os irmãos haviam pedido para terem algum bem em comum a fim de acudir as necessidades de tão grande número de pessoas, Francisco recorreu à Cristo em oração para discernir o que desejava para seus filhos.

O Senhor respondeu-lhe imediatamente que nada permitisse terem, tanto em comum, como em particular, porque está é a sua família, que Ele sempre assistirá, por muito numerosa que seja, e sempre favorecerá, contanto que ponha n’Ele a sua confiança (FF, 2000 in: LP 112).

Disse-nos o Papa Francisco: “a família é a fonte de toda a fraternidade” (PAPA FRANCISCO, 2014, n.1), por isso São Francisco queria a vida de família entre os irmãos da Ordem. Desse primeiro capítulo ligamos alguns pontos que fundamentam a fraternidade para o santo de Assis, a saber: os motivos cristológicos da fraternidade e sua causa última que é a paternidade divina manifestada progressivamente na criação, encarnação e redenção. A criação será tratada no capítulo III e a redenção no capítulo IV. Por fim, nesse capítulo I foi possível perceber a vida de família desejada por Francisco, na qual resplandece as funções de maternidade e paternidade que são origem da filiação que compõe a fraternidade.

## 2. RELAÇÃO ENTRE PATERNIDADE DIVINA E FRATERNIDADE HUMANA

Existe uma estrita relação entre paternidade divina e fraternidade humana, assim ressaltou Papa Francisco: “uma fraternidade privada da referência a um Pai comum como seu fundamento último não consegue subsistir. Uma verdadeira fraternidade entre os homens supõe e exige uma paternidade transcendente” (PAPA FRANCISCO, 2014, n.1).

A vocação a fraternidade é para todos os homens,mas de múltiplas formas, o vínculo de fraternidade entre os homens é rompido. Em consequência, o homem se torna como Caim, um fugitivo na terra, e suas relações com Deus ficam comprometidas. Papa Francisco lembrou na recente Encíclica *Laudato Si'* que o assassinato de Abel por Caim colocou ruptura entre ele, Deus e a criação (cf. LS 70). No ano precedente o mesmo pontífice escreveu que Abel e Caim se relacionavam com Deus de modo diverso porque diferenciada era a sua relação com a criação, um era pastor e outro agricultor. Porém a identidade profunda de ambos era a comum vocação a serem irmãos. Assim “o assassinato de Abel por Caim atesta, tragicamente, a rejeição radical da vocação a ser irmãos” (PAPA FRANCISCO, 2014, n. 2). Matando Abel, Caim [...] “recusa reconhecer-se irmão, relacionar-se positivamente com ele, viver diante de Deus, assumindo as suas responsabilidades de cuidar e proteger o outro” (Ibid.).

A vocação de todo homem para a fraternidade foi bem vivida por São Francisco de Assis, por isso procuramos entender aquelas afirmações em que exigia de seus irmãos os cuidados de uma mãe para a vivência fraterna. Para chegarmos a uma resposta temos antes que trazer a reflexão alguns conceitos. Por isso nesse capítulo procurarei estudar o porquê Deus é chamado Pai, já que sua paternidade é o fundamento sólido da fraternidade, segundo o Papa Francisco. Estudaremos como esse Pai se apresenta como mãe, para isso me deterei apenas no livro do profeta Isaías a fim de não alongar demais esse trabalho inicial.

## 2.1. DEUS É PAI

Uma questão bastante discutida em teologia é o porquê chamamos a Deus de pai e não de mãe, é evidente que não pode ser mudada tal terminologia porque o próprio Jesus revelou assim. Entretanto, Deus não é de forma alguma à imagem do homem (cf. CIC 370), é o homem que foi criado à imagem de Deus. Então, o que no homem (varão) é imagem da primeira pessoa divina? O catecismo nos apresenta duas considerações importantes para essa questão crucial: “ao designar Deus com o nome de ‘Pai’, a linguagem da fé indica principalmente dois aspectos: que Deus é a origem primeira de tudo e a autoridade transcendente” (CIC 239).

Para explicar esses dois aspectos é melhor recorrer a teologia da criação. Compreender que o homem expressa origem, e por isso é imagem da paternidade, é fácil se tivermos como referência o texto javista de Gênesis (capítulo 2), nele é narrada a criação do homem antes da mulher, assim a mulher tem, de certa forma, sua origem do homem. Na Santíssima Trindade o Pai é origem de tudo. No relato da criação a mulher ‘tirada do homem’ torna-se “mãe de todos os vivos (cf. Gn 3, 20), tendo, também no homem, a sua maternidade a própria origem” (JOÃO PAULO II, 2005, p. 87). Esse mistério da procriação está radicado desde o princípio na criação e cada vez reproduz novamente o mistério do criador (Ibid.). A paternidade de Deus transparece ainda na formação do povo eleito por meio de homens como Adão que dá início ao gênero humano e Abraão ao Povo Eleito. Assim entendemos o homem mais como imagem da pessoa divina do Pai por causa da origem.

Deus é chamado ‘Pai’ porque é autoridade transcendente e o homem expressa melhor a autoridade. No capítulo anterior foi citado Scala que entende a paternidade como a missão masculina que consiste em encarnar a autoridade (cf. SCALA, 2011, p. 127), evidentemente, isso não exclui a autoridade da mulher. Como a missão da mulher difere da do homem, assim também a sua maneira de exercer a autoridade é distinta. A autoridade do homem é ainda autoridade sobre a criação. Observa São João Paulo II na teologia do corpo: “o texto javista liga primeiramente, a criação do homem com a necessidade de ‘cultivar a terra’ (Gn 2, 5)” (JOÃO PAULO II, 2005, p. 69). Antes da criação do homem da ‘argila do solo’ o hagiógrafo escreveu que “[...] não havia ainda nenhum arbusto dos campos sobre a terra e nenhuma erva dos campos tinha ainda crescido, [...] porque não havia homem para

cultivar o solo” (Gn 2, 4-5). Cultivando a terra o homem é capaz de dominá-la, assim colabora com o criador, exercendo certa autoridade sobre a criação. Ademais, foi ao homem, em Adão, que Deus apresentou as criaturas para serem nomeadas (cf. Gn 2, 19). Ora, dar nomes equivale a dominar. Portanto, o homem tinha uma posição de comando sobre a criação antes da mulher. Se o homem representa mais a autoridade e o governo sobre o mundo criado é porventura superior à mulher?

Diante dessa problemática se faz necessário compreender a autoridade transcendente, pois embora o Pai expresse mais autoridade e origem, não é maior nem mais Deus que as outras pessoas divinas. Bela explicação nos oferece o Padre da Igreja, Santo Hilário, respondendo aos arianos que usando as próprias palavras de Jesus: “[...] o Pai é maior do que eu” (Jo 14, 28) diziam ser Ele inferior ao Pai. A essa contestação Hilário respondeu: “o Pai é maior: veja isso o reconhecimento da autoridade do Pai” (HILÁRIO, *apud* COMISSÃO TEOLÓGICA-HISTÓRICA DO GRANDE JUBILEU DO ANO 2000, p. 20).

Os argumentos de Santo Hilário estão apoiados na palavra latina *auctoritas*. Certamente, para o santo de Poitiers a autoridade tem o sentido mais amplo que o de imposição, domínio e poder, pois “manifesta a qualidade de ser um *auctor*” (CTH, 1999, p. 20). Autor significa quem dá a vida, o progenitor. Deus é autor de toda a vida, Ele continua amando e provendo condições para o sustento e desenvolvimento da criação, “[...] do mesmo modo, para Hilário, a autoridade de Deus Pai sobre o Filho não era uma condição imposta, estranha, mas autoridade do amor” (CTH, 1999, p. 21).

Na revelação Bíblica percebemos que o primeiro homem tinha o dever de prover o alimento com o seu trabalho, o que antes era uma tarefa prazerosa se tornou um peso após o pecado: “com o suor de teu rosto comerás teu pão [...]” (Gn 3,19). Assim a autoridade do homem não significa superioridade, antes serviço na qualidade de ser autor, provedor e sustentador.

A essa função paterna de prover para as necessidades corporais se ocupou São Francisco não só para com seus irmãos, mas também para com as damas pobres. Dizia ele: “[...] quero eu - o que prometo por mim pessoalmente e por meus irmãos – nutrir sempre, a bem de vós, o mesmo diligente cuidado e solícitude para com eles” (FF, 2000 in: 1RCL, 2). Os frades seguiam o exemplo do santo pai e eram solícitos em auxiliar as irmãs, assim era a ajuda que prestava um irmão esmolar ao mosteiro (cf. FC, 2004 in: LSC, 16).

Antes mesmo de Francisco ter companheiros e estando apenas no início de sua conversão, quando reformava a Igreja de São Damião, inspirado pelo Espírito Santo profetizou com grande alegria gritando em língua francesa aos camponeses da redondeza: “Venham me ajudar na obra do mosteiro de São Damião, porque nele ainda haverão de morar umas senhoras cuja vida famosa e santo comportamento vão glorificar nosso Pai celestial em toda a sua santa Igreja” (FC, 2004 in: TestC 13). Francisco cumpriu bem sua função masculina de prover um lugar e trabalhar com suas mãos para o bem das irmãs que viriam.

Como o homem expressa mais origem, Francisco como fundador é imagem dessa paternidade na fraternidade. Santa Clara em seu testamento reconhece nele a origem de todo movimento unindo a expressão de ‘servo’ de Deus com a sua figura de ‘pai’ para elas:

Por isso, queridas Irmãs, devemos considerar os imensos benefícios que Deus nos concedeu, mas, entre outros, aqueles que Ele se dignou realizar em nós por seu dileto servo, nosso pai São Francisco, não só depois de nossa conversão, mas também quando estávamos na miserável vaidade do mundo (FC, 2004 in: TestC, 6-8).

Com essas considerações fica nosso reconhecimento de São Francisco como pai da fraternidade por ele fundada, pois dela é origem, ele provê não só aos frades, mas também as damas pobres. Quando São Francisco usa expressões maternas não quer negar sua masculinidade. Ele é consciente, dentro da sua vocação, da sua realidade esponsal como homem, razão pela qual quis tomar a pobreza (de forma personificada em mulher) como sua esposa:

Entre outros dons e carismas que o Doador de todos os bens concedeu a Francisco, houve um privilégio singular: o de crescer nas riquezas da simplicidade através do amor pela altíssima pobreza. Considerando o santo e vendo-a quase desterrada do mundo, quis torná-la sua esposa, amando-a com amor eterno, e por ela não só deixou pai e mãe, mas generosamente distribuiu tudo quanto possuía (cf. FF, 2000 in: LM 7, 1).

No começo de sua conversão seus amigos intrigados com sua mudança perguntavam: “por acaso pensas em casar-te?” Respondia Francisco pensando na ‘Dama Pobreza’: “dissestes a verdade, eu estava pensando em escolher uma esposa, a mais nobre, a mais rica e mais bela que jamais vistes” (FF, 2000, in: 3S 7).

Prosseguiremos nosso estudo na antropologia teológica bíblica para aprofundarmos o sentido de homem e mulher como imagem de Deus e assim

procurarmos fundamentação teológica para as afirmações de Francisco como mãe da fraternidade. Se Deus é Pai, como o santo homem Francisco reflete essa paternidade na maternidade?

## 2.2. DEUS PAI COM AMOR DE MÃE NO LIVRO DO PROFETA ISAÍAS

Na Sagrada Escritura Deus revela seu amor de Pai usando expressões maternas. Isso é possível porque homem e mulher foram criados à imagem de Deus. Deus não é de forma alguma imagem da sua criatura, mas sim o contrário. Ele não é homem nem é mulher, é puro espírito. “Mas as perfeições do homem e da mulher refletem qualquer coisa da infinita perfeição de Deus: as duma mãe e as dum pai e esposo” (CIC 370).

Deus é a origem de toda paternidade, mas há que entendê-la dentro da revelação, é verdade que nossa linguagem jamais poderá exprimir o mistério de Deus na sua profundidade (cf. CIC 40). Entretanto, é possível ao menos compreender um pouco mais da paternidade divina, pelas qualidades masculinas (pai) e femininas (mãe). Deus não é pai como os pais dessa terra! Tendo criado homem e mulher à sua imagem é legítimo exprimirmos sua paternidade com elementos que na nossa linguagem conhecemos como maternos<sup>1</sup>. Pois “chamados a dar a vida, os esposos participam do poder criador e da paternidade Deus”(CIC 2367).

Se existe semelhança entre o Criador e as criaturas, é compreensível que a Bíblia tenha usado, a esse respeito, expressões que lhe atribuem qualidades quer ‘masculinas’ quer ‘femininas’ [...] Esta característica da linguagem bíblica, o seu modo antropomórfico de falar de Deus indica também indiretamente o mistério do eterno ‘gerar’, que pertence à vida íntima de Deus. Todavia, este ‘gerar’ em si mesmo não possui qualidades ‘masculinas’ nem ‘femininas’. É de natureza totalmente divina [...] Na ordem humana, ao invés, o gerar é próprio da ‘unidade dos dois’: um e outro são ‘genitores’, tanto o homem como a mulher (MD 8).

Este ‘rosto’ paterno de Deus, também como mãe, fica ofuscado por causa do pecado. O pecado colocou a relação entre homem e mulher em conflito, razão pela qual o gerar humano, que é imagem da paternidade divina, ficou fragmentado. A

<sup>1</sup> Nesse sentido, afirmou Papa João Paulo I que Deus é “papai; mas ainda é mãe” (apud. THANNER, 2002, p. 87).

Congregação para a doutrina da fé compara a uma relação entre causa e efeito, quando o homem e a mulher contestam sua relação com o criador querendo ser como deuses recebem como efeito a desordem na maneira de vivenciar sua diferenciação sexual:

O relato do Gênesis estabelece assim uma relação de causa e efeito entre as duas diferenças: quando a humanidade considera Deus como seu inimigo, a própria relação do homem e da mulher é pervertida. Quando esta última relação se deteriora, o acesso ao rosto de Deus corre, por sua vez, o perigo de ficar comprometido (CDF, 2004, p. 13).

Podemos encontrar diversas passagens bíblicas que comparam o amor de Deus ao amor de uma mulher como esta, por exemplo: “por acaso uma mulher se esquecerá da sua criancinha de peito? Não se compadecerá ela do filho do seu ventre? Ainda que as mulheres se esquecessem eu não me esquecerei de ti” (Is 49,15). Na formação do povo eleito é conjugada a imagem do feminino e masculino.

Entre as muitas maneiras com que Deus se revela ao seu povo (cf. Hb 1,1), segundo uma longa e paciente pedagogia, encontra-se também a referência ao tema comum da aliança do homem e da mulher [...]. Ao longo de todo o Antigo Testamento, configura-se uma história de salvação que joga simultaneamente com a participação do masculino e do feminino. (CDF, 2004, p.16. 18).

A terra prometida faz parte da aliança de Deus com o povo e faz a função feminina enquanto Deus faz o papel de Esposo. “Tal salvação orienta o leitor, tanto para a figura masculina do Servo sofredor, como para a figura feminina de Sião” (CDF, 2004, p. 18). O povo da aliança são os filhos de Sião: “pode uma nação ser gerada de uma só vez? Pois Sião, assim que sentiu as dores de parto, deu à luz os seus filhos” (Is 66, 8). Os filhos de Deus são filhos da terra santa personificada em uma mulher: “como a uma pessoa que a sua mãe consola, assim eu vos consolarei; sim, em Jerusalém sereis consolados” (Is 66, 13). E ainda:

Alegrai-vos com Jerusalém, exultai nela, todos os que a amais; regozijai-vos com ela, todos os que por ela estáveis de luto, pois sereis amamentados e saciados pelo seu seio consolador, pois sugareis e vos deleitareis, no seu peito fecundo (Is 66, 10s).

Ora, esse amor que é prometido por meio de Jerusalém personificada em mulher, é o próprio amor que Deus prometeu aos seus filhos, o de serem em Jerusalém consolados com seu amor materno. Ou seja, Deus mostra seu amor paterno por meio de um acolhimento na terra que lhes dará sustento. A terra

prometida é imagem de uma mulher que amamenta o seu filhinho, mas por meio desse sustento e cuidado o povo estará recebendo o amor de Deus Pai. Aqui está uma preciosa ‘chave’ de leitura para o trabalho que seguiremos nos próximos capítulos: o amor de Deus Pai se manifesta por meio de qualidades femininas.

Deus promete uma grande fecundidade espiritual à terra santa: “os teus filhos de que estavas privada, ainda dirão aos teus ouvidos: o espaço é muito estreito para mim, arranja-me lugar para que eu tenha onde morar” (Is 49, 20). Ainda em Isaías: “todos os teus filhos serão discípulos de *lahweh*” (Is 54,13). Ao lado da “figura feminina de Sião, ornada de uma transcendência e de uma santidade que prefigura o dom da salvação destinada a Israel” (CDF, 2004, p.17) temos a figura masculina do servo sofredor.

A terra prometida personificada em mulher, na linguagem do profeta Isaías, é que gera o povo eleito. Deus mostra sua paternidade: sustento, auxílio e seu acolhimento na figura feminina da terra. Para formar o seu povo foi imprescindível que Ele mostrasse a geração através da linguagem figurativa da maternidade (cf. Is 66, 8). E como se não bastasse, Deus expressa seu sofrimento pelo seu povo com as palavras: “como uma mulher que está de parto eu gemia, suspirava, respirando ofegante” (Is 42, 14b).

Depois de termos visto algumas passagens bíblicas do profeta Isaías em que Deus revela seu amor e cuidado através de entranhas maternas quero trazer à luz um relato que se encontra no processo de canonização de Clara de Assis. Nesse depoimento de uma irmã do mosteiro de São Damião, o servo de Deus, São Francisco de Assis, foi apresentado a virgem Clara pelo Altíssimo Senhor, como uma mãe que amamenta a sua filha:

Referia também dona Clara que uma vez, em visão, parecia que levava a São Francisco uma bacia com água quente, com uma toalha para enxugar as mãos. E subia por uma escada alta, Mas andava tão levemente como se caminhasse sobre terra plana. E quando chegou a São Francisco o santo tirou de seu seio uma mama e disse à virgem Clara: ‘Vem, recebe e mama’. E tendo ela mamado, o santo a exortava a que mamasse mais uma vez; e quando ela mamou, aquilo que sugava era tão doce e agradável que não conseguiria explicar de nenhum modo.

E depois que mamou, aquela coisa redonda, ou bico do seio, de onde sai o leite, ficou entre os lábios da bem-aventurada Clara. E ela pegou com as mãos aquilo que tinha ficado em sua boca, e lhe parecia que fosse ouro tão claro e lícido que ela se enxergava inteira, como se fosse num espelho (FC, 2004, in: ProcC 3, 29).

Como Deus poderia revelar a Santa Clara que São Francisco tinha espiritualmente uma função tão própria da mulher como a amamentação? Se Deus é Pai e Francisco é homem, não bastariam as qualidades masculinas para exprimir o mistério da sua paternidade espiritual exercida para com a Virgem Clara? Santa Clara também experimentou Deus como uma mãe, é o que percebemos nas palavras que ela mesma encomendou sua alma três dias antes de morrer na noite de sexta feira: “Vá em paz, porque você vai ter boa escolta; pois aquele que a criou, previu a sua santificação. E, depois que a criou, infundiu em você o Espírito Santo. E depois a guardou como uma mãe cuida do seu filho pequenino” (FC, 2004, in: ProcC 11, 3).

### 2.3. REVELAÇÃO PROGRESSIVA DA PATERNIDADE E DA FRATERNIDADE COM SUAS EXIGÊNCIAS

No capítulo I desse trabalho mencionamos que há uma hierarquia na fraternidade tal como Francisco a compreende, a criação bruta não é mais que o homem pelo qual Cristo morreu. A hierarquia desses valores passa pela Criação, Encarnação e Redenção. Esses eventos se encontram interligados, assim nos mostrou João Paulo II com sua Encíclica *Dominum et Vivificantem*. A revelação progressiva da paternidade de Deus nos eventos salvíficos influenciam a compreensão de fraternidade, mas só em Cristo é conferida à fraternidade o alcance universal e seu valor definitivo.

Por essa mútua relação o tema da fraternidade é tão importante como o da paternidade divina, tanto quanto dela depende. Não há fraternidade sem a referência a um Pai comum. Junto ao tema da paternidade divina está a filiação. Afinal, se existe Pai é porque têm Filho. Os temas: paternidade, filiação e fraternidade se conjugam. Que a filiação tenha importância, não há dúvidas, ela está no centro da revelação, mas para ser filho de Deus é exigido que seja feita a vontade do Pai (cf. Lc 8, 21).

Em Cristo, a fraternidade, como também a paternidade de Deus, foi revelada em plenitude. É pelo Filho que tendo assumido a natureza humana e feito nosso irmão que nos tornamos de forma mais plena filhos de Deus e irmãos entre nós. Porém, antes dessa revelação plena a fraternidade passou por etapas, tanto em

derrubar muros de separação entre os homens, como por acrescidas exigências morais e espirituais.

Paternidade de Deus e fraternidade são progressivamente reveladas na Escritura. Na medida em que a aproximação de Deus acontece pelas alianças mais se estreita os laços da fraternidade. O Pai é referência do interesse comum e dos vínculos de fraternidade. Já na aliança com Noé, Deus coloca uma implicação moral, Ele diz que pedirá contas do sangue dos “homens entre si” (Gn 9, 5). Esse caminho espiritual progressivo que o povo faz com Deus e uns aos outros se expande ilimitadamente em Cristo

Dentro ainda do contexto veterotestamentário, em que Deus revela sua paternidade como mãe e pai na linguagem do profeta Isaías, a fraternidade era restrita ao povo de Israel somente, pois os filhos de Deus eram gerados pela terra prometida. O povo eleito era filho da terra, assim a paternidade divina estava ligada a imagem feminina de Sião. Até mesmo o estrangeiro residente na terra prometida era tratado com amor por exigência de Deus a fim de que o povo se recordasse que Israel já fora estrangeiro no Egito (Lv 19, 34).

A fraternidade no antigo testamento refere-se a um só grupo de pessoas, excluindo todas as outras. Dentro do povo de Israel significa superação de barreiras individuais; mas estabelece ao mesmo tempo cisões diante dos outros, dos estranhos, a propósito dos quais a lei dita ordens precisas de comportamento, de sentimento e de discriminação.

Os hebreus do antigo testamento sentem-se irmãos por serem filhos do mesmo pai, Abraão. A polêmica de Jesus com seus compatriotas, relatada em Jo 8, 33- 42, esclarece esta mentalidade, e até a supera (DICIONÁRIO DE ESPIRITUALIDADE, 2005, p. 465).

O livro de Macabeus mostra a fraternidade vinculada a Abraão antes que a terra prometida. Aparece o termo ‘fraternidade’ utilizado para os aliados espartanos que no contexto são considerados irmãos do povo hebreu por terem em comum a descendência Abraâmica (cf. 1 Mc 12, 1-17). Assim, para haver a fraternidade era necessária a referência patriarcal de Abrão, Isaac e Jacó e (ou) a habitação na terra prometida.

A antiga aliança havia sido estabelecida sobretudo, pelo intermédio de Abraão e Moisés, e ficou posteriormente centralizada em Jerusalém desde os primórdios da entrada do povo eleito na terra prometida, assim também a fraternidade estava limitada ao espaço geográfico. Conforme Deus foi revelando sua paternidade universal, a fraternidade foi, em consequência, expandindo e se

formando com suas exigências morais, solidárias e sobretudo espirituais por causa da Redenção. O Catecismo afirma que “o princípio da solidariedade [...] é uma exigência direta da fraternidade humana e cristã” (CIC 1939).

Já no antigo testamento encontramos exigências de Deus para a conduta entre irmãos, como é o caso da responsabilidade de Caim sobre Abel: “onde está o teu irmão Abel? (Gn 4, 9), pergunta-lhe o próprio Deus. Exigências entre os filhos da própria terra de Israel, como é o caso da lei de Talião na bíblia (cf. Ex 21, 24), ou ainda em Levítico o amor fraterno pelo irmão: “não terás no teu coração ódio pelo teu irmão” (Lv 19, 17), e ainda: “amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Lv 19, 18b). O amor exigido até aos estrangeiros residentes ou peregrinos (cf. Lv, 19, 34).

Solidariedade é uma exigência que se desenvolve em conjunto com a fraternidade e do conhecimento da paternidade de Deus. Tudo está interligado, não se pode falar de paternidade sem filiação, pois se há pai há filhos, e para viver como filhos é preciso se assemelhar a própria forma de ser do Pai que é amor, a isso implica as exigências na vida de fraternidade.

O Papa Francisco até confronta a pobreza social como consequência de uma pobreza relacional, pois a solidariedade cristã é consequência da fraternidade, em outras palavras: se houvesse uma riqueza relacional (fraternidade), não haveria a pobreza social porque a solidariedade seria fecunda. O Papa alerta que uma forma de promover a fraternidade é a pobreza voluntária, “o desapego vivido por quem escolhe estilos de vida sóbrios [...]” (PAPA FRANCISCO, 2014, n. 5). Foi assim que São Francisco promoveu a fraternidade tendo abraçado a pobreza, foi o santo irmão de toda criatura porque era extremamente pobre.

As palavras do Papa Francisco a seguir nos mostram como a solidariedade, ou seja, a partilha e a pobreza nos abre a consciência para a comum paternidade de Deus e a capacidade de encontrar no próximo um irmão.

A solidariedade cristã pressupõe que o próximo seja amado não só como ‘um ser humano com os seus direitos e a sua igualdade fundamental em relação a todos os demais, mas [como] a imagem viva de Deus Pai, resgatada pelo sangue de Jesus Cristo e tornada objeto da ação permanente do Espírito Santo’, como um irmão. ‘Então a consciência da paternidade comum de Deus, da fraternidade de todos os homens em Cristo, ‘filhos no Filho’, e da presença e da ação vivificante do Espírito Santo conferirá – lembra João Paulo II – ao nosso olhar sobre o mundo como que um novo critério para o interpretar’, para o transformar (PAPA FRANCISCO, 2014, n. 4).

A atitude solidária como partilha de si mesmo e dos bens temporais é uma forma de pobreza que manifesta a fraternidade. Para ilustrar a solidariedade, baseada na fraternidade, tomemos o caso bíblico de Onésimo. Esse era escravo de Filemon, discípulo de Paulo. No entanto, Onésimo fugiu e encontrou Paulo na prisão que o ‘gerou’ na fé (cf. Fil 10). O apóstolo intervém no retorno do escravo ao seu senhor sem impor a mudança no seu discípulo Filemon. Escreveu sua carta a Filemon pedindo que recebesse novamente Onésimo “não mais como escravo, mas bem melhor do que como escravo, como um irmão amado” e acrescentou: “muitíssimo para mim e tanto mais para ti, segundo a carne e segundo o Senhor” (FI 16). O que Paulo pede é solidariedade, e ele mesmo dá o exemplo: “se ele te deu algum prejuízo ou te deve alguma coisa, põe isso na minha conta” (FI 18). O apóstolo quer que seu discípulo Filemon seja capaz de ser generoso por conta própria, assim espera: “eu te escrevo certo da tua obediência e sabendo que farás ainda mais do que te peço” (FI 21).

Na escritura neotestamentária recolhi mais um exemplo de solidariedade fraternal que não se preocupa com bem material, mas antes com a salvação eterna. Encontra-se na orientação de Paulo a comunidade de Corinto sobre as carnes sacrificadas aos ídolos. Embora fosse permitido come-las a quem tem a consciência esclarecida, o apóstolo pede por caridade aos irmãos mais fracos, que não as comam para não confundi-los. Ele explica: “assim por causa da tua ciência perecerá o fraco, esse irmão pelo qual Cristo morreu!” (1 Cor 8, 11).

Lembremos a história das origens em que homem e mulher se veem como semelhantes (‘osso de meus ossos’, disse Adão) e que pelo pecado “a união do homem e da mulher ficou sujeita a tensões” (CIC 400). Consequentemente entraram as disputas entre irmãos como foi o caso do “fratricídio cometido por Caim na pessoa de Abel [...]” (CIC 401). Possível nos é concluir que a fraternidade é um ‘remédio’ para um retorno ao que Deus espera dos homens desde a criação, pois Ele nos criou para a comunhão de pessoas.

A solidariedade ajuda-nos a ver o ‘outro’ – pessoa, povo, ou nação – não como um instrumento qualquer, e que se explora, a baixo preço, a capacidade de trabalho e a resistência física, para o abandonar quão já não serve; mas sim como um nosso ‘semelhante’, um ‘auxílio’ (cf. Gn 2,18.20), que há de tornar-se participante, como nós, do banquete da vida, para o qual todos os homens são igualmente convidados por Deus (SS 39).

Pio XII - citado no Catecismo - evidencia os fundamentos da solidariedade: primeiro coloca a 'comunidade de origem', em segundo lugar destaca a 'igualdade da natureza racional entre todos os homens' e por fim a solidariedade fundamenta-se 'pelo sacrifício da redenção oferecido por Jesus Cristo no altar da cruz ao Pai celeste, em favor da humanidade pecadora' (cf. CIC 1939). Esses podem ser igualmente fundamentos para vivência de fraternidade.

A criação do homem e da mulher foi a primeira comunhão de pessoas, foi o princípio da fraternidade. A criação do homem e da mulher é utilizado também para explicar o princípio de solidariedade em discurso do cardeal presidente do Pontifício Conselho para a Cultura:

Deus criou o homem à sua imagem, criou-o à imagem de Deus; varão e mulher os criou. Aqui surge a primeira dimensão antropológica: ela é 'horizontal', ou seja, a grandeza da natureza humana está situada na relação entre homem e mulher.

[...] O homem é verdadeiramente completo em si quando encontra 'uma ajuda que lhe seja semelhante' em hebraico *kenegdô*, literalmente 'que lhe esteja em frente' (Gn 2, 18. 20). Portanto o homem tende para o infinito, para o eterno e o divino segundo a concepção religiosa e pode também tender para baixo, para os animais e a matéria. Mas só se torna verdadeiramente ele mesmo se fitar o outro nos olhos. Eis novamente o tema do outro. Quando encontra a mulher, isto é, o seu semelhante, pode dizer: 'Esta é, realmente, osso dos meus ossos e carne da minha carne' (Gn 2, 23), é a minha própria realidade.

E eis que formulamos o terceiro ponto fundamental<sup>2</sup> com um termo moderno, cuja substância está na tradição judaico-cristã, ou seja 'o princípio da solidariedade'. O fato de que somos todos 'humanos' está expresso na Bíblia com o vocábulo 'Adão', que em hebraico é *ha-'adam* com artigo (há-) e significa simplesmente 'o homem'. Por conseguinte, existe em todos nós uma '*adamicidade*' comum. Então, o tema da solidariedade é estrutural à nossa realidade antropológica de base (RAVASI, GIANFRANCO, 2012, p. 12).

À vista disso, a primeira atitude solidária que o homem - no sentido de gênero humano – experimentou, foi aquela entre homem e mulher, de se reconhecerem como semelhantes, irmãos, filhos do mesmo Pai, de comum origem e dignidade. Essa primeira solidariedade fraternal os orientará a uma doação mútua como marido e mulher da qual gerará os filhos e a relação entre irmãos.

Lembremos-nos da terceira fundamentação para a solidariedade do Papa Pio XII, citada acima: o "sacrifício da redenção oferecido por Jesus Cristo no altar da cruz ao Pai Celeste, em favor da humanidade pecadora" (CIC 1939). Somos,

---

<sup>2</sup>O primeiro ponto é a criação do homem e mulher à imagem de Deus – essa primeira posição antropológica é horizontal. Em segundo ponto é colocado a dimensão transcendente do homem, por Deus ter dado a ele o sopro da vida, essa é a posição vertical.

membros da família de Deus (cf. Ef 3 19), pois fomos “trazidos para perto, pelo sangue de Cristo” (Ef 2, 13).

E então, a consciência da paternidade comum de Deus, da fraternidade de todos os homens em Cristo, ‘filhos no Filho’, e da presença e da ação vivificante do Espírito Santo conferirá ao nosso olhar para o mundo como que um novo critério para o interpretar. Por cima dos vínculos humanos e naturais, já tão fortes e estreitos, delinea-se, à luz da fé, um novo modelo de unidade do gênero humano, no qual deve inspirar-se em última instância a solidariedade (SS 40).

O catecismo ensina que não é só solidariedade a que se exerce na ordem material. Os atos de caridade revertem em benefício de todos por uma solidariedade comum de todos os homens. Em consequência também o pecado prejudica a todos (cf. CIC 1942. 953). São Paulo que compreendeu bem o sentido do corpo eclesial ensina que quando um membro sofre todos sofrem com ele, quando outro é honrado todos se alegram com ele (cf. Rm 14,7). Não é de estranhar que a solidariedade na nova aliança se entenda também na ordem espiritual com a expiação dos pecados, pois a fraternidade que a inspira já superou os laços carnis. Por isso, aquela maternidade espiritual que Francisco exigiu aos frades, pode ser um dos aspectos que atende a exigência solidária na obra redentora. Será que tal atitude materna de Francisco em gerar filhos como que com ‘sofrimento de parto’ (cf. FF, 2000 IN: 2C,n. 174) poderia ser chamada de ‘expição’? Atender a necessidade espiritual do irmão vale mais que socorrer suas necessidades materiais, assim explica Pe. Thanner, ORC:

Ora, a necessidade maior de que o homem pode sofrer não é a física e temporal, mas a necessidade espiritual e eterna: a falta ou deficiência de comunhão com Deus (Pai por Jesus Cristo no Espírito Santo). Por isso, como tal, a obra que socorre a esta necessidade é a mais urgente e sublime (THANNER, 2007, p. 108).

No próximo capítulo veremos também as exigências do amor humano entre homem e mulher e a consequência da geração que é comum aos dois de forma diversa. Pensaremos como ambos são imagem da bondade e paternidade de Deus.

### 3. DEUS É PAI DA CRIAÇÃO

No presente capítulo tomaremos a criação para meditarmos na paternidade de Deus. Por essa razão não poderia faltar uma breve referência do amor de São Francisco por todas as criaturas, porque tendo elas em Deus a origem, revelam a bondade de sua paternidade. Deteremos uma atenção especial a criação do homem e da mulher à imagem de Deus, que “[...] é o ponto culminante da obra da criação” (CIC 342).

#### 3.1. O CÂNTICO DAS CRIATURAS

São Francisco é o irmão de toda criatura porque reconhece a paternidade divina como origem de toda criação. Interpretaremos o louvor das criaturas composto por Francisco apoiados nos estudos de Eloi Leclerc. Esse autor reconhece a dialética feminino-masculino de forma harmoniosa e nos mostra que Francisco articula em todo o Cântico o masculino e feminino nos pares ‘irmão-irmã’. Não se trata da ingênua aparência de gêneros gramaticais, o Cântico das Criaturas revela arquétipos<sup>3</sup> humanos.

Ao designar as criaturas como ‘irmãs’, Francisco demonstra não ter a pretensão de dominar a criação (cf. LECLERC, 1977, p. 21). Nessa mesma lógica, o Papa Francisco ao escrever a Encíclica *Laudato Si'*, propôs a figura do Pai contra a destruição da criação: “a melhor maneira de colocar o ser humano no seu lugar e acabar com a sua pretensão de ser dominador absoluto da terra, é voltar a propor a figura de um Pai criador e único dono do mundo [...]” (LS 75).

Com o pecado de Adão e Eva entrou a desarmonia na criação material e o ‘rosto’ bondoso do Pai ficou ofuscado. O abuso da criação por parte do homem ofusca o ‘rosto’ da misericórdia do Criador e Redentor (cf. MV 11). É difícil acreditar na misericórdia de Deus se o homem domina a criação. A relação do homem com Deus, Pai misericordioso, está ligada a sua relação com o mundo criado (cf. DM 2). A harmonia que reinava na primeira criação antes do pecado viveu-a, até certo ponto, o pai seráfico São Francisco como observa São João Paulo II:

---

<sup>3</sup> Leclerc usa a palavra arquétipo com seu significado da psicologia analítica. Para Jung (+ 1961), psiquiatra e psicólogo alemão que fundou a psicologia analítica, arquétipo é uma imagem presente no inconsciente coletivo da humanidade que é projeção de experiências passadas.

São Francisco está diante de nós como exemplo de inalterável mansidão e de sincero amor para com os animais irracionais que fazem parte da criação. Nele repercute aquela harmonia que é explicada com sugestivas palavras das primeiras páginas da Bíblia: "Deus colocou o homem no jardim do Éden, para o cultivar e o guardar" (Gn 2, 15) e 'conduziu' os animais 'para o homem, para ver como ele os havia de chamar' (Gn 2, 19) (JOÃO PAULO II, 1982).

Em *Laudato Si'* (n. 11) Papa Francisco lembrou um exemplo de São Francisco contado por São Boaventura, seu discípulo:

Acostumado a voltar continuamente à origem primeira de todas as coisas, concebeu por elas todas uma amizade extraordinária e chamava irmãos e irmãs as criaturas, mesmo as menores, pois sabia que elas e ele procediam do mesmo e único princípio (FF, 2000, in: LM 8, 6).

A relação do homem com o mundo criado está em proporção com a maneira que trata seu próprio corpo e sexualidade. O desrespeito pela criação repercute no corpo humano, que é parte integrante da criação. O homem é o ponto culminante da criação (cf. CIC 343) e "o corpo do homem participa na dignidade da 'imagem de Deus'" (CIC 364). Desrespeitando a natureza, o homem e a mulher deixam de reconhecer que o corpo faz parte dela como um dom maravilhoso de Deus do qual também terão de prestar contas ao Criador. Seguindo esse abuso pela criação, o corpo também vira objeto de egoísmo e satisfação desenfreada a procura de paixões desordenadas que vão até mesmo contra as verdades da lei natural 'inscrita' na criação. Papa Bento XVI mostrou uma estrita ligação entre o cuidado do homem com a criação e o cuidado consigo mesmo: "as modalidades com que o homem trata o ambiente influem sobre as modalidades com que se trata a si mesmo, e vice-versa. Isto chama a sociedade atual a uma séria revisão do seu estilo de vida que, em muitas partes do mundo, pende para o hedonismo e o consumismo, sem olhar aos danos que daí derivam" (CV 51).

O Papa Francisco chamou o mundo de "nossa casa comum" (LS, 3). A própria criação é fundamento para uma primária fraternidade universal entre os homens. Toda criação, de certa forma se assemelha ao Criador e O revela por imagens. Leclerc chama de arquétipos, aquelas imagens inconscientes que as criaturas evocam na mente de São Francisco. "É, portanto, do íntimo do homem que as imagens materiais tiram a sua substância. A bem dizer, essas imagens têm uma dúplice realidade: uma realidade psíquica e uma realidade física" (LECLERC, 1977,

p. 18). Antes de comentar os pares masculino e feminino no cântico das criaturas proponho uma atenta leitura do poema:

Altíssimo, onipotente, bom Senhor,  
Teus são o louvor, a glória, a honra  
E toda a bênção.

Só a ti, Altíssimo, são devidos;  
E homem algum é digno  
De te mencionar.

Louvado sejas, meu Senhor,  
Com todas as tuas criaturas,  
Especialmente o senhor irmão Sol,  
Que clareia o dia  
E com sua luz nos alumia.

E ele é belo e radiante  
Com grande esplendor:  
De ti, Altíssimo, é a imagem.

Louvado sejas, meu Senhor,  
Pela irmã Lua e as Estrelas,  
Que no céu formaste claras  
E preciosas e belas.

Louvados sejas, meu Senhor,  
Pelo irmão Vento,  
Pelo ar, ou nublado  
Ou sereno, e todo o tempo,  
Pelo qual às tuas criaturas dás sustento,

Louvado sejas, meu Senhor,  
Pela irmã Água,  
Que é muito útil e humilde  
E preciosa e casta.

Louvado sejas, meu Senhor,  
Pelo irmão Fogo  
Pelo qual iluminas a noite  
E ele é belo e jucundo  
E vigoroso e forte.

Louvado sejas, meu Senhor,  
Por nossa irmã a mãe Terra,  
Que nos sustenta e governa,  
E produz frutos diversos  
E coloridas flores e ervas.

Louvado sejas, meu Senhor,  
Pelos que perdoam por teu amor,  
E suportam enfermidades e tribulações.

Bem aventurados os que as sustentam em paz,  
Que por ti, Altíssimo, serão coroados.

Louvado sejas, meu Senhor,  
Por nossa irmã a Morte corporal,  
Da qual homem algum pode escapar.

Ai dos que morrem em pecado mortal!  
 Felizes os que ela achar  
 Conformes à tua santíssima vontade,  
 Porque a morte segunda não lhes fará mal!

Louvai e bendizei a meu Senhor,  
 E dai-lhe graças,  
 E servi-o com grande humildade (FF, 2000 in: Cant.).

Na primeira estrofe percebemos uma doxologia. Na segunda a condição da criatura que não encontra palavras aptas para o louvor. Na terceira estrofe Francisco se faz 'irmão' de todas as criaturas e com elas canta o louvor do Criador. Celebrando as criaturas e fraternizando-se com elas que Francisco se eleva ao Altíssimo, que nenhuma linguagem humana pode exprimir (cf. LECLERC, 1977, p. 162). Começa por louvar justamente pela imagem masculina do Sol que é a imagem do Altíssimo (cf. a quarta estrofe). O Sol é imaginado "[...] como fonte fundamental da vida, como fecundador e genitor universal, numa palavra, como símbolo paterno. Ele é a imagem do Pai, imagem do poder e da generosidade criadores" (LECLERC, 1977, p. 54).

A última estrofe da primeira composição feita em São Damião (estrofe número nove) traz a imagem feminina que a terra é símbolo. Todo o poema é sexuado. Os elementos formam pares: o Senhor irmão Sol e irmã Lua e as Estrelas. Irmão Vento e irmã Água. Irmão Fogo e nossa irmã, a mãe Terra. Leclerc observa que do primeiro elemento masculino: o Sol, que é símbolo da paternidade, ao último elemento que é feminino: a Terra, símbolo da maternidade, o poema abraça e abrange toda a criação pelo par cósmico 'Sol-Terra' (cf. LECLERC, p. 54).

O sol expressa a paternidade divina de dois modos, uma totalmente transcendente como diz o Catecismo da paternidade divina que é "autoridade transcendente" (CIC 239), e ao mesmo tempo que transcende é presente no cotidiano da existência pelos seus raios que tocam toda a criatura sob a terra, nesse sentido o sol é imagem da maternidade que mostra "a intimidade entre Deus e a sua criatura" (CIC 239). Sendo assim, "este sol poderia dizer também: 'sou uma estrela que caminha convosco e que ilumina desde as profundezas'" (LECLERC, 1977, p. 56).

Em par com o masculino sol está a irmã lua e as estrelas que são preciosas e belas. Importante é o termo 'precioso' que aparece no poema, pois nos escritos de São Francisco são atribuídos somente às coisas sagradas, especialmente a

conservação do corpo do Senhor e sua santa Palavra (cf. p.ex.: FF, 2000 in: Test. 10). São Francisco não chamaria os astros de preciosos sendo que utiliza a palavra para as coisas sagradas. Razão que leva a concluir que o poema revela dois mundos, um exterior e outro interior possui uma linguagem simbólica (cf. LECLERC, 1997, p. 66). “[...] A valorização da ‘irmã’ Lua e das Estrelas’ não simbolizará inconscientemente certos valores íntimos, aos quais não são estranhos o nome e a vida de Clara?” (LECLERC, 1977, p. 71).

Essas realidades noturnas de lua e estrelas revelam o insondável e fascinante, simbolizam a parte sonhadora do homem simbolizam o seu outro ‘eu’. “Ora, para o homem, o outro ‘eu’ se manifesta essencialmente no semblante da mulher” (Ibid.). A respeito afirmou São João Paulo II: “a mulher é um outro ‘eu’ na comum humanidade. Desde o início aparecem como ‘unidade dos dois’ [...]” (MD 7).

Outro par das criaturas que congratula o masculino e feminino é o vento e a água. As duas realidades se apresentam juntas na revelação desde o Gênesis. Com a imagem da água sempre está associado na Escritura o vento. O vento semeia e é comparado ao Espírito Santo, enquanto a água desde a criação está ligada ao Espírito que soprava sobre ela (cf. Gn 1,2; Ex 14, 21-22; Ez 36, 25.26; Jo 3, 5.8).

Leclerc notou o elemento comum da fecundidade, ao irmão vento que dá sustento às criaturas (cf. estrofe 6), e a água que é casta (cf. estrofe 7). É uma ‘água viva’ na linguagem de Jesus (cf. Jo 4, 10), o Espírito de Deus é o vento que sopra onde quer, condição necessária para o novo nascimento da ‘água e do Espírito’ (cf. Jo 3, 5.8). A água é fonte de fecundidade como na visão do profeta Ezequiel que viu uma torrente de água saindo do templo dando vida por onde passava (cf. Ez, 47) (cf. Leclerc, 1977, p. 83). Enquanto o vento expressa seu valor pela ação, “o valor da água está no seu próprio ser” (Ibid.). No cântico de Francisco aparece a dialética: de um lado a valorização da ação ‘para fora’ que é propriamente viril e outro da feminilidade que valoriza a intimidade e as profundezas, o ser, como o caso da lua e estrelas, da água e da terra (cf. Ibid.).

Vamos agora para o último par dos elementos: o fogo e a terra. O fogo recebe qualidades viris como ‘robusto e forte’. Francisco não teme o fogo irmão, ele é forte, mas não lhe faz mal, não o fere quando o cirurgião lhe cauteriza com ferro em brasa para curar-lhe a oftalmia (cf. FF, 2000 in: 2C n. 166). Ao lado da imagem masculina do fogo, Francisco coloca ‘nossa irmã, a mãe Terra’, além de ser irmã é

chamada de mãe. A terra que produz alimento pelos frutos, os remédios pelas ervas e a beleza pelas coloridas flores, é imagem da mulher.

Para o Santo de Assis a terra é lugar de nascimento, onde sua vocação é gestada no esconderijo por ele cavado a fim de fugir da fúria do pai (cf. FF, 2000 in: 1C n. 10). Além disso, gostava de rezar em uma gruta perto de Assis para conhecer a vontade do Senhor (cf. FF, 2000 in: 1C n. 6). Mas que dizer ainda do Monte Alverne e tantos outros lugares que o Santo se recolhia nos rochedos e fendas? “[...] A caverna ficará sempre ligada à descoberta do ‘tesouro imenso e precioso’” (Leclerc, 1977, p. 116).

Pouco antes de morrer, nos conta Celano que, o Santo cantou o cântico das criaturas e manifestou o desejo de na agonia ser despido e colocado nu sob a terra, e assim permanecer um período de tempo depois da morte (cf. FF, 2000 in: 2C n. 217). Como Cristo se entregou totalmente em seu desnudamento na cruz, assim Francisco, associado à obra redentora de Cristo, que recriou em Si todas as coisas reconciliando o céu e a terra (cf. Col 1, 20), quer a Ele se assemelhar na sua morte. A vida e a morte do Santo de Assis se tornou um verdadeiro sacrifício<sup>4</sup>.

Quando Francisco compôs o Cântico das criaturas estava muito enfermo e não podia mais gozar delas. “Nunca se prestará atenção bastante ao fato de o homem que canta o irmão Sol e todas as criaturas ser o estigmatizado do Alverne, que traz em sua alma e em seu corpo a imagem ardente de Cristo crucificado” (Leclerc, 1977, p. 156s). Francisco padecente canta o louvor da criação. Na última estrofe, Francisco se entrega a si mesmo juntamente com todo criado, louvando a Deus também pela irmã morte. Ora, a morte não é criatura de Deus, e sim consequência do pecado, mas se for aceita como sacrifício se torna, em união com Cristo, um ato expiatório. Assim, o Santo de Assis se associa a Cristo que recriou com sua morte toda a criação.

A estrofe que louva os que perdoam, suportam enfermidades e promovem a paz foi acrescentada por Francisco posteriormente (cf. FF, 2000 in: SP n. 101), mas não está fora do contexto do louvor da criação. Desde o pecado, a criação sofre e geme esperando a redenção do nosso corpo (cf. Rm 8, 22). De fato, o pecado do homem rompeu não só sua relação com Deus, mas também com todo o mundo

---

<sup>4</sup>Pe. Nathanael Thanner, ORC, define sacrifício como “um ato de amor a Deus, pelo qual o ser humano se entrega a si mesmo, em adoração, a Deus, realizando um dom substancial, para entrar em comunhão consumada com Ele” (THANNER, Nathanael in: *Sapientia Cricis*, 2004, p. 52).

criado, e sobretudo nas relações entre o homem e a mulher que são explicitamente imagem de Deus na comunhão de pessoas. O poema conduz para a reconciliação de toda criação e conseqüentemente para o homem e mulher que aparecem em pares nas estrofes ‘irmão-irmã’ pela realidade simbólica da criação.

Portanto, o cântico do Irmão Sol é um louvor ao Deus Altíssimo através dos símbolos das realidades sensíveis. Um elemento masculino sempre ao lado de um feminino evoca a imagem de Deus. Toda criação é convidada a participar no perdão e paz, frutos da redenção, e sobretudo o homem e a mulher como sujeitos (promotores) do perdão e da paz. Eles mesmo que iniciaram com o pecado a desordem em suas relações interpessoais, em toda a criação e com Deus. Entretanto, o Santo de Assis era um homem bastante reconciliado! São Boaventura diz que Francisco era “acostumado a voltar continuamente à origem primeira de todas as coisas” (FF, 2000 in: LM, 8,6) e por essa razão chamava todas as criaturas de irmãs e irmãos. Essa é atitude própria de quem é capaz de ver no irmão e irmã a imagem e semelhança do Pai celestial.

A respeito de Francisco afirmou também Celano sobre essa sua candura original: “[...] chamava todas as criaturas de irmãs, e de uma maneira especial, por ninguém experimentada, descobria os segredos do coração das criaturas, porque na verdade parecia já estar gozando a liberdade gloriosa dos filhos de Deus” (FF, 2000 in: 1C n. 81). Francisco se tornou mais próximo do estado daquela inocência que foi gozada pelo primeiro homem, daquela harmonia relacional entre as criaturas.

Assim, o cântico celebra “[...] o homem plenamente reconciliado, em quem *Eros* e *Ágape* se encontraram e se fundiram num desejo imenso de perdão e de paz” (LECLERC, 1977, p. 37). Podemos concluir que o respeito pela criação é manifestação da vivência sadia de São Francisco do seu próprio corpo e sexo. Ao cantar os louvores do Criador com todas as criaturas está como que ‘no pano de fundo’ o homem, pelos arquétipos masculinos, e a mulher pelos arquétipos femininos, como o ponto culminante da criação.

### 3.2. HOMEM E MULHER OS CRIOU

Dissertar sobre ecologia envolve profundamente o ser humano, também sua sexualidade que faz parte da criação e está impressa na natureza do corpo humano, do seu ser psíquico e espiritual. Estragar a identidade sexual é desorientar o ser humano, e deixá-lo a tal ponto desnorteado, que se torne incapaz de cuidar da criação, pois “[...] uma lógica de domínio sobre o próprio corpo transforma-se numa lógica, por vezes sutil, de domínio sobre a criação” (LS 155). A teologia do corpo trata, portanto, de uma autêntica ‘ecologia humana’. Expressão que foi usada pelo Papa Francisco na recente Encíclica, eis o texto:

Aprender a aceitar o próprio corpo, a cuidar dele e a respeitar os seus significados é essencial para uma verdadeira ecologia humana. Também é necessário ter apreço pelo próprio corpo na sua feminilidade ou masculinidade, para se poder reconhecer a si mesmo no encontro com o outro que é diferente. Assim, é possível aceitar com alegria o dom específico do outro ou da outra, obra de Deus criador, e enriquecer-se mutuamente. Portanto, não é salutar um comportamento que pretenda ‘cancelar a diferença sexual, porque já não sabe confrontar-se com ela’ (LS 155).

São João Paulo II no primeiro ciclo das suas catequeses sobre a teologia do corpo desenvolveu largamente o tema da criação dentro da antropologia cristã. Explicou que o homem (varão) se encontrava só porquê se reconhecia diferente das criaturas as quais dava o nome, mas quando viu a mulher que Deus criara para si encontrou nela semelhança e correspondência: “esta, sim, é osso de meus ossos e carne da minha carne!” (Gn 2, 23). Com a mulher tem início uma nova fraternidade na criação, a mulher é irmã do homem na comum humanidade.

Considerando o livro do gênesis, muito utilizado por São João Paulo II na abertura de suas catequeses sobre a teologia do corpo (porque trata do princípio da criação da humanidade como homem e mulher), o Papa partiu do próprio fundamento usado por Cristo: o princípio da criação do homem e mulher (cf. Mt 19, 3-9) para explicar o matrimônio. A criação da humanidade sexuada como masculino e feminino pertence “ontologicamente à criação” (CDF, 2004, p. 23). O próprio corpo na sua constituição masculina e feminina revelam realidades transcendentais. Se as realidades visíveis e corporais tornam visíveis às realidades espirituais e divinas (invisíveis), o corpo “foi criado para transferir para a realidade visível do mundo o

mistério escondido desde a eternidade em Deus, e assim ser sinal d'Ele” (JOÃO PAULO II, 2005, p. 409).

A masculinidade-feminilidade – quer dizer, o sexo – é sinal original de uma doação criadora e duma tomada de consciência por parte do homem, masculino e feminino, dum dom vivido, por assim dizer, de modo original. Tal é o significado com que o sexo entra na teologia do corpo (JOÃO PAULO II, 2005, p. 98).

Na revelação bíblica da criação do homem e mulher temos duas narrativas, a mais antiga é o texto javista que descreve a criação de ambos separadamente, e se encontra no capítulo dois de Gênesis. O relato mais recente é o chamado sacerdotal que está em Gênesis capítulo um e descreve a criação da humanidade como homem e mulher concomitantemente e à imagem de Deus.

No relato javista (criados separadamente) mostra que Deus reconheceu a solidão do homem: “não é bom que o homem esteja só. Vou fazer uma auxiliar que lhe corresponda” (Gn 2,18). Entretanto, Deus quis que Adão sentisse solidão pela falta da mulher, razão pela qual não fez imediatamente a mulher para apresentá-la ao homem, antes modelou do solo os animais e os levou ao homem para que ele os nomeasse. O homem tirado da argila do solo é chamado a ser colaborador do criador no governo do mundo.

Essa tarefa (de dar nomes) constituiu em prova para o primeiro homem, que foi se reconhecendo superior a todos os outros seres vivos não encontrando assim uma correspondência entre eles, o que levou o homem a experiência da solidão. A essa evidência chegou também pelo conhecimento do corpo, “mediante o qual o homem participa do mundo criado visível, torna-o concomitantemente, consciente de ser ‘só’” (JOÃO PAULO II, 2005, p. 72s).

“O autoconhecimento acompanha o conhecimento do mundo, de todas as criaturas visíveis, de todos os seres vivos a que o homem deu nomes para afirmar, em confronto com eles, a própria diversidade” (JOÃO PAULO II, 2005, p. 70). A essa solidão o Papa chamou de ‘solidão metafísica’, pois é um estado que revela o ser superior do homem na criação (solidão aplicável a todo ser humano, não só ao primeiro)<sup>5</sup>. A mulher criada de sua carne é auxiliar que lhe corresponde, ou seja,

---

<sup>5</sup> Pela solidão original, o homem supera o mundo visível, o transcende. O corpo que era desde o princípio testemunha e verificação dessa solidão torna-se mediante a masculinidade e feminilidade comunhão de pessoas. “Assim, o corpo humano levava em si, no mistério da criação, um sinal indubitável da ‘imagem de Deus’[...]” (JOÃO PAULO II, 2005, p. 154).

quem está na mesma altura do homem, superior aos outros seres em posição de comando.

[O homem] precisa de uma ajuda que lhe seja correspondente. O termo [ajuda] indica, aqui, não um papel subalterno, mas uma ajuda vital. A finalidade é, efetivamente, a de permitir que a vida de *Adam* não se afunde num confronto estéril, e por fim mortal, apenas consigo mesmo. É necessário que entre em relação com um outro ser que esteja ao seu nível. Só a mulher, criada da mesma 'carne' e envolvida no mesmo mistério, dá um futuro à vida do homem. Isso dá-se a nível ontológico, no sentido que a criação da mulher da parte de Deus caracteriza a humanidade como realidade relacional (CDF, 2004, p. 9-10).

Homem e mulher “[...] são como duas ‘encarnações’ da mesma solidão metafísica, diante de Deus e do mundo [...]” (JOÃO PAULO II, 2005, p. 85). São duas formas de ‘ser corpo’, são duas consciências complementares da forma de ser corpo na criação. Assim “[...] a feminilidade se encontra a si mesma, diante da masculinidade, ao passo que a masculinidade se confirma através da feminilidade” (JOÃO PAULO II, 2005, p. 85).

É verdade que algo de Eva teve origem em Adão, na linguagem figurativa do hagiógrafo foi a costela. Deus modelou Adão da argila do solo (cf. Gn 2, 7), enquanto Eva modelou da costela do homem (cf. Gn 2,22). Assim, como o solo foi meramente passivo na formação de Adão, Adão o foi igualmente na criação de Eva<sup>6</sup>.

Por isso, Adão não pode ser pai de Eva que lhe é dada como mulher. Eva é filha do mesmo Pai que Adão, ambos tem a mesma origem e por essa razão podemos compará-los como irmãos na comum humanidade, possuem Deus por Pai sem cooperação de criatura alguma. São irmãos porque Eva é tirada do seu lado para ser sua semelhante, “uma vez que os filhos têm em comum carne e sangue”(Hb 2,14a). Ainda no Antigo Testamento temos alguns casais que se entendem como irmãos na comum humanidade, é o exemplo de Tobias que chama Sara de irmã (Tb 8, 7). A oração composta por Tobias mostra Adão e Eva em igual dignidade como origem dos homens: “Tu criaste Eva, sua mulher, para ser seu sustentáculo e amparo, e para que de ambos derivasse a raça humana” (Tb 8, 6). Ou seja, Adão e Eva são a origem da humanidade, como imagem única da

---

<sup>6</sup>Na teologia do autor javista, o torpor, em que Deus fez cair o primeiro homem, sublinha a exclusividade da ação de Deus na obra da criação da mulher; o homem não teve nela nenhuma participação consciente. Deus serve-se da sua ‘costela’ só para acentuar a natureza comum do homem e da mulher (JOÃO PAULO II, 2005, p. 78).

paternidade de Deus. Não é só Adão a origem da humanidade, a Escritura afirma que é Adão e Eva.

A palavra 'irmã' também é usada pelo casal do livro dos cânticos (Ct 4, 9), segundo João Paulo II "a expressão 'irmã' fala da união da humanidade e, ao mesmo tempo, da diversidade e originalidade feminina desta humanidade" (Paulo II, 2005, p. 450). No Cântico dos Cânticos temos a riqueza da linguagem do corpo, motivo pelo qual o livro se tornou canônico, riqueza de linguagem que já fora expressa pelo primeiro homem: "esta, sim, é osso de meus ossos e carne da minha carne!" (Gn 2, 23a). O livro do Cântico é o desenrolar dessa primeira exclamação presente no sacramento da criação<sup>7</sup> em que o homem exprime o espanto e admiração diante da mulher (cf. JOÃO PAULO II, 2005, p. 446).

O homem no Cântico dos Cânticos admira a mulher com os olhos do corpo, a mulher, por sua vez, contempla o amado com os "os olhos do coração, através do seu afeto" (JOÃO PAULO II, 2005, p. 449). O noivo se dirige a amada como irmã (cf. Ct 4, 9), isso se mostra mais significativo para ele que chamá-la de amiga ou pelo próprio nome (cf. JOÃO PAULO II 2005, p. 450), pois o amor os impulsiona a procurar o passado comum, como se ele e ela originassem da mesma família. "Deste modo sentem-se reciprocamente próximos como irmão e irmã que devem a sua existência à mesma mãe" (JOÃO PAULO II, 2005, p. 452).

O termo 'irmã' evoca, portanto um retrocesso a origem da humanidade no sacramento da criação naquela primordial relação pessoal entre o primeiro homem e a primeira mulher, nesse sentido o Papa continua explicando que Adão e Eva tinham consciência de serem irmãos e terem Deus como seu Pai comum:

Neste momento podem voltar à nossa mente as frases de Gn 2, 23-25 que parecem, pela primeira vez, revelar a experiência do 'eu' feminino e masculino, nascido do senso comum de pertença ao Criador como Pai comum. Diante dele, em toda a verdade do seu corpo de sua masculinidade e feminilidade, eram antes de tudo 'irmão' e 'irmã', na união da mesma humanidade ('todos dois estavam nus, mas não experimentavam vergonha: Gn 2, 25'). Esta primeira relação 'irmão'- 'irmã' se constituiu como o primeiro fundamento da comunhão das pessoas – em certo sentido, como a condição constitutiva do recíproco destino, mesmo na dimensão da vocação pela qual se tornariam 'marido e mulher' (JOÃO PAULO II, 2005, p. 452).

---

<sup>7</sup> Sacramento aqui significa mistério escondido em Deus desde toda a eternidade, o mesmo termo sacramento em sentido vasto é usado pelo Papa para o sacramento da redenção. Dentro do sacramento da criação está subtendido "a sacramentalidade originária do matrimônio (sacramento primordial)" (JOÃO PAULO II, 2005, p. 416).

O fato do homem conhecer a mulher como parte de si, sendo osso dos seus ossos, não diminui a individualidade de ambos, mas revela ainda mais o aspecto complementar e a comum dignidade. Esse reconhecimento recíproco de igual dignidade na diversidade do sexo, do ser masculino e do ser feminino, é fundamento do seu ser irmãos na comum humanidade. “O homem e a mulher, antes de se tornarem marido e esposa [...], emergem do mistério da criação, primeiro como irmão e irmã na mesma humanidade” (JOÃO PAULO II, 2005, p. 112).

São irmãos por possuírem a mesma origem, mas diferente das outras criaturas que, obviamente tiveram sua origem em Deus. São irmãos por possuírem a mesma carne, o mesmo sangue e também a mesma dignidade. A união do homem e da mulher “constitui a primeira expressão da comunhão de pessoas” (GS, 12). E São João Paulo II na citação acima nos especifica que o ser ‘irmãos’ é o primeiro fundamento da comunhão de pessoas e da posterior vocação esponsal.

Para João Paulo II o termo ‘irmã’ se refere à união da humanidade, o que podemos chamar de fraternidade, e ao mesmo tempo revela a origem diversa da humanidade feminina que o primeiro homem reconheceu como sua carne. Quando a mulher aparece ao homem na criação abre-lhe para a relação interpessoal, pois ser pessoa não é só ‘ser sujeito’, mas também ‘ser em relação’. A mulher é apresentada para o homem como desafio e como ajuda a auto compreensão. Por isso, afirma o Papa, que quando o esposo do Cântico chama a esposa de irmã está espontaneamente acolhendo o desafio dessa relação (cf. JOÃO PAULO II, 2005, p. 450).

Chamar a esposa de irmã é uma significativa releitura da linguagem do corpo como retorno a inocência original. A amada se lamenta que o seu amado não seja-lhe irmão, filho da mesma mãe, pois poderia beijá-lo ao encontrá-lo fora de casa sem receber desprezo (Ct 8, 1-2), ou seja, sem temer o juízo dos outros. O mesmo se diz do esposo quando afirma da noiva como se fosse sua irmã ainda pequenina e sem seios (Ct, 8, 8). Vendo-a no tempo da infância, embora a esposa já seja uma mulher (cf. Ct, 8, 10), o homem quer abraçar o ‘eu’ inteiro da esposa “com uma ternura desinteressada” (JOÃO PAULO II, 2005, p. 452).

Desse amor autêntico do esposo nasce a paz na Sulamita, paz que se mostra pelo sono e as palavras do amado para que “[...] não desperteis, não acordeis o amor até que ele o queira!” (Gn 3 5). “Esta é, sobretudo, a paz do encontro na humanidade como imagem de Deus – e o encontro mediante um dom

recíproco e desinteressado [...]” (JOÃO PAULO II, 2005, p. 452). Sobre essa ‘imagem de Deus’ trataremos no próximo tópico.

A essa chamada - na linguagem do Papa – ‘trama fraterna’ no livro do Cântico, está unido em estado de formação o amor esponsal no noivo, que está ainda conhecendo a noiva, com “aquela releitura da ‘linguagem do corpo’ desde a origem em que o ‘eu’ feminino lhe fala com o seu conteúdo ‘fraterno’” (JOÃO PAULO II, 2005, p. 453). Aquela ‘irmã’ o homem se dirige como esposa, porque como tal permanece para ele irmã. Há coerência e não divergência desses termos na linguagem do corpo (cf. JOÃO PAULO II, 2005, p. 451), o ser irmãos, a comum origem fundamenta a comunhão interpessoal e esponsal.

Portanto, com a criação da humanidade sexuada, que é como “[...] duas diferentes ‘encarnações’, isto é, sobre dois modos de ‘ser corpo’ do mesmo ser humano, criado à imagem de Deus (Gn 1, 27)” (JOÃO PAULO II, 2005, p. 77), temos a primeira fraternidade: o casal, pois como filhos de Deus pela comum origem com “toda a verdade do seu corpo de sua masculinidade e feminilidade, eram antes de tudo ‘irmão’ e ‘irmã’, na união da mesma humanidade” (JOÃO PAULO II, 2005, p. 452).

Depois dessa primeira e fundamental relação de fraternidade entre o primeiro homem e a primeira mulher emerge a relação esponsal em que Adão conheceu Eva, sua mulher (cf. Gn 4,1), só a partir dessa doação recíproca que aparece na Sagrada Escritura pela primeira vez o termo ‘irmão’, porque Eva dá à luz Abel, que é chamado irmão de Caim (cf. Gn 4, 2).

### 3.3. HOMEM E MULHER CRIADOS À IMAGEM DA PATERNIDADE DIVINA

A paternidade de Deus revelada na criação de Adão e Eva é representada de forma singular no homem e na mulher criados à sua imagem. Desse primeiro homem e primeira mulher, que são filhos de Deus somente, nascem mais filhos de Deus que são também filhos do homem e da mulher. Esse raciocínio muito lógico pode parecer dispensável, mas é essencial para entender que com Adão e Eva, Deus cria a primeira imagem de sua paternidade transcendente: o casal. “É esta humanidade sexuada que é explicitamente declarada ‘imagem de Deus’” (CDF, 2004, p. 9).

É mais comum olharmos a união do homem e da mulher como sinal da união de Deus com o seu Povo, de Cristo com a Igreja, o que não é errado. Porém, ao falarmos de sua paternidade transcendente olhemos para o casal matrimonial. Pois sendo os filhos o resultado da união de ambos, quero atrair a atenção para o aspecto pouco recordado, que é a revelação da paternidade de Deus na união dos cônjuges (procriação).

A fim de explicar a questão do porquê chamamos a Deus de Pai, comumente desviamos a atenção a essa verdade, de que a procriação deriva de ambos e nela está a imagem de Deus. Temos por exemplo explicações como esta: “Nisto [procriação], o homem tem certo primado em relação à mulher, enquanto tem papel ativo (de fecundar a mulher), papel este que é próprio de Deus; a criatura, ao invés, é, com relação a Deus, passiva, receptiva” (THANNER, 2015 p. 64).

Nesse caso a procriação que é comum aos dois, e nela se dá a imagem de Deus em ambos, foi dividida para explicar o porque chamamos Deus de Pai. Outro caso do mesmo autor: “A mulher, por sua vez, exprime com toda a perfeição, exatamente naquilo que a distingue claramente do homem, o papel da criatura em relação a Deus” (THANNER, 2002, p. 77). Vamos por enquanto deixar essa questão de lado e seguir o raciocínio da imagem de Deus no casal para depois retomarmos esse assunto.

O corpo do homem e da mulher participa da dignidade da imagem de Deus<sup>8</sup> formando uma unidade dessa imagem, ou seja, juntos o homem e a mulher são unidade da imagem de Deus. Lembrando que o corpo revela o espiritual (cf. JOÃO PAULO II, 2005, p. 409) compreendemos as seguintes palavras do Papa:

O homem que Deus criou ‘masculino e feminino’, carrega em si, a imagem divina impressa no corpo, ‘desde o princípio’; o homem e a mulher constituem como que dois modos diversos do humano, ‘ser corpo’, na unidade daquela imagem (cf. JOÃO PAULO II, 2005, p. 95).

Homem e mulher são imagem de Deus, individualmente, mas juntos mais ainda por manifestarem o mistério da comunhão trinitária. Criados um para o outro, são complementares, contudo sem deixarem de ser completos quanto indivíduos. São vocacionados a cooperar com a obra criadora de Deus através da geração, ou seja, da paternidade e da maternidade. “A procriação está radicada na criação e

<sup>8</sup> “O corpo do homem participa na dignidade da imagem de Deus: é corpo humano precisamente por ser animado pela alma espiritual, e a pessoa humana na sua totalidade é que é destinada a tornar-se, no Corpo (Místico) de Cristo, templo do Espírito [...]” (CIC 364).

todas as vezes, em certo sentido, reproduz o mistério criador” (JOÃO PAULO II, 2005, p. 87).

Quando Adão conheceu Eva (Cf. Gn 4, 1) transmitiram ao seu descendente a vida humana, ambos cooperaram de modo único na obra do criador (cf. CIC 372). É afirmação bíblica de que a paternidade divina é fonte da paternidade humana (cf. Ef 3, 14s), mas como entender essa ‘paternidade humana’? No Catecismo citando essa passagem se subentende que ‘paternidade humana’ não se refere somente ao pai, mas aos pais, aos quais os filhos devem respeito porque a paternidade divina “fundamenta a honra devida aos pais” (CIC 2214).

Cada um dos dois sexos é, com igual dignidade, embora de modo diferente, imagem do poder e da ternura de Deus. A união do homem e da mulher no matrimônio é um modo de imitar na carne a generosidade e a fecundidade do Criador (CIC 2335).

Embora o texto javista descreva separadamente a criação do homem e mulher, devemos analisar o texto bíblico na unidade e conteúdo de toda a Escritura (cf. DV 12). Diante do capítulo II trazemos a afirmação do capítulo I de Gênesis em que declara Deus ter criado homem e mulher à sua imagem (cf. Gn 1, 27). São imagem de Deus ‘na comunhão de pessoas’, porque desde ‘o princípio’ o homem “não é só imagem em que se espelha a solidão de uma Pessoa que governa o mundo, mas também, e essencialmente, imagem duma imperscrutável comunhão divina de Pessoas” (JOÃO PAULO II, 2005, p. 82).

Mas, como afirmar que a mulher é imagem de Deus se no capítulo um de gênesis o texto parece confessar isso só do homem? Eis o texto: “Deus criou o homem à sua imagem, à imagem de Deus ele o criou, homem e mulher ele os criou” (Gn 1, 27). Assim como está, parece que só o homem (masculino) é imagem de Deus. O hagiógrafo parece informar que Deus criou o homem e a mulher, mas o homem (varão) Ele o criou à sua imagem.

Sobre isso, o Papa explica que a masculinidade e a feminilidade são como duas ‘encarnações’, “dois modos de ‘ser corpo’ do mesmo ser humano, criado à imagem de Deus” (JOÃO PAULO II, 2005, p. 77). Esclarece que a primeira vez que aparece a palavra ‘homem’, no texto original de Gênesis, não tem o significado de homem como masculino, mas sim como humanidade. São as traduções da Sagrada Escritura que, infelizmente, não facilitam essa compreensão.

A primeira vez que aparece o termo ‘homem’ na bíblia, segundo o texto original, é usada a palavra hebraica *Adam*, isto é, o homem que representa a humanidade. A contraposição ‘*ish-ishshah*’ (homem-mulher) descrita posteriormente sublinha a diversidade sexual. Só depois da criação da mulher o texto continua a chamar o primeiro homem de ‘*adam*’ (Adão para nós), pois se tornou ‘pai da humanidade’ (cf. JOÃO PAULO II, 2005, p. 78). O termo *Adam* se tornou o nome próprio do primeiro homem, mas antes significava humanidade.

A narração da criação do homem, no capítulo primeiro, afirma desde o começo e diretamente, que o homem foi criado à imagem de Deus enquanto homem e mulher. A narração do capítulo segundo, pelo contrário, não fala da ‘imagem de Deus’, mas; revela, do modo que lhe é próprio, que a completa e definitiva criação do ‘homem’ (submetido primeiramente à experiência da solidão original) se exprime em dar vida àquela ‘*communio personarum*’ que o homem e a mulher formam. Deste modo, a narração javista adapta-se ao conteúdo da primeira narração (JOÃO PAULO II, 2005, p. 82).

A distinção entre feminino e masculino se deu depois da criação da mulher, antes o primeiro homem se identificava como corpo, reconhecia-se distinto dos outros seres criados. Foi depois com a mulher que conheceu o significado esponsal do seu corpo. Com a criação da mulher, o homem se entendeu como pessoa, pois “‘ser pessoa’ significa não somente ‘ser sujeito’, mas também ‘ser em relação’” (JOÃO PAULO II, 2005, p. 450).

São João Paulo II explica que o corpo revela o homem (cf. JOÃO PAULO II, 2005, p. 83) e por isso tratar do que seja masculino e feminino não é tratar apenas de antropologia, é também teologia do corpo, e esta é ligada desde o princípio com a criação do homem e da mulher como imagem de Deus<sup>9</sup>. A teologia do corpo se torna “também teologia do sexo, ou antes, teologia da masculinidade e da feminilidade que aqui, no Livro do Gênesis, encontra o seu ponto de partida” (JOÃO PAULO II, 2005, p. 83).

Deus criou a humanidade como homem e mulher, ambos à sua imagem. Porém, como compreender o ser imagem? O Filho unigênito é imagem de Deus Pai de forma perfeita, por isso é chamado de imagem do Pai (cf. Cl 1,15). Como então o homem é imagem de Deus?

---

<sup>9</sup> “O fato de a teologia compreender também o corpo não deve maravilhar nem surpreender ninguém que seja consciente do mistério e da realidade da Encarnação. Pelo fato de o Verbo de Deus ter-se feito carne, o corpo entrou, eu diria, pela porta principal, na teologia, isto é, na ciência que tem por objeto a divindade” (JOÃO PAULO II, 2005, p. 130).

Explica Santo Tomás que o homem é feito 'à' imagem de Deus, para indicar assim a imperfeição da criatura (cf. S.Th. I, 93, 1, 2). Para o Doutor Angélico, todos os homens foram criados à imagem de Deus por causa das capacidades espirituais da alma, a volitiva e a intelectual. A Pontifícia Comissão Bíblica indica pelo menos seis características que tornam o homem imagem de Deus: racionalidade; liberdade; posição de comando; capacidade de agir conforme Deus ('imitar Deus'); ser pessoa, ou seja, ser em relação e a santidade (PCB, 2008, p. 22).

Todas as criaturas possuem certa semelhança com o Criador, entretanto à sua imagem, somente o homem foi feito, por isso afirmou Santo Agostinho que onde há imagem há semelhança, mas o inverso não cabe. Santo Tomás, Santo Agostinho e Santo Hilário são de acordo que Deus criou o homem à imagem da Santíssima Trindade, pois disse no plural: "Façamos o homem à nossa imagem, como nossa semelhança [...]" (Gn 1, 26).

Santo Tomás na suma teológica levanta uma pergunta curiosa que interessa para nossa reflexão. Ele questiona se o Anjo é mais imagem de Deus que o homem, e responde que sim quanto ao poder intelectual e natureza espiritual. Entretanto, apesar de o Anjo ser mais imagem de Deus, no homem aparece a imagem da geração que há em Deus, pois o homem nasce do homem como Deus Filho é gerado pelo Pai. "Nisto o homem não é simplesmente imagem de Deus, mais sim, imagem do Filho no que lhe é próprio" (WAGNER, p. 56), o homem é filho e gera. Esse é o ponto que nos interessa: o mistério da criação 'à imagem de Deus' engloba a geração divina e "corresponde a perspectiva da procriação" (JOÃO PAULO II, 2005, p. 59)<sup>10</sup>.

Ora, a procriação não é algo só do homem e nem só da mulher é de ambos. A geração em Deus é só do Pai, e Deus Pai é único na trindade, o Filho nem o Espírito são o Pai, o que nos leva a pensar que é mais lógico comparar somente ao homem a geração que em Deus é totalmente diversa. Porém, esta geração divina, justamente por transcender o que seja humano, não é possível nem ao homem nem a mulher sozinha realiza-la na criação como imagem da geração divina. A geração humana é própria da "unidade dos dois" (cf. MD 8), ambos cooperam e são codependentes, o homem (varão ou mulher) dependo do seu semelhante, o que mostra sua condição de criatura e não de criador.

---

<sup>10</sup> "[...] o modelo absoluto de toda 'geração' dos seres humanos no mundo deve ser procurado em Deus" (MD 8).

Com isso, Deus parece querer revelar que ao depender um do outro e não sendo absolutos, o homem e a mulher dependem de Deus. E “é esta humanidade sexuada que é explicitamente declarada ‘imagem de Deus’” (CDF, 2004, p. 9). Recentemente afirmou o Papa Francisco que “a imagem de Deus é o casal matrimonial: o homem e a mulher; não somente o homem, não somente, a mulher, mas todos os dois” (FRANCISCO, 2014, p.12).

Ainda por breve que seja, me proponho a refletir sobre uma passagem bíblica que já me intrigou bastante sobre o aspecto da igual dignidade do homem e da mulher criados à imagem de Deus. De fato, afirma o Catecismo: “o homem e a mulher são, com uma mesma dignidade, ‘à imagem de Deus’” (CIC 369). E São Paulo, ao exigir das mulheres do seu tempo o véu sobre a cabeça, apresenta o seguinte fundamento: “Quanto ao homem, não deve cobrir a cabeça, porque é a imagem e glória de Deus; mas a mulher é a glória do homem” (1Cor 11, 7). Colocando seu fundamento no livro de gênesis o apóstolo conclui: “pois o homem não foi tirado da mulher, mas a mulher do homem. E o homem não foi criado para a mulher, mas a mulher para o homem” (1Cor 11, 7s). Seria porventura o homem mais imagem de Deus que a mulher? A mulher é inferior ao homem? Como entender São Paulo?

O texto de São Paulo não afirma que a mulher seja à imagem do homem e sim a glória do homem. Sendo assim, não contradiz a verdade que homem e mulher são imagem de Deus. Analisando a Escritura na sua unidade entendemos que São Paulo não exclui que a mulher seja imagem e glória de Deus, pois isso ele afirma de todos, homens e mulheres em 2Cor 3, 18.

Possivelmente o apóstolo tem em mente no v. 7 o homem Cristo Jesus, que é cabeça de todo homem (cf. 1Cor 11, 3) e imagem do Deus invisível (cf. Col 1, 15), o “resplendor de sua glória e a expressão do seu ser” (Hb 1, 3), fala assim do varão como imagem do Verbo que se encarnou como homem. Também no matrimônio o apóstolo compara o homem a Cristo (cf. Ef 5). O fato da mulher ser a glória do homem é contradição a igual dignidade de ambos à imagem de Deus?

Procuremos refletir parcialmente o que São Paulo entende por glória. Em 2Cor 11, 2 Paulo diz ter um zelo semelhante ao de Deus, ou seja, de esposo. Em outra passagem 1Ts 2,19-20, o apóstolo diz que a comunidade dos tessalonicenses é sua coroa de glória (*doxa*). Se Paulo se sente esposo da Igreja e essa é sua glória, vejamos o que poderia lhe causar glória da parte da Igreja entendida como esposa.

Parece que deve ao seu trabalho apostólico, pois a Igreja é sua imitadora (1Ts, 6), aprendendo do apóstolo como agradar à Deus (1Ts 4,1), é ainda seu motivo de orgulho entre as Igrejas (2Ts 1,10). Também Jesus (cf. Ef 5, 25ss), se entregou pela Igreja “para apresentar a si mesmo a Igreja, gloriosa” (Ef 5, 27). Paulo se assemelha a entrega de Cristo pelos seus trabalhos apostólicos, pois o trabalho pode ser considerado uma forma parcial de se entregar, assim a Igreja para ele se apresenta como sua glória.

Assim parece-nos que a mulher é glória do homem porque a ele Deus deu a tarefa de sustento por meio do trabalho (cf. Gn 3, 19), por isso o motivo de glória estaria na entrega do homem, no seu trabalho, na sua doação, em outras palavras no seu amor. Concordando com o Vaticano II ao ensinar que o homem (e mulher) só se encontra no dom sincero de si mesmo (cf. GS 24).

Em Efésios o apóstolo Paulo usa a palavra grega *doxa* (glória): “por isso eu vos peço que não vos deixeis abater por causa das minhas tribulações por vós, o que para vós deve ser motivo de glória” (Ef 3, 13). Interessante entender o aspecto da reciprocidade, aqui Paulo diz que suas tribulações são motivo de glória para a comunidade. Então, não é só a Igreja a glória do apóstolo, mas também as suas tribulações (trabalhos, entrega) por ela, a glória da mesma. Assim, a entrega do homem pela mulher, que pode ser manifestada de forma parcial no trabalho de sustento, é o motivo de glória do homem esposo e igualmente a glória da esposa.

A Irmã Delir Brunelli em seu doutorado sobre a espiritualidade de Santa Clara trata da mulher como imagem de Cristo. Ela diz: “a mensagem central dos relatos da criação a respeito da imagem de Deus presente no homem e na mulher foi obscurecida por 1Cor 11, 7” (BRUNELLI, 1998, p. 218). Ela explica que essa afirmação de São Paulo, prevaleceu devido o ambiente sociocultural da época, sobre afirmação de Gn 1, 26s, de 2Cor 3, 18, dos textos paulinos sobre a nova criação em Cristo e restauração da imagem divina nos homens e mulheres. E ainda temos autores de ‘peso’ na história que afirmaram uma interpretação equivocada.

Agostinho, ao separar a criação humana em dois tempos, um para a alma (*informatio*) e outro para o corpo (*conformatio*), encontrou uma forma de defender a subordinação da mulher ao homem sem ferir a doutrina da igualdade fundamental, por serem ambos imagem de Deus [...] Mas ao afirmar a inferioridade da razão feminina, Agostinho transporta a desigualdade para o âmbito da alma racional e deixa uma porta aberta para a negação da igualdade fundamental que ele mesmo defende. É o que acontece nos Decretos de Graciano, do século XII, onde se retoma

Agostinho e se afirma explicitamente que a mulher não é imagem de Deus (BRUNELLI, 1998, p. 217).

Voltando ao nosso raciocínio. Na teologia do corpo o Papa mostra que no mistério da criação a mulher é 'dada' ao homem, ele a recebe na verdade plena de sua feminilidade. O homem é quem recebe o dom do criador, por essa razão "a mulher é 'desde o princípio'; confiada aos seus olhos, à sua consciência, à sua sensibilidade e ao seu coração" (JOÃO PAULO II, 2005, p. 108), ao homem cabe a tarefa de fazer intercâmbio entre a recíproca doação, do dar e receber, essa ação cria uma verdadeira comunhão de pessoas, ao ponto que o "doar torna-se aceitar, e o aceitar se transforma em doar" (Ibid.). Assim "o homem se enriquece não só por meio dela, que lhe dá a sua pessoa e feminilidade, mas também por meio da doação de si mesmo" (JOÃO PAULO II, 2005, 109).

Já vimos como São Francisco trabalhou pelas damas pobres na construção do mosteiro em São Damião (cf. 2. 1 do presente trabalho), certamente Clara e suas irmãs se tornaram para o Santo de Assis sua 'coroa e glória' como foi a comunidade de Tessalônica para o apóstolo Paulo. As filhas espirituais de Francisco aprenderam dele como viver a pobreza, e a comunidade de Paulo aprendeu dele como agradecer a Deus. Assim poderíamos fazer inúmeros paralelismos mostrando essa dimensão sponsal de Francisco como homem que se realiza no dom sincero de si mesmo, dentro do celibato como o apóstolo Paulo.

No mistério da criação, o homem e a mulher foram 'dados' pelo Criador, de modo particular, um ao outro, isto não só na dimensão daquele primeiro casal humano e daquela primeira comunhão de pessoas, mas em toda a perspectiva da existência do gênero humano e da família humana. O fato fundamental desta existência do homem em todas as etapas da sua história é que Deus 'os criou homem e mulher'; de fato, sempre os cria deste modo e sempre assim são (JOÃO PAULO II, 2005, p. 111).

Pode parecer que estou forçosamente atribuindo a Francisco, que é um homem celibatário, a teologia do corpo, mas não. São João Paulo II escreveu dentro de suas catequeses um ciclo dedicado ao celibato e a virgindade pelo Reino, unindo as duas realidades: o matrimônio e o celibato como complementares. Para explicar o celibato ele partiu da dimensão sponsal do corpo e o autêntico sentido do matrimônio. Ensinou que o dom sincero da pessoa revela a masculinidade e feminilidade não só no plano físico da sexualidade (cf. JOÃO PAULO II, 2005, p. 101). No próximo capítulo voltarei a esse tema e retomarei também o texto de 2Cor

11 precisamente os versículos nove e onze. Retomemos por enquanto afirmações do Pe. Nathanael Thanner, autor que já citei no começo desse tópico. Seus pensamentos serão como complemento e impulso de estudo para nosso presente trabalho.

Padre Thanner assemelha a mulher a terra fértil que recebe a semente, e sendo a terra criatura, a mulher no seu papel passivo representa a criatura diante de Deus, exemplo disso é Maria, a *Theotókos*. Além do mais, na geração a mulher está intimamente unida a natureza, ela está ligada a matéria, enquanto o homem é pai sem estar unido a formação somática do filho. Assim Padre Thanner afirma:

[...] Deus Se diz 'Pai' e não 'Mãe'. Pois a condição própria do homem é de não estar tanto inserido no próprio processo vital, mas de a sua ação ser necessária para que a mulher possa gerar nova vida. O Deus transcendente, o Deus que não Se confunde com a natureza, que não é a 'alma do universo', a 'força escondida nas profundezas do universo', o Deus que não Se confunde, de maneira alguma, com as forças da natureza (com a própria sexualidade), este Deus chamou a Si mesmo de 'Pai' (THANNER, 2002, p. 86).

De fato, Deus Pai não assumiu a natureza humana como o Filho na encarnação que se fazendo homem se uniu, de certa forma, a toda a 'carne' e o mundo material. A nossa fé em Deus não pode ser confundida com panteísmo (tudo é deus) nem com o deísmo que acredita que Deus abandonou a criação depois de tê-la completado. Ora, o homem no seu papel de princípio como aquele que tem a iniciativa, é quem age fecundando a mulher (cf. THANNER, 2002 p. 64). Mas depois da fecundação a mulher continua sendo a imagem da paternidade divina que não abandona ao acaso sua obra, ela representa àquela paternidade divina íntima da sua criatura. Essa meditação está em outras palavras no Catecismo da Igreja Católica:

Ao designar Deus com o nome de 'Pai', a linguagem da fé indica principalmente dois aspectos: que Deus é a origem primeira de tudo e a autoridade transcendente, e, ao mesmo tempo, que é bondade e solicitude amorosa para com todos os seus filhos. Esta ternura paternal de Deus também pode ser expressa pela imagem da maternidade, que indica melhor a imanência de Deus, a intimidade entre Deus e a sua criatura. A linguagem da fé vai, assim, alimentar-se na experiência humana dos progenitores, que são, de certo modo, os primeiros representantes de Deus para o homem [...] (CIC 239).

Portanto, a paternidade transcendente de Deus é refletida em igual dignidade, embora diversamente, na paternidade humana do homem e na

maternidade da mulher (cf. CIC 2335). Enquanto a mulher gera, o homem continua sendo pai através e da mulher, ele não deixa de ser pai depois de fecundar a mulher. Portanto, é na mulher que manifesta sua paternidade. Nela que aprende a ser pai. “O homem – mesmo com toda a sua participação no ser pai – encontra-se sempre ‘fora’ do processo da gestação e do nascimento da criança e deve, sob tantos aspectos, aprender da mãe a sua própria ‘paternidade’” (MD 18). Então, será que a mulher é imagem da paternidade transcendente naquilo que lhe é próprio: a maternidade? Em que sentido a mulher participa na paternidade de Deus? O que torna Francisco apto a se assemelhar a maternidade? Sobre essas questões refletiremos no próximo capítulo.

## 4. DEUS É PAI NA REDENÇÃO

Na história salvífica a paternidade de Deus foi progressivamente revelada, como vimos no capítulo dois. Tal revelação foi completada em Cristo que revelou a paternidade divina por sua relação filial, mostrando que Ele é Pai não só enquanto Criador e origem do mundo, mas que é Pai eternamente em relação a Ele, seu Filho unigênito. Sobre isso comentaremos brevemente no tópico 4.1.

O Verbo encarnado é ‘filho do Altíssimo’ (cf. Lc 1, 32) e também filho de Maria. Razão pela qual a virgem de Nazaré participa de modo único na revelação do Pai. Pensaremos no tópico 4.2. como se dá essa revelação de sua paternidade na feminilidade.

Recolhendo as reflexões do capítulo precedente, em que vislumbramos a revelação complementar do homem e da mulher na criação, especialmente em Adão e Eva, com o presente capítulo iremos refletir sobre o papel de Cristo e Maria, ou seja, o novo Adão e a nova Eva, na redenção. Por fim, tentaremos compreender um pouco mais o aspecto complementar de Francisco e Clara na vocação celibatária e virgindade pelo Reino como revelação do Pai celeste e o amor redentor do Filho.

### 4.1. O NOVO ADÃO: FRATERNIDADE REVELADA EM CRISTO

Jesus na redenção satisfaz ao Pai aquele amor que manifestou na criação do mundo, e satisfaz igualmente o amor do Pai rejeitado pelo homem na primeira aliança no jardim do Éden (cf. RH 9). O primeiro Adão era figura do novo Adão (cf. Rm 5,14). “Cristo, que é o novo Adão, na própria revelação do mistério do Pai e do seu Amor, revela também plenamente o homem ao mesmo homem e descobre-lhe a sua vocação sublime” (RH 8). Prestemos atenção a isso: Cristo revela a sublime vocação do homem “[...] na mesma revelação do mistério do Pai e do seu amor [...]” (GS 22). Afinal Ele é um com o Pai (cf. Jo 14, 10).

Em virtude da criação ‘vivemos, nos movemos e existimos’ (cf. At 17, 28) em Deus. Em virtude da redenção se desenvolve permanentemente na história do mundo e do homem um ‘duplo ritmo’, o do Filho e o do Espírito Santo tendo ambos sua fonte no Pai (cf. DEV 63). O Pai é origem de tudo! Jesus revela o Pai sendo Filho, revela na sua relação filial. Ele sempre está mostrando em suas palavras que tudo recebe do Pai (cf. Jo 12, 49), suas obras são feitas pelo Pai (cf. Jo 5, 36) , Ele não dá testemunho de Si mesmo, mas do Pai (cf. Jo 5, 31).

Em outras palavras, Jesus revela o Pai como pessoa distinta dEle. Ele não é o Pai. O Filho encarnado passou no tempo a existir como homem, nesse sentido podemos dizer que Deus é homem (desde a encarnação) aplicado somente a Cristo. Porém, isso não quer dizer que o Pai seja chamado Pai (masculino) porque Jesus é homem, e Ele é imagem do Deus invisível (cf. Col 1, 15). Um pensamento lógico poderia ser esse: se vendo o Filho vemos o Pai (cf. Jo 14, 9) e o Filho se encarnou como homem do sexo masculino, logo o Pai é chamado Pai porque o Filho é homem. Tal pensamento parece afirmar erroneamente que Deus é a imagem do homem e não o inverso (cf. CIC 370).

Desde a criação do homem a obra de salvação teve princípio, porque Deus criou o homem à sua imagem (cf. DEV 12). Na encarnação a criação é completada no mistério do Verbo encarnado e penetrada pelo mistério da redenção que atinge a humanidade e criação inteira. Sendo que o Verbo, que existe antes dos séculos, feito homem, se uniu a todo homem e sua realidade que é 'carne', se uniu a toda a criação. A encarnação tem por isso dimensão cósmica (cf. DEV 50). Todas as coisas foram feitas por meio do Verbo (cf. Col 1, 16; Jo 1, 3), é por meio dEle que toda criação atinge sua perfeição. O mistério da encarnação é ainda causa para a filiação adotiva de todos os homens ao Pai (cf. DEV 52). Não desvinculamos a antropologia da teologia nem da cosmologia, tudo está interligado. Já os salmos da criação no Antigo Testamento articulam cosmologia, antropologia e teologia (cf. CDF, 2009, n. 12). "O Novo Testamento assume plenamente a teologia da criação do Antigo Testamento, conferindo-lhe ainda uma dimensão cristológica determinante [...]" (CDF, 2009, n. 13).

Leclerc<sup>11</sup> observa que o Evangelho do Reino é como um cântico das criaturas, pois, para explicar o Reino, Jesus associa imagens da criação. Suas parábolas são ilustradas, por exemplo, com a luz da lâmpada, o caminho, a árvore, a semente, o campo, a casa, os sinais do tempo, vento que sopra sem saber para onde vai, o fermento que a mulher mistura em três medidas de farinha etc. Jesus encontra na criação semelhança com seu Reino. São expressões que nos revelam como Jesus habitou essa terra, sua maneira própria de viver e estar presente no mundo. Nos sacramentos Ele chega ao auge, unindo a matéria com a salvação, mostrando que 'se a criação está a serviço do homem no que diz respeito ao corpo,

---

<sup>11</sup> Autor que nos ajudou a estudar o cântico das criaturas no capítulo 3.

muito mais o está com relação à alma' (São Boaventura, *Collationes in Hexaëmeron*, XIII) (cf. Leclerc, 1977, p. 157-159).

Prestemos atenção a quantos exemplos Jesus dá do Reino observando as mulheres (cf. Jo 16, 21), como aquele do fermento (cf. Mt 13, 33), ou aquele que a mulher procura um dracma perdida (Lc 15, 8-10), ou aquela mulher que depositou as duas únicas moedas que tinha no tesouro do templo (Mc 12, 42). Assim, Jesus usa o cotidiano para traduzir o espiritual, e o faz também por esses gestos de mulheres. Alguns mistérios profundos de Deus foram revelados às mulheres (cf. Jo 4, 1-25; Jo 11, 21-27). “Cristo fala com as mulheres sobre as coisas de Deus, e elas compreendem-nas: uma autêntica ressonância da mente e do coração, uma resposta de fé. E por esta resposta marcadamente ‘feminina’ Jesus exprime apreço [...]” (MD 15). Essa capacidade de traduzir o cotidiano e o material no mistério de Deus e seu Reino é mais desenvolvido nas mulheres segundo Frei Pedroso:

Para a visão feminina, parece que a materialidade é considerada uma manifestação do espírito, e não algo separado dele [...]. É pela presença da matéria que podemos tocar e enxergar a alma e o espírito tanto quanto enxergamos nossos corpos.

O masculino quer desprender-se da matéria para penetrar no mistério, especialmente o maior mistério, o de Deus. Mas o feminino vê Deus justamente nesse aqui-e-agora de nossas dores e alegrias, de nossos corpos (PEDROSO, 2012, p. 43).

Jesus nos revelou um motivo transcendente de fraternidade que não se fundamenta na carne e no sangue, mas em cumprir a vontade do Pai, observando esse preceito o homem é considerado irmão de Jesus (cf. Mt 12, 48-50; 28, 10; Jo 20, 17). Jesus deu poder de tornar filhos de Deus os que O receberam (cf. Jo 1, 12). São Paulo escreve aos Gálatas: “vós todos sois filhos de Deus pela fé em Cristo Jesus” (Gl 3, 26). Essa é a prova de amor que Deus nos deu, a de sermos seus filhos (cf. 1Jo 3,1) pela fraternidade com o seu primogênito. Deus é para nós um Pai e nós somos para Ele seus filhos (cf. 2Cor 6, 18). Portanto, irmãos entre nós em uma fraternidade que transcende todas as relações terrenas. Uma fraternidade capaz de participar com Cristo, o Irmão Maior, na salvação dos irmãos.

Sem esquecer ainda da importância sacramental. É principalmente pelo batismo que a participação nessa filiação se torna mais intensa. Assim “não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há homem nem mulher; pois todos vós sois um só em Cristo Jesus” (Gl 3, 28).

#### 4.2. A NOVA EVA: PARTICIPAÇÃO DE MARIA NA PATERNIDADE DIVINA

“No rosto materno de Maria os cristãos reconhecem uma particularíssima expressão do amor misericordioso de Deus, que, com a mediação de uma presença materna, faz compreender melhor a própria solicitude e bondade de Pai” (JOÃO PAULO II, 1983, n. 3). Maria participou de maneira única na paternidade divina. Mas, para concluirmos algumas particularidades na vocação de Maria pensemos um pouco no papel da mulher na geração dos filhos. A fecundação e desenvolvimento da vida humana acontecem dentro da mulher. Será ela, com a maternidade, imagem de Deus? No Catecismo lemos que Deus Pai é bondade e amor solícito e “esta ternura paternal de Deus também pode ser expressa pela imagem da maternidade, que indica melhor a imanência de Deus, a intimidade entre Deus e a sua criatura” (CIC 239).

Pe. Thanner, ao responder o porquê chamamos Deus de Pai usou o simbolismo da geração humana, colocando o homem como imagem de Deus por ser considerado o princípio ativo da fecundação, e a mulher como imagem da criatura que tudo recebe de Deus, por ser ‘passiva’ na fecundação (cf. THANNER, 2002 p. 72ss). Nesse simbolismo, o homem pode representar Deus para a mulher, mas a mulher não pode ser à imagem de Deus para ele. Menos ainda os dois juntos serem imagem de Deus. Com essa comparação o homem e a mulher não são entendidos como complementares porque se trata de uma relação unilateral em que um age, depois o outro separadamente, e não de forma recíproca.

Essa divisão entre imagem divina (homem) e imagem da criatura (mulher) na geração não parece condizer com as afirmações magisteriais como: “a união do homem e da mulher no matrimônio é um modo de imitar na carne a generosidade e a fecundidade do Criador [...]” (CIC 233). Ou: “é esta humanidade sexuada que é explicitamente declarada ‘imagem de Deus’” (CDF, 2004, n. 5). E ainda o Papa Francisco: “a imagem de Deus é o casal matrimonial: o homem e a mulher; não somente o homem, não somente a mulher, mas todos os dois” (FRANCISCO, 2014, p.12).

Quando o Papa São João Paulo II em *Mulieris Dignitatem* mostra em analogia o ‘feminino’ e o ‘ser esposa’ como “[...] símbolo de todo o ‘humano’ [...]” (MD 25), não o faz em comparação com a procriação humana. Mas sim com a relação esponsal entre Deus e seu povo, que tanto no Antigo Testamento (em que a

esposa é Israel), como no Novo Testamento (cf. Ef 5 em que a esposa é a Igreja), a esposa sempre “[...] é um sujeito coletivo, e não uma pessoa singular” (Ibid.). E em outro lugar no mesmo documento afirma São João Paulo II a favor da imagem de Deus na geração humana sem dissociar homem e mulher:

Por isso, tudo quanto no gerar humano é próprio do homem, como também tudo quanto é próprio da mulher, isto é, a ‘paternidade’ e a ‘maternidade’ humanas trazem em si a semelhança, ou seja, a analogia com o ‘gerar’ divino, e com a ‘paternidade’ que em Deus é ‘totalmente diversa’: completamente espiritual e divina por essência. Na ordem humana, ao invés, o gerar é próprio da ‘unidade dos dois’: um e outro são ‘genitores’, tanto o homem como a mulher (MD 8).

Parece ter vindo de Santo Tomás a compreensão do homem ser ‘princípio ativo na geração’<sup>12</sup>. Basta conhecer o que Santo Tomás entendia de biologia no seu tempo para ver o quanto se equivocou nesse ponto. Ele acreditava que a alma evoluía de alma vegetativa para alma sensitiva até chegar a alma espiritual, esse último estágio era operado por Deus diretamente, pois só Ele é capaz de dar alma espiritual. As outras fases, no entanto, eram mediadas pelo ‘poder do sêmen’<sup>13</sup> que era como princípio ativo (cf. S.Th. I-II, 9. 81, a.1, sol. 2). Tudo indica que Santo Tomás acreditava ser a mulher inferior ao homem e até quase ‘irracional’. Pe. Luiz Carlos Lodi da Cruz que fez seu doutorado sobre a alma do embrião humano estudou a fundo as afirmações de Santo Tomás a respeito, e explicou-nos o que o Santo entendia:

O processo generativo exige uma causa eficiente externa, que é a alma do genitor (portanto, uma alma racional), atuando através da *virtus* formativa (ou *vis* formativa) do sêmen. A ação desta capacidade permanece até o momento em que Deus cria e infunde a alma espiritual (CRUZ, 2013, p. 184).

Para Santo Tomás a mãe só oferecia a matéria informe do corpo, que tomava forma pela força formativa do sêmen paterno, “e ainda que esta força [do sêmen] não possa criar a alma racional, ela dispõe a matéria corporal para a recepção desta forma” (S.Th. II-II, q. 26, a.10, rep.). Para Santo Tomás o sêmen do

<sup>12</sup> “[...] Depois que pela potência do princípio ativo que estava no sêmen, a alma sensitiva foi produzida no gerado quanto à sua parte principal, então essa alma sensitiva da prole começa a realizar o acabamento de seu próprio corpo pela nutrição e crescimento [...]” (S. Th. I q. 118, a.1, sol. 4).

<sup>13</sup> “Deve-se dizer que o homem gera um semelhante a si na medida em que, pelo poder de seu sêmen, a matéria é disposta para receber tal forma” (S. Th. I q. 118, a.2, sol. 4).

homem tinha o espírito que dispunha a matéria informe de receber a alma intelectual (ou espiritual) (cf. CRUZ, 2013, p. 183)<sup>14</sup>.

A respeito da passividade da mulher na geração como meio de explicar o porquê Deus é Pai, levemos em conta ainda São João Paulo II que afirma na teologia do corpo: “é necessário ter em consideração que cada um, homem e mulher, não é somente objeto passivo, definido pelo próprio corpo e sexo e, deste modo, determinado ‘pela natureza’” (JOÃO PAULO II, 2005, p. 118), pois cada um, homem e mulher, é dado ao outro e o doar-se não é passividade.

Parece ainda que em Gn 4, 1-2 sublinha a atividade do homem sobre a mulher: “o homem conheceu Eva sua mulher [...]”. O termo conhecer para o homem, especifica a mulher-esposa pelo seu próprio corpo e sexo, como se ela “escondesse aquilo que forma a profundidade da sua feminilidade” (JOÃO PAULO II, 2005, p. 120). Porém, o conhecimento é recíproco. Homem e mulher, embora sejam dois sujeitos, tornam-se “[...] como que o sujeito único daquele ato e daquela experiência” (JOÃO PAULO II, 2005, p. 118).

A mulher está no princípio desse conhecimento como o atrativo através da constituição exterior do seu corpo, seu aspecto particular e suas qualidades (cf. JOÃO PAULO II, 2005, p. 121). Na anunciação Maria não pergunta: como vai ser isso porque nenhum homem me conhece? Pois a mulher também é sujeito do conhecimento e não só objeto do conhecimento do homem. Não só é conhecida mas também conhece, ambos são ativos no conhecimento. Dentro dessa compreensão que Maria é levada a perguntar: “como é que vai ser isso, se eu não conheço homem algum?” (Lc 1, 34) (cf. JOÃO PAULO II, 2005, p. 117).

O mesmo ‘homem’, como varão e mulher – conhecendo-se reciprocamente, nesta específica comunidade-comunhão de pessoas, na qual o homem e a mulher se unem tão estritamente entre si, que se tornam ‘uma só carne’ – constitui a humanidade, isto é, confirma e renova a existência do homem como imagem de Deus. Todas as vezes os dois, o homem e mulher, retomam, por assim dizer esta imagem, indo buscá-la no mistério da criação, e transmitem-na ‘com a ajuda de Deus-*Iahweh*’ (JOÃO PAULO II, 2005, p. 122).

A Virgem Maria participou ativamente na salvação dos homens por sua maternidade divina (cf. LG 65). Diante de tudo que lemos sobre a participação

<sup>14</sup> “No sêmen desde o início da separação não há alma, mas uma capacidade da alma [*virtus animae*] que se baseia no espírito contido no sêmen [...]. Ora, essa capacidade age dispondo a matéria e formando para receber alma” (AQUINO, S. Tomás, De potentia, q. 3, a. 9, sol. 9, *apud* CRUZ, 2013, p. 183).

comum do homem e da mulher na geração, e que a mulher é imagem de Deus não só individualmente, mas também com o homem na geração dos filhos, vamos meditar na Virgem Maria que concebeu por obra do Espírito Santo, pois Deus quis precisar de uma mulher. Ele quis precisar da maternidade como mediação da salvação de toda a 'carne', ou seja, de todos os homens e de toda criação material.

É comum na teologia descrevermos a mulher como arquétipo de todo humano, porque representa a criatura diante de Deus na sua relação com Deus-esposo. Para outros, como Pe. Thanner, a mulher é arquétipo de todo humano (desunindo a unidade da imagem de Deus entre homem e mulher na procriação) porque ao acolher na geração o sêmen do homem, se assemelha a criatura diante de Deus que tudo recebe dEle (cf. THANNER, 2002, p. 72-77). Maria, que é a criatura mais perfeita, acolhe o dom divino na Encarnação naquilo mesmo que a distingue do homem: a maternidade. Assim, a mulher, na pessoa de Maria Santíssima, é a criatura mais associada ao mistério gerador do Pai eterno. A mulher é imagem de Deus Pai naquilo mesmo que a distingue do homem na geração. Na geração humana um dos princípios para a formação do zigoto vem de fora do corpo da mulher, mas dentro dela tem o outro princípio, o óvulo, essa biologia era desconhecida no tempo de Santo Tomás. Porém, a origem da vida acontece e desenvolve dentro dela. Por isso, o Catecismo (n. 239) observa que a mulher, pela maternidade, manifesta mais a imanência de Deus, a intimidade entre Deus e a criatura. Representa, na sua maternidade, Deus Pai e não a criatura diante de Deus.

Tendo Maria gestado Jesus, é possível ver nela uma certa semelhança com a Paternidade divina em relação ao Filho unigênito. Ninguém como ela participou de forma tão íntima da vida trinitária, ninguém mais pôde gerar Jesus, ela o gerou segundo a humanidade àquele mesmo que é gerado eternamente como Deus no seio do Pai. O mistério de Deus estava dentro dela sem deixar de estar no Pai e ser por Ele gerado, também nela se encontrava. A imagem da gravidez ajuda-nos a pensar de forma análoga na geração do Filho no Pai, como disse Jesus: "Eu estou no Pai e o Pai está em mim" (Jo 14, 10b), a *pericorese* própria das pessoas divinas, em que uma pessoa se encontra na outra, como o Filho no seio do Pai.

Não é de estranhar que a mulher possa refletir a paternidade divina, porque Deus é a 'origem e medida' da paternidade e maternidade humana e Deus transcende a ambas (cf. CIC 239). "Assim, a paternidade e a maternidade humana, enquanto se complementam, refletem a paternidade transcendente de Deus"

(STÖCKL, 2004, p. 103). Maria só pode ser chamada Mãe de Deus justamente porque a primeira pessoa da Trindade se identificou como Pai. Se Jesus chamasse o Pai de mãe, Ele não teria se encarnado através da mulher, porque seria uma ambiguidade ter duas mães que o gerem embora de naturezas totalmente diversas, pois em nível natural ninguém pode ter duas mães (nem dois pais). Certamente, Jesus chamou São José de pai, porém sabemos que ele não participou como Maria da paternidade de Deus. Conforme a genealogia de Mateus sempre temos um homem que gera outro homem, mas ao falar do nascimento de Jesus diz que nasceu de Maria somente (cf. Mt 1, 17).

Pe. Thanner entende que a mulher pela maternidade se distancia da perfeição do Pai celeste, porque estando ela unida a formação da matéria representaria um Deus panteísta<sup>15</sup>. Pela geração a mulher não pode mostrar a presença de Deus nas criaturas de forma transcendente (cf. THANNER, 2002, p. 86). Porém, digo que a mulher pela geração mostra que Deus não nos cria para nos deixar ao acaso (erro do deísmo), a sua paternidade é uma ação ininterrupta, a mulher expressa esse mistério, porque é nela que revela e tem continuidade a paternidade do homem. Deus cuida de nós com entranhas de mãe, nos sustenta, e a cada instante mantém o ser das criaturas, como o filho no ventre da mãe necessita da vida dela para viver. Santo Agostinho mostra Deus imanente e transcendente ao mesmo tempo ao se dirigir a Ele com as seguintes palavras: “e Tu estavas dentro de mim, mais profundo do que o que em mim existe de mais íntimo, e mais elevado do que o que em mim existe de mais alto” (AGOSTINHO, 2007, p. 22).

Na geração humana o homem representa mais a paternidade de Deus revelada na criação. Tomando como base o relato do texto javista de gênesis que nos apresenta primeiro a criação do homem e depois da mulher, São João Paulo II observa que a maternidade tem também no homem a sua própria origem porque a mulher é ‘tirada do homem’ (cf. JOÃO PAULO II, 2005, p. 87). Mas, a geração humana é comum dos dois, e na maternidade que se manifesta a paternidade do homem:

A mulher apresenta-se diante do homem como mãe, sujeito da nova vida humana, que nela é concebida e se desenvolve, e dela nasce para o mundo. Assim, também se revela profundamente, o mistério da

---

<sup>15</sup> Crença que acredita tudo ser deus ou que deus coincide com o universo. Assim não acredita num Deus pessoal e criador de todas as coisas.

masculinidade do homem, isto é, o significado gerador e 'paterno' do seu corpo (JOÃO PAULO II, 2005, p. 120).

Ora, se a mulher pode fazer aparecer ao mundo um filho, ela pode revelar a paternidade do homem. Então, não será a maternidade reflexo da paternidade divina? A paternidade do homem precisa ser revelada na mulher. De fato, ao vermos uma mulher grávida sabemos que ela é mãe, mas não sabemos quem é o pai se não o conhecemos, foi o que disse Jesus ao pronunciar que ninguém conhece o Pai (cf. Lc 10, 22), porque o Pai é sempre mais escondido, inclusive na geração humana. Em síntese, podemos dizer que Deus tornou mais patente para nós a sua paternidade transcendente naquilo que é propriamente feminino: a maternidade, e especificamente na Virgem Maria onde revelou o mistério de sua paternidade transcendente. Na maternidade, como também na paternidade, há semelhança com a geração divina que em Deus é totalmente diversa dos sexos, e transcende a ambos (cf. MD 8).

Segundo o Pe. Thanner, na geração humana, a mulher representa a criatura e o homem representa Deus que é ato puro, porque a contribuição do homem na geração é ativa e a mulher é 'passiva'. O homem também representa a transcendência de Deus porque a geração acontece fora dele, ficando de fora no processo da geração da nova vida, enquanto a mulher mais ligada a matéria não pode representar a transcendência da paternidade divina (cf. THANNER, 2002, p. 75s. 86). A colocação do Pe. Thanner, de que o homem está fora do processo da formação da nova vida, coincide com as palavras do Papa São João Paulo II em *Mulieris Dignitatem*: "o homem – mesmo com toda a sua participação no ser pai – encontra-se sempre 'fora' do processo da gestação e do nascimento da criança e deve, sob tantos aspectos, aprender da mãe a sua própria 'paternidade'" (MD 18). Sob essas considerações e comparações apresentadas pelo Pe. Thanner, sobre a não participação do homem no processo da geração do filho (cf. THANNER, 2002, p. 86), comparado com a transcendência divina "[...] que não se confunde, de modo algum com o mundo criado" (THANNER, 2002, p. 83), proponho a seguir minha própria reflexão em base nesses argumentos.

Se "a procriação está radicada na criação e todas as vezes, em certo sentido, reproduz o mistério criador" (PAULO II, 2005, p. 87), e a contribuição do homem na geração acontece fora do seu corpo, é possível comparar a paternidade do homem –varão –mais com aquela paternidade de Deus revelada na criação, ou

seja, a sua ação *ad extra* Trinitária. Se pensarmos ainda no simbolismo do relato javista (Gn 2) vemos que o homem está ligado a criação na forma de governo, pois é formado a partir da matéria do solo (cf. Gn 2, 7). O homem está, de certa forma, mais ligado a criação é ele que dá os nomes às criaturas. Entendemos com essa linguagem simbólica que ao homem cabe um certo domínio do mundo criado, ele governa, e cuida. Tanto é verdade que, antes de criar o homem não tinha arbusto dos campos e nem ervas, porque ainda não havia homem para o cultivo (cf. Gn 2, 5).

Ao criar a mulher Deus a formou a partir da matéria do homem que dormia, assim ele foi passivo na formação de Eva como a terra foi na formação dele. 'Tirada do homem' a mulher entende sua vocação 'como feita para o outro', "a mulher não pode se encontrar a si mesma senão doando amor aos outros" (MD 30), ela está para a humanidade, e o homem está para a ordem da criação. Embora toda a criação foi entregue para ambos, o homem tem qualidades inatas para o governo do mundo material enquanto a mulher para o cuidado do humano (cf. MD 30).

Segundo o Pe. Thanner "[...] a geração divina é modelo da geração humana, e esta comporta tanto paternidade como também maternidade [...]" (THANNER, 2002, p. 67)<sup>16</sup>. A geração na mulher tem alguma analogia com aquela geração *ad intra* Trinitária do Pai gerando eternamente o Filho em seu seio. Mas, o Pe. Thanner, no mesmo artigo, conclui que só o homem representa a paternidade divina em relação a geração divina. Eis suas palavras:

O homem pode, deste modo [sendo ativo], representar Deus. A mulher, por sua vez exprime com toda a perfeição, exatamente naquilo que a distingue claramente do homem, o papel da criatura em relação a Deus" (THANNER, 2002, p. 77).

E explica a partir desse argumento o por que não podemos chamar a Deus de mãe. Seria para o Pe. Thanner "[...] inconveniente, incorreto pois equivaleria a promover uma concepção falsa a respeito do mistério da geração em Deus" (THANNER, 2002, p. 75)<sup>17</sup>. Entretanto, o Papa João Paulo II escreveu em *Mulieris Dignitatem*:

<sup>16</sup> Também em *Mulieris Dignitatem* n. 8.

<sup>17</sup> Estou de acordo com o autor de não chamar Deus de mãe, porque é contra a maneira com a qual Deus se revelou. Nossa linguagem não pode permitir equívocos! Porém, como entender essa paternidade transcendente? Aqui entra a mulher, pois Deus transcende os sexos e ambos são manifestação de sua paternidade. Por isso, para ter uma compreensão mais completa de sua paternidade há que se entender que 'como' uma mãe Ele é também chamado de Pai.

[...] O modelo absoluto de toda 'geração' dos seres humanos no mundo deve ser procurado em Deus [...].

Todo 'gerar' na dimensão das criaturas encontra o seu primeiro modelo no gerar que em Deus é de modo completamente divino, isto é, espiritual. A este modelo absoluto, não-criado, é assimilado todo 'gerar' no mundo criado. Por isso, tudo quanto no gerar humano é próprio do homem, como também tudo quanto é próprio da mulher, isto é, a 'paternidade' e 'maternidade' humanas, trazem em si a semelhança, ou seja, a analogia com o 'gerar' divino e com a paternidade que em Deus é 'totalmente diversa': completamente espiritual e divina por essência. Na ordem humana, ao invés, o gerar é próprio da 'unidade dos dois': um e outro são 'genitores', tanto o homem como a mulher (MD 8).

A revelação de que Deus é Pai, não só enquanto criador do mundo visível e invisível, mas que é desde antes da criação do mundo, porque é Pai eternamente em relação ao seu Filho, era ignorada até a encarnação e a revelação que Jesus Cristo trouxe. Bem no evento da encarnação, em que Deus começa a revelar aquela sua Paternidade *ad intra* Trinitária, ou seja, que é Pai eternamente gerando o Filho, está justamente a Mulher de Nazaré como sujeito ativo dessa nova aliança com a humanidade (cf. LG 65).

Essa aliança inicia-se com uma mulher, a 'mulher', na Anunciação em Nazaré. Esta é a novidade absoluta do Evangelho: outras vezes no Antigo Testamento, Deus, para intervir na história do seu Povo, dirigiu-se a mulheres, como a mãe de Samuel e de Sansão; mas, para estipular a sua aliança com a humanidade, dirigiu-se somente a homens: Noé, Abraão, Moisés. No início da Nova Aliança, que deve ser eterna e irrevogável, está a mulher: a Virgem de Nazaré (MD 11).

Para a dominicana Catherine Aubin, a mulher "é uma colaboradora e uma reveladora do Pai e da sua vontade" (AUBIN, 2014, p. 8). Ela continua explicando que na bíblia não encontramos narrações de nascimentos de mulheres, mas sim de homens, e esses são os pais que geram filhos. Esses pais se reconhecem filhos diante de Deus. O homem, para Catherine, revela a filiação com Deus. Já a mulher é colocada como 'ao lado' do Pai, ela é auxílio para o homem e para Deus. Foi assim com Maria Madalena, Jesus deu a ela a missão de anunciar aos apóstolos: "[...] subo a meu Pai e vosso Pai [...]" (Jo, 20, 17). "Os discípulos, ouvindo-a anunciar a boa e feliz nova, são obrigados a ser homens: devem viver como ele, ou seja, como filhos do Pai" (AUBIN, 2014, p. 9).

De fato, o homem Cristo Jesus revelou o Pai como Filho e não como pai, Ele não é o Pai. Em Maria o amor do Pai se revelou dando ao mundo seu Filho. Maria é mediação dessa revelação paterna do Pai naquilo mesmo que é próprio da mulher:

a maternidade. Ela está como que ‘ao lado’ do Pai nessa revelação. Desde a criação a mulher é sempre medianeira, ela pode ser tanto para o bem como para o mau. A primeira Eva se deixou levar pela sedução da serpente e fez uma mediação maligna, a segunda Eva mediou a salvação gerando o autor dela (cf. OLIVEIRA, 2006, p. 59).

A mulher é medianeira entre Deus e os homens porque sendo “[...] ‘carne de sua carne’, isto é, sua igual, a criatura semelhante ao homem, lhe é dada por Deus como uma ‘auxiliar’, representando assim aquele ‘Deus que é o nosso auxílio’” (CIC 1605). Essa palavra de Deus em Gênesis lembra o que Santa Clara escreveu a Inês: “eu a considero, num bom uso das palavras do Apóstolo, auxiliar do próprio Deus, sustentáculo dos membros vacilantes de seu corpo inefável” (FC, 2004, in: 3CtIn, 8).

Como auxiliar do homem, a mulher, associada a única mediação de Cristo (cf. 1Tm 2, 5), é auxiliar de Deus, ela se torna por assim dizer uma mediação entre Deus e o homem. Participa, como as outras criaturas, de forma subordinada da única mediação de Cristo (RM 38), isso se trata de uma imensa dignidade que Deus deu a mulher por meio dessa missão: a de ser representante do auxílio divino. Maria foi a mulher e a pessoa humana que viveu de forma mais plena essa vocação de medianeira entre Deus e os homens, nela o mistério da mulher é esclarecido (cf. MD 11). Toda mulher antes da encarnação pôde ter participado da mediação entre Deus e os homens, associada de alguma maneira a única mediação de Cristo, pelo qual todas as coisas foram feitas (cf. Col 1, 16). Como antes do Verbo se formar em Maria, Ela já foi preservada da mancha do pecado original em vista dos méritos de Cristo, assim também, para Deus, não era impossível a participação das mulheres da Antiga Aliança na mediação entre Deus e os homens.

São João Paulo II explicando Gênesis e Apocalipse, através de Eva e Maria mostra que desde o “início ao fim da história, a luta contra o mal e contra o Maligno” (MD, 30) está inscrita na vocação da mulher. Ele continua:

Esta é também a luta pelo homem, pelo seu verdadeiro bem, pela sua salvação. Não quererá a Bíblia dizer-nos que precisamente na ‘mulher’, Eva-Maria, a história registra uma luta dramática em favor de todo homem, a luta pelo seu fundamental ‘sim’ ou ‘não’ a Deus e ao seu desígnio eterno sobre o homem? [...]

A força moral da mulher, a sua força espiritual une-se à consciência de que Deus lhe confia de uma maneira especial o homem, o ser humano. Naturalmente, Deus confia todo homem a todos e a cada um. Todavia, este ato de confiar refere-se de modo especial à mulher –precisamente pelo fato de sua feminilidade- e isso decide particularmente a sua vocação [...]

Esta consciência e esta vocação fundamental falam à mulher da dignidade de que ela recebe de Deus mesmo, e isto a torna 'forte' e consolida a sua vocação (MD 30).

Assim podemos compreender aquelas palavras de São Paulo, que prometi retornar, as que estão em 1Cor 11, 9: “e o homem não foi criado para a mulher, mas a mulher para o homem”. Portanto, ‘feita para o homem’ significa uma missão que Deus quis dar a mulher, a de ser medianeira e representante do auxílio divino. A mulher é colocada ao lado do Pai. Ser feita para o homem é uma missão e uma dignidade. Segundo 1Cor 11, 9 a mulher existe ‘para o outro’:

[...] É uma afirmação que, bem longe de evocar alienação, exprime um aspecto fundamental da semelhança com a Santíssima Trindade, cujas Pessoas, com a vinda de Cristo, revelam estar em comunhão de amor, umas para as outras (CDF, 2004, n. 6).

Ser feita para o homem significa ainda o amor que o homem deve a mulher. Nesse sentido a mulher é dada ao homem ‘desde o princípio’. Ao homem cabe a função de quem recebe o dom do criador (cf. PAULO II, 2005, p. 108), esse dom de Deus é para ser amado. Bruno Giordani, sacerdote psicólogo com larga experiência em atender religiosas explica que “[...] a mulher, para poder se dar, tem necessidade de receber apoio e amor de alguém” (GIORDANI, 1995, p. 284). Com a mulher, acontece no mundo visível as condições para que o amor de Deus seja derramado nos corações dos seres criados à semelhança do Criador. Por isso “a esposa é amada: é aquela que recebe o amor para, por sua vez amar” (MD 29). De fato, não foi Adão que primeiro se admirou da mulher? Nisso o homem também se assemelha ao amor de Deus, pois foi Ele que nos amou primeiro (cf. 1Jo 4, 19). A mulher amada ama: “a dignidade da mulher está intimamente ligada com o amor que ela recebe pelo próprio fato da sua feminilidade e também com o amor que ela, por sua vez, doa” (MD 30).

Em 1Cor 11, 11 lemos: “por conseguinte, a mulher é inseparável do homem e o homem da mulher, diante do Senhor. Pois, se a mulher foi tirada do homem, o homem nasce da mulher, e tudo vem de Deus”. Nesse versículo parece que Paulo está comparando a primeira criação da mulher tirada do homem, com a figura de Adão-Eva e, a segunda criação em que o homem-Jesus, nasce da Mulher pela encarnação do Verbo, por qual todos revivem (cf. 1 Cor 15, 21. 47). Se na primeira criação, a mulher tem origem, de certa forma, no homem. Na segunda criação, o

homem-Cristo, é descendência da mulher (cf. Gn 3,15), e tudo isso vem de Deus, tanto a primeira quanto a segunda criação. Um pouco mais adiante na mesma epístola percebemos como o apóstolo está imerso nessa analogia pois afirma que se em Adão todos morrem, em Cristo todos receberão a vida (cf. 1Cor 15, 22). Ou seja, na primeira criação (a mulher tirada do homem) tem início a morte. Na segunda criação temos a Redenção da criação através do homem que nos foi dado pela mediação da Mulher de Nazaré.

A mulher, além de ser à imagem do Pai (juntamente com o homem), pode ainda se assemelhar ao Filho que assumiu um corpo para fazer a vontade do Pai e por meio de sofrimentos herdar a salvação para os seus irmãos (cf. Hb 10, 5-10; 2, 10-13). Pois, pela maternidade a mulher expressa nobre capacidade de sofrer pelo próximo, uma capacidade inata da sua constituição física e psíquica, capaz de suportar as dores de parto, os incômodos gestacionais, a dependência do bebê para a amamentação etc. Nesse sentido a mulher se assemelha a segunda pessoa divina na sua expiação vicária. Afinal, a forma dEle se entregar para nossa salvação foi através da entrega do seu próprio corpo, e a mulher foi feita para ser uma doação com toda sua constituição somática, não só ao esposo, mas também para a formação da nova vida através da geração.

A mulher se assemelha mais ainda a Eucaristia no que diz respeito a expiação, pois na Eucaristia o Verbo encarnado não só ocultou sua divindade como no calvário, mas também sua humanidade. Embora, não deixe de ser homem, na Eucaristia é possível que Ele assuma mais aspectos femininos como: a fragilidade, a passividade, os aspectos da maternidade etc. Como a mãe na geração alimenta o filho com as substâncias do seu corpo, assim na Eucaristia Jesus é nosso alimento a partir de Si mesmo, com seu próprio corpo e sangue. Podemos entender ainda as palavras do *fiat* de Maria entregando seu corpo para a encarnação com aquelas de Jesus: “isto é o meu corpo que é dado por vós” (Lc 22, 19b). Pois:

Eis que Deus, na pessoa dela, no seu *fiat* materno (‘Faça-se em mim’), dá início a uma Nova Aliança com a humanidade. Esta é a Aliança eterna e definitiva em Cristo, no seu Corpo e Sangue, na sua Cruz e Ressurreição. Precisamente porque esta Aliança deve realizar-se ‘na carne e no sangue’ é que o seu início se dá na genetriz. O ‘Filho do Altíssimo’, somente graças a ela e ao seu *fiat* virginal e materno, pode dizer ao Pai: ‘formaste-me um corpo. Eis-me aqui para fazer, ó Deus, a tua vontade’ (cf. Hb 10, 5-7) (MD 19).

Portanto, na maternidade da mulher é possível contemplar uma associação à expiação de Cristo. Foi o próprio Jesus que comparou o sofrimento da participação dos apóstolos na sua Paixão a hora que a mulher vai dar à luz um filho (cf. Jo 16, 21). Na maternidade da mulher junto da paternidade do homem temos a revelação do amor do Pai. Só é possível aos homens tomarem exemplos do feminino para exprimirem realidades espirituais, porque a mulher é imagem da paternidade transcendente de Deus e da expiação vicária de Cristo. Afirma a respeito São João Paulo II que a 'maternidade' vista na dimensão do Reino de Deus é uma "irradiação da paternidade do próprio Deus" (RM 20). Recentemente o Papa Francisco, com a bula de proclamação do ano da misericórdia, mostrou como Deus revela seu amor pela paternidade e maternidade: "em suma, a misericórdia de Deus não é uma ideia abstrata mas uma realidade concreta, pela qual ele revela o seu amor como o de um pai e de uma mãe [...]" (MV 6). Foi, justamente uma mulher, a Virgem Maria - e não um homem - a pessoa humana que mais participou na paternidade divina.

Recapitulando o que já escrevi: podemos dizer que a mulher se assemelha pela doação física do seu corpo, tanto no sponsalício como na maternidade, àquela doação de Cristo na sua Páscoa e Eucaristia. Pois Cristo, pelo seu corpo, realiza o sacrifício, e de si mesmo faz alimento. Se na mulher encontramos semelhança ao Pai e ao Verbo encarnado é possível aos homens usar expressões tomadas da maternidade para explicar o amor do Pai e a participação expiatória nos sofrimentos de Cristo.

Destaco em primeiro, pela relação com o Pai, o motivo pelo qual São Francisco pôde usar uma linguagem maternal e exigir isso da fraternidade masculina: é a referência que a maternidade tem da imagem de Deus Pai. Em segundo lugar relacionado com a pessoa do Filho: a maternidade evocada por São Francisco é uma exigência de entregar a vida pelo próximo, assim como a mãe gera a vida corporal, os irmãos na fraternidade devem gerar uns aos outros para a vida da graça (cf. FF, 2000 IN: 2C,n. 174). Francisco ensina que o irmão que reza humildemente pode gerar mais que o pregador orgulhoso, como conta na parábola da mãe estéril de muitos filhos.

#### 4.3. FRANCISCO E CLARA SE COMPLETAM

Já percebemos que é possível ao homem se expressar usando a imagem da maternidade porque a mulher é à imagem de Deus, ou seja, é à imagem de sua paternidade que transcende os sexos. Nesse sentido não só São Francisco usou tais expressões como também o próprio apóstolo São Paulo ao dizer a Gálatas: “[...] meus filhos, por quem eu sofro de novo as dores do parto, até que Cristo seja formado em vós” (Gl, 2, 19). São João Paulo II observa:

Precisamente diante das ‘grandes obras de Deus’, o apóstolo-homem sente necessidade de recorrer àquilo que é por essência feminino, a fim de exprimir a verdade sobre o próprio serviço apostólico. [...] Para ilustrar a missão fundamental da Igreja, ele não encontra outra coisa melhor que se referir à maternidade (MD 22).

A maternidade na dimensão do Reino é “irradiação da paternidade do próprio Deus” (RM 20). Para entendermos essa maternidade espiritual assumida pelo homem como irradiação da paternidade de Deus de forma correta, não podemos negar a sexualidade masculina distinta da mulher. É legítimo exprimir a paternidade divina naquilo que é humano, ou seja, através da sexualidade do homem e da mulher. Ao homem que recorre na sua linguagem àquilo que é essencialmente feminino, para exprimir o mistério de uma paternidade espiritual semelhante a de Deus, não nega com isso sua sexualidade. Da mesma forma a mulher não nega sua feminilidade ao recorrer, na sua linguagem, àquilo que é essencialmente masculino para expressar em analogia uma realidade que a transcende.

Infelizmente, não faltam autores nos nossos tempos, que interpretem o homem numa visão puramente psicológica e não teológica. Alguns absolutizaram a teoria de Jung sobre o *animus* para o desenvolvimento do ‘lado’ masculino na mulher. E *anima* para o ‘lado’ feminino do homem. Que essa teoria possa ter sua verdade não duvido, mas não se pode ser absolutizada ao ponto de afirmar que o homem ou a mulher podem sozinhos, como indivíduos, se auto-completar, encontrando em si mesmos o complemento do sexo diverso sem mesmo precisar da convivência com o outro. Nessa ótica a mulher não é um ser pessoal a quem se deseja para encontrar nela a reciprocidade, ela não é um fim, um valor em si, é antes entendida como um meio para o homem (varão) encontrar (através dela ou

sem ela) nele mesmo o que precisa. O mesmo pode dizer da mulher que acha ser auto suficiente sem querer precisar do homem naquilo que lhe completa, pensando que pode desenvolver em si as qualidades masculinas que precisa.

Isso seria contradizer a revelação. Não faria sentido Deus criar o homem e a mulher, nem mesmo seriam complementares, pois cada um se bastaria a si mesmo desenvolvendo seu 'lado' oposto. Dessa forma, o homem não seria criado à imagem de Deus na comunhão de pessoas (cf. CIC 2331; GS 24). Dou um exemplo da absolutização da tese de Jung extraída da minha entrevista com o escritor Frei Dorvalino Fassini, a transcrição é literal:

Quando Francisco fala, é, em que 'os irmãos cuidem dos irmãos como mãe', ele não tá pensando em biologia. Tem esse problema no meio, é que essa tese da complementaridade, essa tese é muito perigosa, sabe?! Porque, indiretamente ou até diretamente está dizendo que o homem masculino e a mulher feminino não são completos, isso não é! Deus não criou ninguém incompleto! O homem é completo, a mulher é completa! Porquê? Porque, o homem masculino tem dentro de si o masculino e o feminino. A mulher tem dentro de si o feminino e o masculino, por isso ela é completa e o homem também é completo senão Deus teria criado seres defeituosos. Então, essa tese é muito, muito perigosa! Ela pode, ela transmite essa compreensão, né, ou melhor, se joga uma compreensão biológica para o humano. Ora, o homem não é biológico, e a antropologia cristã inclusive transcende o biológico. Então, não dá para aplicar isso para a, esse termo da biologia, da complementaridade, que vê o sexo só pelo lado biológico, e não dá para aplicar, e porque fere essa dignidade, senão o Jesus Cristo seria incompleto! São Francisco seria incompleto! Santa Clara seria incompleta! Não casaram! Não tiveram um relacionamento biológico sexual (FASSINI, 2015).

Que o homem não foi criado incompleto atesta o Catecismo (cf. CIC 372). Que o homem não é só biológico, afirma o Magistério, pois o homem é também animado por uma alma espiritual que é a forma do corpo (cf. CIC 364s). Mas, justamente porque o homem não é só biológico, a sexualidade envolve a pessoa inteira, não só seu corpo, o seu aspecto biológico, mas também sua alma, sua maneira de se relacionar com a criação, com Deus e o próximo<sup>18</sup>. Aliás, não é o corpo que forma a alma, mas a alma que dá forma ao corpo. Por isso, a alma criada e infundida por Deus no momento da concepção (cf. CIC 366) traz em si a identidade sexual dada pelo criador. O homem sempre será um ser sexuado, inclusive na outra vida (cf. PAULO II, 2005, p. 229-301). Sobre o aspecto da complementaridade contestado pelo Frei Dorvalino, podemos afirmar que se trata de

<sup>18</sup> "A sexualidade afeta todos os aspectos da pessoa humana, na unidade do seu corpo e da sua alma. Diz respeito particularmente à afetividade, à capacidade de amar e de procriar, e, de um modo mais geral, à aptidão para criar laços de comunhão com outrem" (CIC 2332).

algo inegável, como temos visto pelas fontes magisteriais no presente trabalho (p. ex.: MD 7; CIC 372).

Francisco e Clara foram complementares na sua opção celibatária e virginal pelo Reino. “Feminilidade e masculinidade são entre si complementares, não só do ponto de vista físico e psíquico, mas também ontológico” (JOÃO PAULO II, 1995, n. 7). A sexualidade transcende o tempo presente, ela tem valor escatológico. Jesus disse que no céu os homens não se casam nem as mulheres se dão em casamento porque serão como os Anjos no céu (cf. Mc 12, 25). Jesus diz que no céu continuam sendo homens e mulheres. Mas não haverá mais a procriação humana, razão também pela qual serão semelhantes aos Anjos. Mesmo assim nunca a humanidade deixará de ser sexuada (cf. JOÃO PAULO II, 2005, p. 300). O sentido do corpo no mundo futuro deve ser procurado fora do matrimônio e da procriação “[...] mas não há qualquer motivo para o procurar fora daquilo que (independentemente da bênção da procriação) deriva do mistério da criação [...]” (Ibid.).

O homem é sempre um ser sexuado! Por isso, para entender o celibato e a virgindade pelo Reino devemos fazer referência ao significado esponsal do corpo. Explica São João Paulo II que a opção da virgindade e celibato pelo Reino não pode ser feita “[...] de modo consciente e livre sem uma referência à própria masculinidade ou feminilidade [...], a continência por amor ao reino de Deus, atua também em relação à masculinidade ou feminilidade própria da pessoa que faz tal opção [...]” (JOÃO PAULO II, 2005, p. 347). A realização da vocação da continência pelo Reino dos céus é uma afirmação do “[...] significado esponsal do corpo humano na sua masculinidade e feminilidade” (JOÃO PAULO II, 2005, p. 348).

É nessa compreensão de ‘não negação da sexualidade’ que queremos compreender São Francisco na sua relação com as Damas pobres, especialmente com Clara de Assis e as afirmações que faz sobre as qualidades maternas exigidas na vida em fraternidade para os frades. Olhando como Francisco e Clara se completaram podemos vislumbrar a beleza da criação. Uma clarissa escreveu que todo o fascínio de São Damião<sup>19</sup> “é o reflexo da humanidade – homem e mulher – restaurada em Cristo. Com efeito, Clara e Francisco atingiram, nas suas vidas, essa beleza que Deus sonhou para todo o ser humano” (GASPAR, 2004, p. 266).

---

<sup>19</sup> São Damião é o lugar onde residiu Clara e onde Francisco se encontrou com ela algumas vezes.

Mas como entender a entrega esponsal do corpo na opção virginal pelo Reino? Jesus, depois de explicar o matrimônio na Nova Aliança (cf. Mt 19, 1-9), convida para o celibato (cf. Mt 19 10-12). Não tira o valor do matrimônio, mostra que por ser de instituição divina tem o seu valor, assim a continência pelo Reino é compreendida só por alguns, para àqueles que é dada essa capacidade. Pois “[...] ‘pelo Reino dos Céus’, está ligada a um certo sacrifício de si mesmo” (JOÃO PAULO II, 2005, p. 336).

O corpo humano, orientado interiormente pelo ‘dom sincero’ da pessoa, revela não só a sua masculinidade e feminilidade no plano físico, mas revela, também, tal valor e tal beleza que ultrapassam a dimensão simplesmente física da ‘sexualidade (JOÃO PAULO II, 2005, p. 101).

É uma autêntica entrega de si mesmo. Totalmente, também, no aspecto físico, psíquico etc, porém através de uma renúncia. Essa é capaz de realizar a pessoa de modo diverso, e em certo sentido, ainda mais que no matrimônio, pelo dom de si aos outros (cf. JOÃO PAULO II, 2005, p. 336). Essa entrega realiza o significado de um dom esponsal. Através da doação de si, por meio da renúncia por amor, se retribui o amor esponsal do Redentor.

Assim o matrimônio, chamado por São João Paulo II, como sacramento da criação, está ligado ao tempo presente, faz parte da expressão do ser homem e mulher no tempo. Já o celibato e a virgindade pelo Reino, que são de valor escatológico, estão unidos ao assim chamado ‘sacramento da redenção’ (união de Cristo com a Igreja na Jerusalém Celeste) (cf. JOÃO PAULO II, 2005, p. 411-413). Os que fazem tal opção, o fazem para corresponder, por meio da renúncia, o sacrifício Redentor do Verbo que se fez carne. Podemos dizer que tal opção participa do ato redentor de Cristo, tem valor expiatório e escatológico.

Francisco e Clara no celibato e virgindade pelo Reino foram como que pai e mãe espirituais da fraternidade. Francisco queria que os irmãos vivessem pacificamente no seio da mesma mãe aqueles que foram gerados pelo mesmo pai (cf. FF 2000, in: 2C 191). Para a clarissa Maria do Rosário Gaspar, Clara “[...] é a mãe de família na Casa Franciscana” (GASPAR, 2004, p. 267). Francisco morreu tranquilo quanto ao carisma, “[...] sabia que poderia partir descansado para a casa do Pai Celeste, porque Clara era a viga mestra que iria sustentar toda a construção” (ibid.).

Ademais, escreveu Frei Pedroso que a espiritualidade franciscana tem forte conotação feminina. Acredita que isso se deve a Clara de Assis que “[...] influenciou Francisco em sua santidade e ajudou a constituir, com suas Irmãs, o que hoje conhecemos como espiritualidade franciscana” (PEDROSO, 2012, p. 27). “Francisco havia renunciado radicalmente à mulher. E eis que ele a encontra no seu caminho, mas sob os traços da virgem consagrada” (LECLERC, 1977, p. 71).

No homem - por mais dedicado que seja ao serviço de Deus – não é possível nenhum acesso à maturidade espiritual, não somente fora de alguma influência feminina que sensibilize a sua inteligência e a sua vontade e complete de algum modo a sua alma, mas sobretudo fora dum acolhimento da mulher como tal, dum reconhecimento do seu ser próprio, da sua vocação pessoal e da sua dignidade espiritual. A mulher, assim acolhida e amada por causa dela mesma, para além do desejo carnal, deixa de ser um mito, para tornar-se o símbolo dum mistério que se situa mais alto que ela, mas cuja luz, inacessível em si mesma, passa através dela. É nesta profundidade, no nível das primitivas potências afetivas, que se deve situar a ação de Clara na vida de Francisco (Ibid.).

Quando Francisco não sabia se a vontade de Deus a seu respeito era a pregação ou o eremitério recorreu a Santa Clara e Frei Silvestre. Santa Clara iluminou Francisco não só com seus conselhos, ela foi para ele irmã Clara pela sua irradiação espiritual (cf. Ibid.). Depois da morte de Francisco os irmãos ficaram desorientados, como os discípulos do Senhor depois da sua morte, e recorreram a Virgem Clara, como outrora os apóstolos perseveraram com Maria em oração no cenáculo.

Os dois Santos de Assis tiveram em vida uma bela experiência de amizade, reconhecia São João Paulo II:

Principalmente no início da sua experiência religiosa, Clara encontrou em Francisco de Assis não apenas um mestre cujos ensinamentos devia seguir, mas inclusive um amigo fraterno. A amizade entre estes dois santos constitui um aspecto muito bonito e importante. Com efeito, quando se encontram duas almas puras e inflamadas pelo mesmo amor a Deus, elas haurem da amizade recíproca um estímulo extremamente forte para percorrer o caminho da perfeição. A amizade é um dos sentimentos humanos mais nobres e elevados que a Graça divina purifica e transfigura (JOÃO PAULO II, 2010).

Como o Santo de Assis havia chegado perto daquela harmonia que havia no paraíso entre as criaturas quando o homem tinha a ‘inocência original’ (cf. FF, 2000, in: LM 8,6), não podia ser diferente diante da mulher, a qual pelo pecado as relações

estavam em desarmonia. Francisco foi um homem redimido que encontrou na mulher, sua irmã, seu outro 'eu' na comum humanidade (cf. MD 6).

Era um homem mortificado e integrou seus desejos na cruz, nele o *eros* e *ágape* se encontraram orientados para o mesmo valor. Assim, certa vez, quando estava no Oriente, se aproximou dele uma mulher “belíssima de corpo, mas vil de alma” convidando o Santo a pecar gravemente com ela. Ao que Francisco respondeu: “aceito, vamos ao leito”, ela então o levou para o quarto, mas Francisco pediu para levá-la a um leito belíssimo. A conduziu para uma grande fogueira, a qual diante dela o santo se despiu e entrou no meio das chamas convidando a mulher a fazer o mesmo e entrar com ele no leito “tão macio e belo”. A mulher, ao ver que ele não se queimava e permanecia alegre no meio do fogo ficou arrependida e converteu-se tornando ela mesma instrumento de salvação para outros (cf. FF, 2000 in: Fior 24).

A esse acontecimento observa Leclerc que “Francisco não a repele; não se espanta; não a condena. Até toma em consideração o seu desejo. E já que ela deseja unir-se a ele, ele a convida a se encontrarem onde ele mesmo vive [...]” (LECLERC, 1977, p. 102). Esse fogo ao qual ele se entrega completamente despido e não o queima “é a imagem duma profunda vida afetiva” (Ibid.), em que paixão e fervor do espírito são a mesma coisa unindo *eros* e *ágape* no santo.

Há ainda o famoso episódio em que Clara e Francisco se reúnem em São Damião para uma refeição e os cidadãos de Assis acorrem por verem ao longe um fogo (que era na verdade uma visão espiritual) (cf. FF, 2000 in: Fior 15). “Clara e Francisco se encontram no mesmo fogo que simboliza o amor profundamente humano [*eros*] e divino [*ágape*] que os une” (LECLERC, 1977, p. 104). A respeito dessa fusão de *eros* e *ágape*, afirmou Papa Bento XVI: “sim, o *eros* quer nos elevar ‘em êxtase’ para o Divino, conduzir-nos para além de nós próprios, mas por isso mesmo requer um caminho de ascese, renúncias, purificações e saneamentos” (DCE 5).

Esse processo de purificação é importante para romper as estruturas de pecado em que colocam homem e mulher em contraposição desconfiada e defensiva. A igual dignidade do homem e da mulher é para criar uma harmoniosa ‘unidade relacional’, que se realiza na complementaridade física (matrimônio), psicológica e ontológica, “[...] só o pecado e as ‘estruturas do pecado’ inscritas na cultura tornaram potencialmente conflituosa [as relações entre homem e

mulher]”(CDF, 2004, p. 14). A clarissa Ir. Maria do Rosário Gaspar, escreveu que Francisco e Clara “[...] são o exemplo para o mundo da relação perfeita que deve existir, não só entre homens e mulheres, mas ainda com toda a Criação” (GASPAR, 2004, P. 260). Continua:

[...] os dois se relacionaram a um nível elevado de amizade mútua, sem se buscarem em qualquer gênero de compensações. O menino Eros jamais suspeitou dos encontros de Clara e Francisco.

Houve uma verdadeira amizade entre Francisco e Clara, uma amizade entre duas pessoas humanas, entre um homem e uma mulher jovem e bela [...] (Ibid.).

A relação entre o homem e a mulher revelam o rosto do Pai, sua paternidade transcendente, que é como um pai e uma mãe. A mulher ajuda o homem no seu amadurecimento humano, como o homem ajuda a mulher, e os dois se completam.

[...] Quando a humanidade considera Deus como seu inimigo, a própria relação do homem e da mulher é pervertida. Quando esta última relação se deteriora, o acesso ao rosto de Deus corre, por sua vez, o perigo de ficar comprometido” (CDF, 2004, p. 13).

O homem também é importante! Não quero negligenciá-lo, entretanto temos voltado a atenção para a mulher, porque a Igreja tem despertado para a missão delas. Especialmente a partir de São João Paulo II que começou a falar do ‘gênio da mulher’ que precisa não só ser acolhido e honrado, mas que também é preciso dar a mulher mais espaço na sociedade e na Igreja (cf. JOÃO PAULO II, 1995, 10). Recentemente o Papa Francisco reconheceu a respeito da mulher:

Ainda não entendemos em profundidade aquilo que nos pode proporcionar o gênio feminino, o que a mulher pode oferecer à sociedade e também a nós: a mulher sabe ver tudo com outros olhos, que completam o pensamento dos homens (FRANCISCO, 2015, p. 20).

Santa Clara ao lado de Francisco tem sido redescoberta nesse novo tempo da Igreja. Certamente foi ela, como Dona Picca, a mãe do Santo de Assis, e outras mulheres que ajudaram Francisco a encontrar o rosto materno de Deus Pai. Mulheres que marcaram sua vida e o levaram a querer exprimir sua paternidade com expressões maternas. Nada disso deve ser estranho, afinal, os valores femininos são valores humanos e as mulheres, por estarem em sintonia mais imediata com estes valores, podem ajudar os homens a lembrá-los ou ser o sinal privilegiado deles. (cf. CDF, 2004, 14).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS:

As expressões de São Francisco que exigem qualidades maternas aos frades na vida de fraternidade está fundamentada na mulher como imagem da paternidade transcendente e do Verbo Encarnado em sua única mediação expiatória. Afinal, uma compreensão da Paternidade divina só baseada na paternidade do homem é incompleta, pois é o homem e a mulher juntos, melhor imagem da Paternidade divina. No gerar humano, homem e mulher se tornam uma só carne formando um sujeito único (nas palavras do Papa São João Paulo II). Dentro dessa lógica, o pai e a mãe humanos, homem e mulher, exprimem melhor do que o homem-pai sozinho a Paternidade divina, porque ambos constituem, juntos, um só princípio de outra pessoa humana (filho ou filha). Neste sentido, a geração humana se assemelha a Deus Pai, como em Deus o Pai é princípio único.

Se homem e mulher juntos são imagem da Paternidade transcendente, é necessário que ambos cooperem com essa imagem da sua bondade paterna vivendo a caridade recíproca e complementar não só em nível biológico, mas também psicológico e ontológico. A ideologia de gênero procura eliminar as diferenças sexuais, negando a própria natureza humana refletida no corpo. O feminismo, por sua vez, procura a afirmação da mulher versus o homem, necessitando diminuí-lo para que a mulher tenha um suposto 'valor'. O machismo igualmente quer se posicionar acima da mulher. Embora, estivemos raciocinando nesse trabalho mais sobre a dignidade da mulher à imagem de Deus, o fizemos sem ferir a dignidade de imagem de Deus no homem. Nem pensamos a mulher sem associá-la ao homem, pois como complementares o seu verdadeiro significado se percebe na relação.

Afirmar que homem e mulher são complementares apenas na procriação, equivale a reduzir o corpo a um instrumento e esvaziar o seu significado esponsal que se manifesta não só no matrimônio, mas também no celibato e virgindade pelo Reino. A sexualidade é uma realidade ontológica que se expressa de forma visível no corpo humano. Em vista disso o masculino e feminino não é expressão apenas física, mais que isso, é a visualização da realidade espiritual da alma humana que dá forma ao corpo.

A nova criação inaugurada por Cristo e mediada pela Virgem de Nazaré, é vivida no amor celibatário e virginal pelo Reino em Francisco e Clara. Na relação de

Francisco com a natureza e animais vemos nele já um sinal de redenção. O Santo de Assis pôde, de certa forma, viver a harmonia com a criação material que existia antes do pecado no jardim do Éden. São Francisco, mesmo dentro dos limites da cultura do seu tempo, manteve com Clara de Assis uma sincera amizade. Com isso, São Francisco e Santa Clara esboçam a redenção no cerne da criação, naquela harmonia original entre o homem e a mulher à imagem de Deus.

Por tudo que foi refletido em meu estudo pude começar a perceber que os temas da Encíclica *Laudato Si'* sobre a criação, o recente sínodo da família sobre a aliança do homem e da mulher, e a proclamação do ano da misericórdia pelo Papa Francisco estão todos interligados. Ecologia envolve o ser humano, também sua sexualidade impressa na natureza do seu corpo. O 'rosto' misericordioso de Deus Pai é ofuscado quando o homem abusa da criação, e abusa do seu corpo. Mas, mais ainda ofuscado fica o acesso ao 'rosto' de Deus diante do desarranjo entre homem e mulher criados à sua imagem. Toda a criação foi confiada a aliança entre o homem e a mulher, por isso a desarmonia entre essa aliança desajusta a criação. A aliança do homem e da mulher no matrimônio é ainda relacionada ao ano da misericórdia porque, na Sagrada Escritura o amor misericordioso de Deus Pai é comparado por vezes, ao amor do homem-pai e da mulher-mãe. Esses são apenas esboços de novos pensamentos que poderão continuar a influenciar-nos se quisermos. Mas, aí surgiria um novo trabalho!

Ao finalizar o presente trabalho deixo a questão: se homem e mulher são complementares na imagem da Paternidade transcendente, será que a crise atual da desconfiança em Deus e de sua Paternidade divina não está relacionada a crise entre homem e mulher?

## REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. Disponível em: <[https://sumateologica.files.wordpress.com/2009/07/santo\\_agostinho\\_-\\_confissoes.pdf](https://sumateologica.files.wordpress.com/2009/07/santo_agostinho_-_confissoes.pdf)>. Acesso em 23 Set. 2015.
- AQUINO, TOMÁS. *Suma teológica II*. 2ª ed. São Paulo: Loyola, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Suma teológica V*. 2ª ed. São Paulo: Loyola, 2011.
- AUBIN, Catherine, Colaboradoras do Criador: *L'osservatore Romano*, Aparecida 13 nov. 2014, p. 8/9.
- BENTO XVI, Papa. *Deus Caritas Est*. São Paulo: Loyola, 2006.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM, 9. Impr. São Paulo: Paulus, 2000. (Coord.: Gilberto da S. Gorgulho; Ivo Storniolo; Ana Flora Anderson).
- BRUNELLI, Delir. *Ele se fez caminho e espelho: O seguimento de Jesus Cristo em Clara de Assis*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- COLLIN, Dom B. et al. *Itinerário franciscano*. 2ª ed. Trad. Urbano Plentz. Petrópolis: Vozes, 1973.
- COMISSÃO TEOLÓGICO-HISTÓRICA DO GRANDE JUBILEU DO ANO 2000, Deus Pai de Misericórdia, São Paulo: Paulinas, 1998.
- CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, Carta aos Bispos da Igreja Católica sobre a colaboração do homem da mulher na Igreja e no mundo, Cidade do Vaticano: Libreria editrice vaticana, 2004.
- CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, Instrução sobre alguns aspectos da teologia da libertação. Disponível em: <[http://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/cfaith/documents/rc\\_con\\_cfaith\\_doc\\_19840806\\_theology-liberation\\_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19840806_theology-liberation_po.html)>. Acesso em 15 de Jun. 2015.
- \_\_\_\_\_. *Bíblia e moral: raízes bíblicas do agir cristão*. São Paulo: Paulinas, 2009.
- CRUZ, Luiz. *A alma do embrião humano*. Dissertação de doutorado em bioética – Ateneu Pontifício Regina Apostolorum. Roma, 2013.
- DICIONÁRIO DE ESPIRITUALIDADE. 3. ed. Trad. Augusto Guerra e Isabel F. L. Ferreira. São Paulo: Paulus, 1993 (p. 465-473).
- FONTES CLARIANAS. Tradução Frei José Carlos Corrêa Pedroso, 4. ed. Piracicaba: Centro Franciscano de Espiritualidade, 2004.
- FONTES FRANCISCANAS, *escritos e biografias de São Francisco de Assis*. Organização SILVEIRA, Idelfonso. 9ª edição, Petrópolis: Vozes, 2000.
- FRANCISCO, Papa. A diferença é para a comunhão: *L'osservatore Romano*, Aparecida, 2015, p. 20.

\_\_\_\_\_. A imagem de Deus é o casal matrimonial: *L'osservatore Romano*, Aparecida, 2014, p 12.

\_\_\_\_\_. *Audiência Geral:* Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/peace/documents/papa-francesco\\_20131208\\_messaggio-xlvi-giornata-mondiale-pace-2014.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/peace/documents/papa-francesco_20131208_messaggio-xlvi-giornata-mondiale-pace-2014.html)>. Acesso em 20 Abr. 2015.

\_\_\_\_\_. *Laudato Si*, São Paulo: Paulus, 2015.

FRANCISCO, Papa. *Misericordiae vultus*. Trad. São Paulo: Paulinas, 2015.

GIORDANI, Bruno. *A mulher na vida religiosa: aspectos psicológicos*. Trad. Orlando Soares. São Paulo: Loyola, 1995.

JOÃO PAULO II, Papa. *Audiência Geral:* Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/audiences/1983/documents/hf\\_jp-ii\\_aud\\_19830511.html](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/audiences/1983/documents/hf_jp-ii_aud_19830511.html)>. Acesso em 18 Set. 2015.

\_\_\_\_\_. *Audiência Geral:* Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2010/documents/hf\\_ben-xvi\\_aud\\_20100915.html](http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2010/documents/hf_ben-xvi_aud_20100915.html)>. Acesso em 18 Ag. 2015.

\_\_\_\_\_. *Carta do Papa João Paulo II às mulheres:* Disponível em: <[https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/letters/1995/documents/hf\\_jp-ii\\_let\\_29061995\\_women.html](https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/letters/1995/documents/hf_jp-ii_let_29061995_women.html)> Acesso em 20 Abr. 2015

\_\_\_\_\_. *CATECISMO IGREJA CATÓLICA*, 2ª edição, Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2000.

\_\_\_\_\_. *Discurso ao povo de Assis:* Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1982/march/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_19820312\\_popolo-assisi.html](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1982/march/documents/hf_jp-ii_spe_19820312_popolo-assisi.html)> Acesso em 4 Out. 2015.

\_\_\_\_\_. Encíclicas de João Paulo II: *Dominum et vivificantem*, 2ª edição, São Paulo: Paulus, 2006.

\_\_\_\_\_. Encíclicas de João Paulo II: *Redemptor hominis*, 2ª edição, São Paulo: Paulus, 2006.

\_\_\_\_\_. Encíclicas de João Paulo II: *Redemptoris Mater*, 2ª edição, São Paulo: Paulus, 2006.

\_\_\_\_\_. *Homem e Mulher o Criou:* catequeses sobre o amor humano. Bauru: Edusc, 2005.

\_\_\_\_\_. *Mulieris Dignitatem*, 6ª edição, São Paulo: Paulinas, 2005.

LECCLERC, Eloi. *O cântico das criaturas ou símbolos da união*. Petrópolis: Vozes, 1977.

OLIVEIRA, Bernardo, OCSO. *Amizades trasfiguradas: amigos e amigas pelo Reino*. Tradução Maria Zuleika Teixeira Bezerra. Juiz de Fora: Edições Subiaco, 2006.

PEDROSO, José Carlos Corrêa, OFMcap. *O Cristo de Clara*. 2 ed. Piracicaba, SP: Centro franciscano de espiritualidade, 2012.

PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. *Bíblia e moral: raízes bíblicas do agir cristão*. São Paulo: Paulinas, 2008.

RAVASI, Gianfranco. *A solidariedade começa em Adão: L'osservatore Romano*, Aparecida 13 fev. 2014. p. 12.

SCALA, Jorge. *Ideologia de Gênero*. São Paulo: Editora Katechesis, 2011.

STÖCKL, Fidélis. *Maria e a Igreja, duas Mães ou uma só? Uma reflexão sobre a missão e a presença de Maria na Igreja* in: SAPIENTÍIA CRUCÍS, ano V n. 5. Anápolis. 2004. p. 69-129.

THANNER, Nathanael. *'Pai nosso que estais nos Céus' Por que 'Deus Pai' não 'Deusa Mãe'?* in: SAPIENTÍIA CRUCÍS, ano III n. 3. Anápolis. 2002. p. 61-87.

\_\_\_\_\_. *Cristo, o Esposo - a Igreja, a Esposa* in: SAPIENTÍIA CRUCÍS, ano XVI n. 16. Anápolis. 2015. p. 53-140.

\_\_\_\_\_. *'Deus amou tanto o mundo que enviou-nos Seu Filho como Vítima de Expição pelos nossos pecados'* in: SAPIENTÍIA CRUCÍS, ano VIII n. 8. Anápolis. 2007. p. 21-123.

\_\_\_\_\_. *O 'Único Sacrifício Perfeito'* in: SAPIENTÍIA CRUCÍS, ano V n. 5. Anápolis. 2004. p. 131-196.

VATICANO II, *Documentos conciliares: constituições decretos declarações*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1998.

WAGNER, William, ORC. *Teologia da Criação*. Insitutm Sapientiae, s.d.